

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional**  
**Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**

Francivaldo José da Conceição Mendes

**ESSE RIO É MINHA RUA:**  
**práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira-PA, no contexto da construção da**  
**Usina Hidrelétrica Belo Monte**

Belo Horizonte  
2025

Francivaldo José da Conceição Mendes

**ESSE RIO É MINHA RUA:  
práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira-PA, no contexto da construção da  
Usina Hidrelétrica Belo Monte**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de doutor em Estudos do Lazer.

Orientadora: Dra. Christianne Luce Gomes

Belo Horizonte  
2025

M538e Mendes, Francivaldo José da Conceição  
2025 Esse rio é minha rua: práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira-PA, no contexto da construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte. [manuscrito] / Francivaldo José da Conceição Mendes – 2025.  
176 f.: il.

Orientadora: Christianne Luce Gomes

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.  
Bibliografia: f. 133-143

1. Lazer – Teses. 2. Meio ambiente – Teses. 3. Lazer – Altamira (PA) – Teses. 4. Usinas hidrelétricas – Teses. I. Gomes, Christianne Luce. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA

**ATA DA 112ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO  
FRANCIVALDO JOSÉ DA CONCEIÇÃO MENDES**

Às **14:00** horas do dia 21 de janeiro de 2025, reuniu-se de maneira virtual, através da plataforma *Google Meet* a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "ESSE RIO É MINHA RUA: práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira-PA, no contexto da construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte", requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Christianne Luce Gomes, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

| Membros da Banca Examinadora                     | Aprovado | Reprovado |
|--|----------|-----------|
| Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (Orientadora) | x        |           |
| Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani (USP)    | x        |           |
| Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)           | x        |           |
| Prof. Dr. Márcio Douglas Brito Amaral (UFPA)     | x        |           |
| Profa. Dra. Mirleide Chara Bahia (UFPA)          | x        |           |

Após as indicações o candidato foi considerado: **Aprovado**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 21 de janeiro de 2025.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Christianne Luce Gomes (Orientadora)

Prof. Dr. José Guilherme Cantor Magnani (USP)

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)

Prof. Dr. Márcio Douglas Brito Amaral (UFPA)

Profa. Dra. Mirleide Chara Bahia (UFPA)



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Rosa, Coordenador(a)**, em 06/02/2025, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mirleide Chara Bahia, Usuário Externo**, em 06/02/2025, às 19:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Christianne Luce Gomes, Professora do Magistério Superior**, em 12/02/2025, às 13:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcio Douglas Brito Amaral, Usuário Externo**, em 19/02/2025, às 15:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **José Guilherme Cantor Magnani, Usuário Externo**, em 19/02/2025, às 17:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3878862** e o código CRC **EF09F1CD**.

À Francisca da Conceição Mendes, minha mãe.

## AGRADECIMENTOS

A escrita desse tópico evoca diferentes dimensões da minha trajetória, trazendo-me à memória a célebre alegoria de Dante Alighieri permitindo-me, ao nível da metalinguagem, correlacionar minha jornada aos círculos concêntricos de sua *Divina Comédia* com a ressalva de que, diferentemente da caminhada linear do poeta florentino, no meu caso, muitas vezes progredi, noutras recuei.

Isso porque, a construção dessa tese coincidiu com vários percalços e particularidades da vida humana, a exemplo da pandemia deflagrada pelo vírus SARS-CoV-2, dos problemas de saúde que acometeram a mim, meu pai e a minha irmã, mas também da felicidade em ter concluído meu doutorado em Geografia no PPGEO/UFPA (iniciado em 2019 e defendido em 2023), em ter sido aprovado e nomeado para o cargo de Docente da UEPA, além da minha atual condição de servidor público federal, o que me proporcionou as condições materiais necessárias para que eu pudesse me dedicar integralmente às duas agendas de doutorado e ajudar minha família dentro do possível, razão pela qual agradeço a Deus e ao Estado brasileiro.

Retomando a digressão metalinguística, se Dante teve Virgílio como guia, minha mãe, Francisca da Conceição Mendes, foi e continua sendo a minha. Sua firmeza no ano de 1997, ao contrapor-se aos planos do meu pai, foi determinante para eu seguir o caminho da educação e do conhecimento. Sempre presente, sua força guiou-me pelos círculos concêntricos dessa jornada, ressoando tal qual o empíreo descrito por Dante: *“tua mão presta socorro, e não só guarda aos que pedem, mas está sempre aberta a conceder, mesmo antes que se peça. Em ti misericórdia, em ti piedade, em ti a compaixão, em ti a caridade; ó soberana Mãe, em ti toda a bondade<sup>1</sup>”*. Em seu nome agradeço a toda minha família, especialmente ao meu pai, Antônio Correia Mendes, homem de existência e sociabilidade simples que me educou pelo trabalho e, mesmo nos anos difíceis, quando a colheita era escassa ou a empreitada não nos rendia lucros, renovava nossa esperança ao dizer: *“esse ano não, mas o ano que vem será melhor”*.

Agradeço a minha orientadora, Dra. Christianne Luce Gomes, cuja dedicação, capacidade de síntese e rigor acadêmico foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Suas orientações, frequentemente desafiadoras no plano teórico-metodológico, impulsionaram-me a reavaliar e a ampliar minhas perspectivas sobre o objeto em análise, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do campo dos estudos do lazer e suas interrelações com as dinâmicas socioespaciais inerentes à Amazônia brasileira.

Registro, igualmente, meu agradecimento ao Professor Dr. Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior, proeminente intelectual amazônida, que no contexto do exame de qualificação honrou-me com a emissão do parecer sobre a minha tese. Além disso, num momento crucial da construção desta tese, emergiu como uma bússola orientando-me em direção aos meus “sonhos de rio”.

Agradeço aos Professores Dr. José Guilherme Cantor Magnani, Dr. Márcio Douglas Brito Amaral e às Professoras Dra. Maria Cristina Rosa, Dra. Mirleide Chaar Bahia, Dra. Joyce Kimarce do Carmo Pereira e Dra. Lucília da Silva Matos por aceitarem a tarefa da leitura e avaliação da pesquisa que ora apresento.

Agradeço ao amigo Dilailson Araújo de Souza que gentilmente me auxiliou no tratamento dos dados da pesquisa, ensinando-me sobre a Análise de Coordenadas Principais (PCoA). Sua paciência na formatação dos *scripts*, bem como os constantes diálogos em face da minha pesquisa, construídos na informalidade cotidiana, foi determinante para o término desta tese.

---

<sup>1</sup> Alighieri (2022, p.247).

Agradeço ao amigo e Coordenador Dr. José Roberto Zaffalon Júnior por sempre estar disposto a dialogar e me ajudar em assuntos acadêmicos.

Agradeço aos colegas do doutorado e mestrado do PPGIEL turma 2020 com os quais pude dialogar, falar um pouco sobre a Amazônia e aprender sobre outras realidades desse país tão diverso.

Agradeço a todos os Professores e Professoras do PPGIEL e aos servidores técnicos da UFMG. Por fim, agradeço aos interlocutores dessa pesquisa que compartilharam seu tempo e suas memórias sobre suas experiências de lazer nos rios de Altamira, sem as quais o resultado desta tese não seria possível!

Finalmente, agradeço a oportunidade de ter estudado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), instituição pública, de qualidade e socialmente referenciada, espaço que o destino me reservou para encerrar e transitar por um importante círculo da minha vida!

## RESUMO

O objetivo geral desta tese é compreender as permanências e as emergências das experiências de lazer nos rios urbanos de Altamira em face da contradição materializada, de um lado, pela lógica da reprodução capitalista; de outro lado, pelas (re)existências da cultura ribeirinha. Esta pesquisa teve como *locus* de investigação uma parte do rio Xingu, especialmente a que banha o núcleo urbano de Altamira e seus afluentes urbanos, localmente denominados de Igarapé Altamira, Igarapé Ambé e Igarapé Panelas. Busquei responder à seguinte questão-problema: considerando a histórica relação que os moradores de Altamira-PA têm com os rios para as vivências do lazer, de que maneira a construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte (UHBM) (re)definiu a dinâmica do lazer nessas espacialidades fluviais? Fundamentando-me no conceito de “evento”, uma categoria sistematizada por Santos (2017), o instrumental teórico-metodológico baseou-se na existência de duas temporalidades distintas e interdependentes. O “tempo 01” confere sentido às práticas de lazer que existiam nos rios urbanos antes da construção da UHBM, já o “tempo 02” reflete a emergência da “nova” dinâmica do lazer nos rios urbanos após a materialização do evento UHBM. O percurso metodológico, de viés qualitativo, contou com estudo bibliográfico associado à participação de 40 voluntários, sendo 30 respondentes e 10 entrevistados. Os resultados da pesquisa permitem compreender as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira nas duas temporalidades distintas mediadas pelo evento da UHBM. Antes da construção da UHBM às práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira associavam-se sobretudo à centralidade das praias de água doce, assim como a bares e restaurantes localizados à beira-rio. O evento UHBM, portanto, acelerou um conjunto de transformações socioespaciais nas fluvialidades do lazer em Altamira, constatadas em função da criação das praias artificiais, dos parques lineares, além da remoção compulsória de pelo menos 22 mil moradores das margens dos rios urbanos. Após o evento UHBM novas formas-conteúdos do lazer emergiram nos rios urbanos de Altamira, caracterizadas pela criação de espaços requalificados, a exemplo dos parques lineares, dos portos fluviais, dos espaços privados a beira-rio, como as marinas e os balneários particulares. Soma-se a isso, a emergência de novos hábitos, a exemplo da prática do caiaquismo e da natação, esta última reproduzindo um viés de competição. Os resultados reiteram que, a despeito das profundas alterações socioespaciais aceleradas por ocasião da UHBM, os rios urbanos de Altamira permanecem como centralidades para a concretização das diferentes práticas de lazer.

Palavras-chave: Lazer; rios urbanos; Amazônia; hidrelétrica.

## ABSTRACT

The overarching objective of this thesis is to comprehend the persistence and emergence of leisure activities along Altamira's urban rivers, particularly the inherent contradictions between the logic of capitalist reproduction and the continued (re)existence of riverside culture. The research was conducted in a section of the Xingu River, specifically the urbanized area of Altamira which the river runs along and its tributaries, locally known as Altamira stream, Ambé stream, and Panelas stream. The objective was to address the following research question: In light of the historical relationship between the Altamira-PA people and the rivers for leisure experiences, how has the construction of the Belo Monte Hydroelectric Station (UHBM) (re)defined the dynamics of leisure in these riverine spaces? The theoretical-methodological instrument was based on the existence of two distinct and interdependent periods, as systematized concept of “event” by Santos (2017). The "1<sup>st</sup> Time" provides a context for understanding the leisure practices that existed in urban rivers before to the construction of the UHBM, while the "2<sup>nd</sup> time" reflects the emergence of the "new" dynamics of leisure in urban rivers after the materialization of the UHBM event. The methodological approach was qualitative in nature and included a bibliographical study associated to the participation of 40 volunteers, 30 of them were respondents and 10 were interviewees. The findings of the study permit an understanding of the leisure practices on Altamira's urban rivers in the two distinct periods mediated by the UHBM event. Previous UHBM building, the leisure activities on Altamira's urban rivers were predominantly associated with the centrality of freshwater beaches, as well as bars and restaurants situated along the riverside. The UHBM event thus precipitated a series of socio-spatial transformations in Altamira's river leisure activities, as evidenced by the establishment of artificial beaches and linear parks, in addition to the mandatory displacement of at least 22,000 inhabitants from the banks of urban rivers. Following the UHBM event, new forms of leisure content emerged on Altamira's urban rivers characterised by the creation of reclassified places, including linear parks, river ports, private river areas such as marinas and private river resorts. Furthermore, new habits have emerged, such as kayaking and swimming, the last of which has introduced a competitive element. The results indicate that, despite the significant socio-spatial transformations initiated by the UHBM, Altamira's urban rivers continue to serve as a focal point for diverse leisure activities.

Keywords: Leisure; Urban rivers; Amazon; Hydroelectric.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1– Vista da Praia Artificial, Orla de Altamira-PA.....  | 14  |
| Figura 2 – Rio Xingu em frente à cidade de Altamira .....  | 29  |
| Figura 3 – Corpos hídricos da Amazônia brasileira .....  | 30  |
| Figura 4 – Nuvem de palavras.....  | 53  |
| Figura 5 – Caiaquismo e natação no rio Xingu – setembro de 2024.....   | 54  |
| Figura 6– Casas em palafitas na “invasão dos padres” – leito do Igarapé Ambé – antes da construção da UHBM ..... | 60  |
| Figura 7 – Ida ao rio, antes e depois da UHBM.....   | 61  |
| Figura 8 – Vista Aérea da orla fluvial de Altamira/2022 .....  | 62  |
| Figura 9 – “Caneludas” .....   | 66  |
| Figura 10 – Orla de Altamira na década de 1940.....  | 70  |
| Figura 11– Praia do Pajé em Altamira-PA, antes da UHBM.....  | 71  |
| Figura 12 –Principais praias de água doce existentes antes de Belo Monte.....                                    | 72  |
| Figura 13 – Praia do Pedral na década de 1990 .....  | 73  |
| Figura 14 – Principais meios de transporte utilizados para ir ao rio .....                                       | 74  |
| Figura 15 – Titularidade das ilhas na concepção dos entrevistados.....   | 77  |
| Figura 16 – Casas em palafitas no assentamento da “Invasão dos Padres” .....                                     | 80  |
| Figura 17 – Frequência a bares à beira rio, Altamira-PA.....   | 82  |
| Figura 18 – Praia do Pedral em 2024 .....  | 83  |
| Figura 19 – Os nexos de re-estruturação da cidade e da rede urbana – Altamira e RIA.....                         | 88  |
| Figura 20 – Intervenções requalificadoras nas margens do Igarapé Altamira .....                                  | 93  |
| Figura 21– Projetos das três praias artificiais em Altamira-PA .....   | 96  |
| Figura 22 – Praia artificial do Massanori-Altamira-PA, em 2024. ....   | 97  |
| Figura 23 – Representação da metáfora do interesse coletivo nacional.....  | 99  |
| Figura 24 – Igarapé Ambé, anos 90 – Altamira-PA.....   | 102 |
| Figura 25 – Atividades de lazer no rio Xingu, antes e depois da construção da UHBM .....                         | 107 |
| Figura 26 – Balneário “Cantinho do Cipó Ambé” .....  | 111 |
| Figura 27 – Vista panorâmica das margens do Igarapé Altamira .....   | 112 |
| Figura 28 – Marina particular em Altamira-PA.....  | 114 |
| Figura 29 – Praticantes de caiaquismo no Igarapé Panelas.....  | 115 |
| Figura 30 – Competição de natação no rio Xingu, em setembro de 2024.....   | 116 |
| Figura 31– Praia do Pajé, antes da construção da UHBM .....  | 120 |
| Figura 32 – Inauguração da Praia artificial do Massanori em 2024.....  | 123 |
| Figura 33 – Redes armadas sob as árvores na praia do Massanori/2024 .....  | 125 |
| Figura 34 – Restaurante na margem do rio Xingu em Altamira-PA/2024.....  | 127 |
| Quadro 1 – Temporalidades do lazer nos rios urbanos de Altamira à luz da construção da UHBM ....                 | 21  |
| Quadro 2 – Informações dos respondentes.....   | 23  |
| Quadro 3 – Informações dos entrevistados .....   | 24  |
| Quadro 4 – Análise de conteúdo de acordo com Bardin (2011) .....   | 26  |
| Quadro 5 – Fluvialidades em Altamira-PA.....   | 52  |
| Quadro 6 – Dinâmicas ribeirinhas em Marabá-PA, Santarém-PA, Cametá-PA .....                                      | 58  |
| Quadro 7 – Caracterização do lazer no rio e lazer do rio .....   | 121 |
| Quadro 8 – Dinâmica fluvial em Altamira-PA, após o evento UHBM.....  | 125 |
| Esquema 1 – Espacialidade do lazer na vida cotidiana da cidade de Altamira-PA .....                              | 13  |
| Esquema 2 – Evento, com base em Santos (2006).....   | 86  |

|  |     |
|--|-----|
| Mapa 1– Praias de água doce existentes antes da construção da UHBM .....                     | 75  |
| Mapa 2 – Perímetro do Igarapé Altamira antes e depois da UHBM.....                           | 92  |
| Mapa 3 – Mapa de localização da praia artificial da “Orla de Altamira” e do “Massanori”..... | 100 |

### **LISTA DE ABREVIATURAS**

ADA - Área Diretamente Afetada  
CBEL - Congresso Brasileiro de Estudos do Lazer  
IBAMA - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
MXVPS - Movimento Xingu Vivo para Sempre  
NESA - Norte Energia Sociedade Anônima  
PBA - Plano Básico Ambiental  
PPGIEL - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer  
PPGEO - Programa de Pós-Graduação em Geografia  
RBEL- Revista Brasileira de Estudos do Lazer  
RUC - Reassentamento Urbano Coletivo  
SESC - Serviço Social do Comércio  
SNUC- Sistema Nacional de Unidade de Conservação  
UEPA- Universidade do Estado do Pará  
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais  
UFPA - Universidade Federal do Pará  
UHBM - Usina Hidrelétrica Belo Monte

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>  | <b>12</b>  |
| 1.1 Objetivos  | 20         |
| 1.2 Metodologia  | 21         |
| 1.3 Estratégias metodológicas  | 22         |
| 1.4 Análise dos dados  | 24         |
| <br>   |            |
| <b>2 CAPÍTULO I – O OBJETO DE PESQUISA E OS ESTUDOS DO LAZER: UMA APRESENTAÇÃO NECESSÁRIA</b>  | <b>28</b>  |
| 2.1 Nos meandros dos rios: um mergulho nas águas da pesquisa   | 28         |
| 2.1.1 Os estudos do lazer: um panorama   | 33         |
| 2.2.2 Contextualizando as expressões de lazer da Amazônia brasileira   | 38         |
| 2.3 As Fluvialidades nos rios urbanos: uma possibilidade teórico-metodológica para o campo dos estudos do lazer  | 47         |
| 2. 3.1 Fluvialidades nos rios urbanos: mergulhando em busca de um conceito   | 48         |
| <br>   |            |
| <b>3 CAPÍTULO II: DO RIO QUE CORRE EM NÓS AO RIO FERIDO DE MORTE: PRÁTICAS DE LAZER NOS RIOS URBANOS DE ALTAMIRA-PA, ANTES E DURANTE A CONSTRUÇÃO DA UHBM.</b> | <b>56</b>  |
| <br>   |            |
| 3.1 Altamira-PA: uma cidade a beira-rio  | 56         |
| 3.2 O rio que corre em nós   | 64         |
| 3.3 Práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira: temporalidade anterior à construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte                                       | 69         |
| 3.4 A UHBM como um evento: (re)definições das práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira   | 84         |
| 3.5 O rio ferido de morte e a criação das praias artificiais em Altamira-PA  | 95         |
| <br>   |            |
| <b>4 CAPÍTULO III – O RIO QUE VIVE PARA SEMPRE: EXPERIÊNCIAS DE LAZER NOS RIOS URBANOS DE ALTAMIRA-PA, DEPOIS DA CONSTRUÇÃO DA UHBM</b>                        | <b>101</b> |
| 4.1 Esse rio é minha rua: permanências do lazer nos rios urbanos de Altamira-PA  | 101        |
| 4.2 Esse rio (ainda é) minha rua? Novos conteúdos do lazer nos rios urbanos de Altamira.   | 109        |
| 4.3 O rio como condição e produto das práticas fluviais do lazer na cidade de Altamira-PA.   | 117        |
| <br>   |            |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>128</b> |
| <br>   |            |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>133</b> |
| <br>   |            |
| <b>APÊNDICE</b>  | <b>146</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Recentemente, defendi junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Federal do Pará (UFPA) a tese intitulada “entre o vivido e o concebido: a espacialidade do lazer na vida cotidiana da cidade de Altamira-PA” (Mendes, 2023). Tratou-se de um esforço (inter)disciplinar para operacionalizar a categoria do lazer em face dos estudos urbanos, ramo da geografia humana.

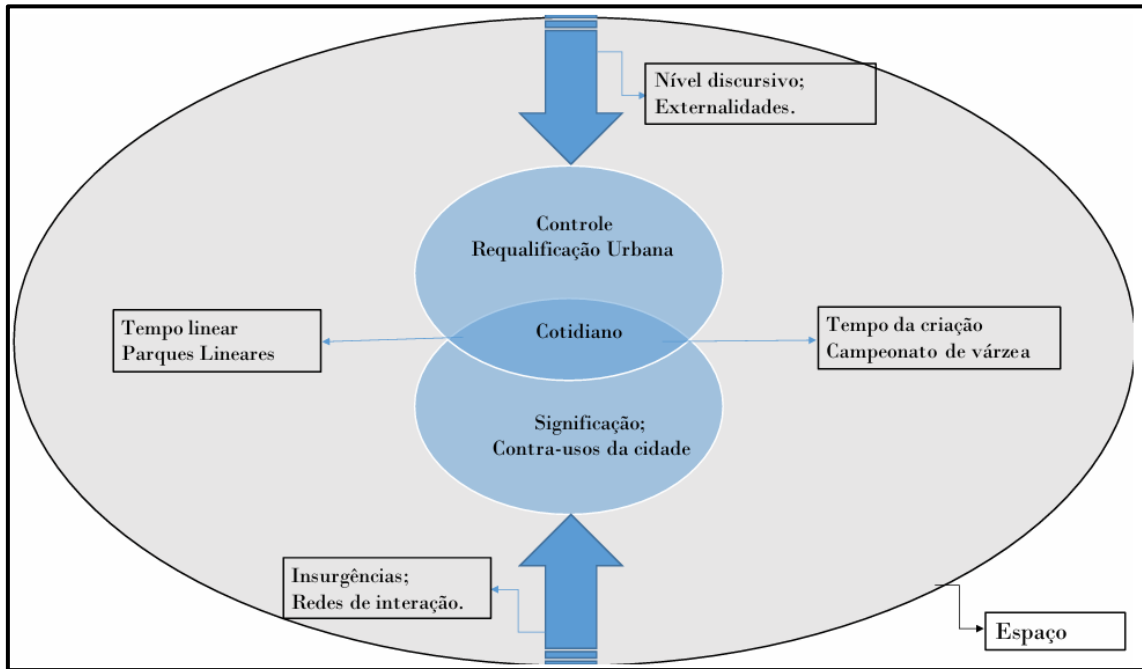
O que nomeei de “a espacialidade do lazer na vida cotidiana da cidade de Altamira-PA”, resultou de uma reflexão empírico-analítica, cuja base fora a “teoria social do espaço”, tese apresentada por Lefebvre (2000), cuja síntese está fundamentada na chamada tríade dialética:

A teoria da produção do espaço de Lefebvre está consubstanciada numa articulação entre linguagem (sintagmática, paradigmática e simbólica) e espaço (prática espacial, representação do espaço e espaços de representação). Dessa relação biunívoca (triádica e dialética) sobressai-se o espaço enquanto produção social (Mendes, 2023, p 37).

Na referida tese mobilizei as práticas espaciais de lazer em Altamira-PA a partir da categoria cotidiano, que em Lefebvre é a conjunção de três dimensões da vida social: o trabalho, a vida privada e o lazer, sendo o local onde se apresenta a coação, os limites, mas também onde se gestam as possibilidades (Lefebvre, 1991).

Uma das conclusões permitiu afirmar que “embora as formas da cidade capitalista privilegiem o controle e a racionalidade, existem práticas subjacentes a esse ideário moderno” (Mendes, 2023, p. 192), conforme esquema 1.

Esquema 1 – Espacialidade do lazer na vida cotidiana da cidade de Altamira-PA



Fonte: Mendes (2023, p. 193).

Feita a caracterização da tese defendida junto ao PPGEU/UFPA, ênfase, de início, que o objeto de análise aqui postulado não é o mesmo da referida tese, embora a ela se articule em alguma escala. Também é válido ressaltar que, eventualmente, algumas posições teóricas e políticas expostas ao longo desse trabalho podem reiterar posições já defendidas na tese, o que deve ser considerado em perspectiva, pois embora se trate de objetos distintos, minha trajetória e a visão de mundo permanecem.

Por isso, a tese aqui postulada se propôs a discutir um nexos do lazer, qual seja: as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira-PA, uma cidade situada na margem esquerda do rio Xingu (Figura 1).

Figura 1– Vista da Praia Artificial, Orla de Altamira-PA



Fonte: Dados da pesquisa.

A presente pesquisa tem como referência temporal o período da construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte (UHBM) – uma obra construída a 54 km da sede do município de Altamira – entre os anos de 2011–2015. Inicialmente denominado Kararaô<sup>2</sup>, o projeto da UHBM remonta à década de 1970, quando a Centrais Elétricas do Norte do Brasil S/A (ELETRONORTE) iniciou os estudos do inventário Hidrelétrico da Bacia Hidrográfica do rio Xingu (Nunes, 2021a, p. 20).

De modo geral, esta pesquisa investigou as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira-PA, antes, durante e depois da construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte (UHBM).

O objetivo, portanto, foi compreender as permanências e as emergências das experiências de lazer nos rios urbanos de Altamira em face da contradição materializada, de um lado, pela lógica da reprodução capitalista; de outro lado, pelas (re)existências da cultura ribeirinha.

Nesta tese, a operacionalização teórico-metodológica das práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira-PA, analisadas no contexto de uma megaobra de infraestrutura – a UHBM – teve como fundamento teórico a categoria de evento, uma formulação apresentada pelo geógrafo Milton Santos:

Se consideramos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo

<sup>2</sup> Neste link <https://www.youtube.com/watch?v=TrIzcBgLMlQ>, há o registro (em 1989) do momento exato em que a indígena Tuíra ergue seu facão contra o representante da Eletronorte no evento em que se discutia sobre a então barragem Kararaô.

de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo (Santos, 2017, p. 144).

Soma-se ao instrumental teórico de Santos (2017) as reflexões apresentadas por Trindade Júnior (2011, 2013, 2016, 2022), em que o autor apresenta as diferentes dinâmicas e processos socioespaciais que se materializam nas cidades e nos rios da Amazônia brasileira. Além do trabalho de Trindade Júnior (2011, 2013, 2016, 2022), outros autores contribuíram com a fundamentação desta pesquisa, a exemplo do estudo de Martins (1996), Castro (2012) e Bahia (2012).

Como parte do exercício de mediação há de se situar Altamira, e as práticas de lazer nos rios, como parte da região e da cultura Amazônica brasileira, ao mesmo tempo, em que se problematiza uma concepção discursiva que toma essa região como um espaço idealizado. A propósito, essa visão fragmentada, essencializada e muitas vezes dual, constitui um desafio para a consecução de pesquisas sobre o espaço Amazônico.

Um desses dualismos refere-se ao contraponto entre natureza e sociedade. Por vezes é a floresta o elemento principal na definição/delimitação do que vem a ser ou não amazônico, como se, ultrapassados os limites do bioma em referência, às relações e as configurações socioespaciais se alterassem automaticamente. O contrário também acontece, quando se desconsideram os atributos da natureza como referenciais para se reconhecer as particularidades regionais, centrando-se o foco nas representações sociais que a partir dela se constroem e associando-a apenas a uma simples “invenção” (Trindade Júnior, 2022, p. 27).

O autor apresenta outra perspectiva para se analisar os processos, as trajetórias e as dinâmicas subjacentes ao rio na Amazônia. O desafio, porém, que Trindade Júnior (2016) chama atenção, é a necessidade de construir análises ideais sem incidir em idealizações. Para este autor, o rio produz a sociabilidade amazônica ao mesmo tempo em que é produzido pela dinâmica socioespacial dessa região.

Tendo em vista essa premissa, cumpre-me aqui apresentar o meu rio sob um ponto de vista que me coloca no centro da minha própria história e, com isso, tentar reunir vários de seus fragmentos, de forma a permitir a construção do seu sentido de totalidade, que não é simplesmente a ideia de que tudo está em conexão com tudo, nem de que o todo é maior que as partes, mas, sobretudo, a “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um dato qualquer (classe de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendidos<sup>3</sup>”. Entendo, portanto, essa totalidade como uma unidade cuja compreensão não deve jamais dissimular a contradição e os conflitos mais essenciais e mais profundos, da mesma forma que essa mesma contradição e esses conflitos não devem dissimular a unidade, conforme

---

<sup>3</sup> KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 35.

propõe Henri Lefebvre<sup>4</sup> (Trindade Júnior, 2016, p. 25 — *notas do autor*).

Um exemplo demonstrado por Trindade Júnior (2016), que subsidia o objeto aqui pesquisado, reside na relação cidade-rio, a qual pode ser analisada a partir das diferenças, mas também das suas complementaridades. Na sua formulação, o autor chama atenção para a existência das cidades ribeirinhas (cuja sociabilidade, vida cotidiana e economia estão baseadas nas permanências e nas dinâmicas da cultura ribeirinha) e para as cidades beira-rio (aquelas mediadas pelos signos da modernidade, especialmente pelos interesses econômicos e financeiros).

Avançando na sua formulação, fundamento para essa análise, Trindade Júnior (2016) propõe outra distinção que supera análises dualistas. Assim, se no primeiro momento o autor apresentou as diferenças e as complementaridades da relação cidade-rio, no segundo momento o autor apresenta a relação cidade-floresta. Neste caso, as tipologias que se apresentam refletem, de um lado, a natureza moderna e a concepção exógena de desenvolvimento: tem-se a cidade na floresta. Por outro lado, as permanências da vida rural e a baixa capilarização dos elementos da modernidade refletem a cidade da floresta.

Todavia, essas diferenças e complementaridades não devem ser entendidas como estáticas ou, no caso das cidades ribeirinhas, como essência de um tempo-espaço que permanentemente está congelado. Ao contrário disso, existe uma tensão que articula os conteúdos imanentes tanto da cidade ribeirinha, quanto da cidade beira-rio que nas palavras de Trindade Júnior (2011) não se confundem.

Essa é a base da formulação teórica e metodológica proposta por Trindade Júnior (2013) para a ideia de urbanodiversidade, uma noção categorial que avança para além da perspectiva de região homogênea, sugerindo a coexistência de diferentes tempos-espaços.

A urbanodiversidade assim entendida é revelada não somente por diversas formas de cidades e pela existência de múltiplos tipos de urbanização que decorrem normalmente de processos originados externamente à região, mas também por formas complexas de espaços que indicam a hibridização de relações definidas por contatos e resistências em face desses movimentos de diferentes naturezas que chegam à região (Trindade Júnior, 2013, p. 18).

O instrumental teórico apresentado por Trindade Júnior, (2011, 2013, 2016, 2022) é importante para a estruturação dessa tese, precisamente porque permite mobilizar a práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira para além de uma compreensão homogênea e estática.

---

<sup>4</sup> LEFEBVRE, H. La notion de totalité dan les sciences Sociales. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris, v. XVIII, p. 55-77, jan./juí. 1995.

Desse modo, seguindo as reflexões teórico-metodológicas propostas por Trindade Júnior (2011, 2016, 2022) e Santos (2017), com a categoria de evento, é possível discutir as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira, bem como a relação cidade-rio, de uma perspectiva híbrida. Em outras palavras, trata-se de uma compreensão em que as particularidades da vida social Amazônida (interações com o rio permeados de tradições) e as generalidades inerentes ao ideário capitalista estão em constante embate e em permanente mediação.

De início, algumas ponderações se fazem necessárias, sobretudo em relação a determinados conceitos que aparecerão ao longo dos capítulos, a exemplo do conceito de lazer, embora deva manter-me vigilante para não ceder à tentação da “aldeia”, aquilo que pode refletir mero regionalismo (Magnani, 2002).

No caso específico, as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira-PA refletem a dimensão imediata do processo, exigindo que se mergulhe em busca das mediações constituidoras desse todo em movimento. Essa combinação de tempo-espaço tem potencial de revelar, no movimento de retorno da abstração, o fenômeno na sua essência-aparência (Kosik, 1976).

O exercício que fundamenta a análise do presente objeto baseia-se no estudo de Martins (1996) e combina três movimentos e três complexidades dialeticamente relacionadas, num exercício regressivo-progressivo e a consideração de uma dupla complexidade da realidade social. Assim, os primeiros três movimentos estão caracterizados pela partida do presente em direção ao passado, e do passado em direção ao presente.

Ao mesmo tempo, esses movimentos coincidem e se articulam biunivocamente a três complexidades. A primeira delas corresponde à complexidade horizontal (descrição do visível), já a segunda corresponde à complexidade vertical (trata-se do movimento analítico regressivo), finalmente a terceira complexidade repercute o histórico-genético, momento em que se retorna à superfície fenomênica, ao presente (Martins, 1996, p. 20-23).

Esse imbricado de escalas, agentes e processos exige que se olhe para o espaço não apenas como receptáculo de processos, mas como um produto de relações socialmente produzidas (Lefebvre, 2000).

Nestes termos, a questão-problema desse estudo: considerando a histórica relação que os moradores de Altamira-PA têm com os rios para as vivências do lazer, de que maneira a construção da UHBM (re)definiu a dinâmica do lazer nessas espacialidades fluviais? Articula-se a quatro questões norteadoras, a saber: 1 – quais eram as principais práticas de lazer vivenciadas pelos sujeitos nos rios urbanos de Altamira, antes da construção da Usina

Hidrelétrica Belo Monte? 2 – a construção da UHBM deflagrou quais mudanças socioespaciais relativas ao lazer nos rios urbanos de Altamira? 3 – quais práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira permaneceram após a construção da UHBM? 4 – quais formas-conteúdos de lazer emergiram nos rios urbanos de Altamira após a construção da UHBM?

Com efeito, mobilizo os argumentos de Gomes (2014) para quem o lazer reflete uma condição cultural e uma prática cotidiana. Esta compreensão pode ser relacionada com o estudo de Beltrão (2003), quando este estabelece um cotejamento entre o conceito acadêmico de lazer e o conceito nativo de brincadeira, defendendo que determinadas experiências do sujeito Amazônida não cabem em disposições categoriais universalizantes.

As práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira sugerem admitir a cidade e seus conteúdos para além de tipos tradicionais. Trata-se de entender que as realidades Amazônidas são heterogêneas, e que o rio não necessariamente perdeu seu valor de uso em face do incremento do eixo rodoviário ou da inserção de grandes obras de infraestrutura, como as hidrelétricas.

Considerando a ponderação feita por Trindade Júnior (2013, 2016, 2022), Lobato e Bahia (2020) e Beltrão (2003), segundo a qual é preciso pensar as dinâmicas sociais da Amazônia considerando suas especificidades locais e regionais, a estruturação desta pesquisa vai além de concepções categoriais formuladas em contextos urbano-industriais. As práticas de lazer nos rios urbanos revelam um *ethos* do sujeito Amazônida, cuja materialidade evidencia um entrecruzamento de temporalidades e espacialidades.

Buscando avançar para além da aparência fenomênica do objeto (as práticas de lazer nos rios urbanos), convém estabelecer um nível de abstração que me aproxime das mediações históricas que ocultam e revelam esse objeto (Kosik, 1976).

Deste modo, contextualizo o objeto em análise à luz dos determinantes históricos desta região, que a partir da década de 1950 passou a ser incorporada de maneira mais intensa na política estratégica brasileira (Castro, 2012). Naquela altura, acirrou-se a disjunção cidade-rio, muito em função da escolha do modal rodoviário em detrimento do fluvial.

Foi também muito em função dessa política de modernização territorial, iniciada na segunda metade do século XX, que as cidades da Amazônia brasileira passaram a incorporar outras tipologias que não apenas o tipo tradicional de cidades da floresta e/ou de cidade ribeirinha (Trindade Júnior, 2011, 2013).

Conectados a essa política estratégica de viés modernizador e desenvolvimentista, assistiu-se a uma série de mudanças como o adensamento populacional sobre as margens dos rios urbanos (no caso de Altamira nos três afluentes urbanos do rio Xingu: o igarapé Ambé, o

igarapé Panelas e o igarapé Altamira), o aumento de despejos de efluentes no leito dos rios e uma dependência cada vez menor do rio enquanto valor de uso.

A resultante desse histórico processo, parece-me refletir diretamente na dinâmica do lazer nos rios urbanos, sendo, portanto, o ponto de partida para minhas reflexões em nível mediato.

Em coerência aos pressupostos teórico-metodológicos e buscando corresponder às formalidades do campo acadêmico, este trabalho está dividido em três capítulos teórico-empíricos, conforme descrição a seguir.

No capítulo I, apresento “o objeto de pesquisa e os estudos do lazer”. Trata-se de um debate que admite como central a orgânica relação que os sujeitos mantinham com os rios de um (a) território/cidade.

Ao estabelecer a diferenciação entre rios, córregos e igarapés destaco uma particularidade do espaço Amazônico. A partir da noção de fluvialidades em rios urbanos, discuto como o rio se apresenta como elemento organicamente integrado à vida dos povos originários e dos sujeitos citadinos. Busquei, com essa síntese, apresentar possibilidades analíticas ao campo do lazer que se ancorem nas especificidades nativas da Amazônia brasileira.

O capítulo II relaciona o “rio que corre em nós ao rio ferido de morte”. Trata-se de um momento em que se apresenta as principais práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira que existiam no período anterior à construção da UHBM e como essas práticas foram alteradas em função da construção da UHBM (2011–2015).

“O rio ferido de morte”, remete a uma expressão comumente utilizada por uma militante do movimento social (Antônia Melo), cujo apelo enfatiza a violência a que o rio Xingu foi submetido. Neste capítulo II, enfatizo algumas mudanças no tecido urbano da cidade e consequentemente na dinâmica do lazer, a exemplo da construção dos parques lineares e da criação das praias artificiais.

A resultante dessas intervenções, posiciona os rios urbanos não mais conciliados à moradia/habitação, mas conferindo legitimidade a uma nova estética paisagística. Finalmente, a criação das praias artificiais se efetivou em função da submersão da quase totalidade das praias de água doce de Altamira (a montante da barragem<sup>5</sup>).

A primeira seção do capítulo III enfatiza o “rio como rua” sugerindo uma permanência e uma singularidade da relação dos sujeitos com o rio que em cidades como Altamira não se aniquila, apesar da implementação de um objeto técnico como a UHBM. Além disso, ao longo

---

<sup>5</sup> A montante é parte do rio acima de onde se localiza a barragem de Belo Monte.

desta seção estabeleci uma mediação teórica com a *aquopoética* de Mello (1987). Trata-se da “pátria das águas”, um recurso metalinguístico emprestado do poeta citado com potencial de explicar a orgânica relação que os sujeitos da Amazônia mantêm com os rios.

A segunda seção do capítulo III apresenta as emergências dos conteúdos de lazer nos rios urbanos de Altamira. Em tom provocativo, indago se os rios de Altamira ainda exercem, como exerceu na época anterior à construção da UHBM, o papel de rua. A seção é finalizada apresentando os novos incrementos nas formas-conteúdos do lazer em Altamira, a quem nomeei de fluvialidades emergentes ou fluvialidades latentes. Finalmente, a última seção do capítulo III apresenta o rio como condição e produto das práticas de lazer.

## **1.1 Objetivos**

### **Geral**

Compreender as permanências e as emergências das experiências de lazer nos rios urbanos de Altamira em face da contradição materializada, de um lado, pela lógica da reprodução capitalista; de outro lado, pelas (re)existências da cultura ribeirinha.

### **Específicos**

- 1- Investigar as principais práticas de lazer vivenciadas pelos sujeitos nos rios urbanos de Altamira-PA, antes da construção da Hidrelétrica Belo Monte;
- 2- Analisar as redefinições espaciais nos rios urbanos de Altamira provocadas pela construção da UHBM e suas implicações nos conteúdos do lazer;
- 3- Averiguar a dinâmica social do lazer que vem sendo tecida nos rios urbanos de Altamira-PA e em suas margens após a construção da Hidrelétrica Belo Monte.

## 1.2 Metodologia

A estruturação metodológica desta pesquisa, conforme mencionado anteriormente, considerou a categoria *evento*, uma síntese apresentada por Santos (2017) que me permitiu relacionar duas temporalidades distintas em face do evento Belo Monte, um megaobra de infraestrutura construída no rio Xingu a 54 km da sede do município de Altamira.

Para investigar este contexto, tenho como referência limite para o “antes de Belo Monte” os acontecimentos que se processaram até o ano de 2010, ano em que efetivamente o governo federal realizou o leilão para construção e operação da UHBM. Essa temporalidade marca a existência do “tempo 01” (Santos, 2017).

O período compreendido entre 2011 e 2015 corresponde ao tempo de construção propriamente dito da UHBM, esse é o momento em que o evento se materializa no espaço (Santos, 2017), produzindo em Altamira uma nova configuração socioespacial.

O pós Belo Monte tem como marco temporal o ano de 2015, momento em que o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) concede a Licença de Operação<sup>6</sup> (n.º 1317/20151). Concretamente, é a partir deste período que as mudanças espaciais produzidas pela UHBM passam a produzir efeitos nos conteúdos do lazer. Essa temporalidade marca a existência do “tempo 02” (quadro 1).

Quadro 1 – Temporalidades do lazer nos rios urbanos de Altamira à luz da construção da UHBM

| Temporalidades | Período                            | Duração                              | Marco legal   |
|----------------|------------------------------------|--------------------------------------|---|
| “Tempo 1”      | Antes de Belo Monte                | Período que finda em 2010            | 02/2010 – Concessão da Licença Prévia <sup>7</sup>        |
| Evento         | Durante a construção de Belo Monte | Período compreendido entre 2011–2015 | 06/2011 – Concessão de Licença de Instalação <sup>8</sup> |
| “Tempo 2”      | Pós Belo Monte                     | Período posterior a 2015             | 11/2015 – Concessão da Licença de Operação                |

Fonte: O Autor (2022), organizado a partir de Santos (2017).

<sup>6</sup> São três os tipos de licenças necessárias a empreendimentos de barragens. A primeira é a Licença Prévia (LP), a qual é concedida na fase preliminar da obra, onde se afere a viabilidade ambiental, instituindo-se uma série de condições às fases seguintes. A segunda licença é a Licença de Instalação (LI), que autoriza o início do empreendimento, devendo se dar em linha com a dimensão ambiental e às condicionantes. Por fim, tem-se a Licença de Operação (LO), concedida por órgão ambiental para que a barragem entre em funcionamento, em operação propriamente dita.

<sup>7</sup> Licença Prévia n.º 342/2010, de 01 de fevereiro de 2010.

<sup>8</sup> Licença de Instalação n.º 795/2011, de 01 de junho de 2011.

O quadro 1 não sugere uma leitura linear da realidade, como se pretendesse estabelecer uma periodização das práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira em tempos distintos e independentes entre si. Trata-se de dois momentos distintos, com três complexidades correspondentes (Martins, 1996).

A seguir será feito um detalhamento sobre as estratégias de coleta de dados, a começar pela aplicação dos questionários aos respondentes, incluindo temas abordados, período de aplicação, critérios de inclusão, dentre outros recursos metodológicos necessários. Na sequência, detalharei também a realização das entrevistas abertas, bem como as estratégias metodológicas utilizadas para análise das entrevistas.

### 1.3 Estratégias metodológicas

De abordagem qualitativa, esta pesquisa integrou uma proposta mais ampla, cuja centralidade é o estudo dos elementos da vida cotidiana na cidade de Altamira-PA. A realização da presente pesquisa observou as seguintes etapas: 1 – levantamento bibliográfico, 2 – aplicação de questionário, 3 – realização de entrevistas abertas, 4 – análise dos dados. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo que, nas palavras de Triviños (1987), é:

[...] uma espécie de representatividade do grupo maior dos sujeitos que participarão no estudo. Porém, não é, em geral, a preocupação dela a quantificação da amostragem. E, ao invés da aleatoriedade, decide intencionalmente, considerando uma série de condições (sujeitos que sejam essenciais, segundo o ponto de vista do investigador, para o esclarecimento do assunto em foco; facilidade para se encontrar com as pessoas; tempo do indivíduo para as entrevistas, etc.) (Triviños, 1987, p.132).

A pesquisa contou com 40 participantes, sendo 30 respondentes e 10 entrevistados. Aos 30 respondentes foram aplicados dois questionários contendo perguntas referentes a dois contextos distintos: o primeiro questionário continha 24 perguntas relacionadas ao período anterior à construção da UHBM, já o segundo contou com 30 perguntas referente ao período posterior à construção da UHBM (Apêndice A).

Em ambos os questionários as perguntas focalizaram os seguintes temas: 1 – frequência ao rio, 2 – atividades preferidas realizadas no rio, 3 – espacialidades específicas visitadas nos rios, 4 – meio de transporte utilizado para acessar os rios, 5 – frequência a bares e a restaurantes à margem do rio, 6 – renda, 7 – tipo de moradia à beira-rio, 8 – localização da residência.

A aplicação dos questionários ocorreu no período compreendido entre os meses de junho de 2022 a junho de 2023. À época da pesquisa, a maioria dos respondentes tinha entre 46

e 50 anos, renda familiar entre dois e três salários, exerciam profissões como: servidor público, pescador, areeiro, barqueiro, estivador, comerciário, agricultor.

O grupo de respondentes foi constituído por pessoas maiores de 18 anos, de ambos os sexos, recrutadas a partir de uma amostragem não-probabilística (Loesch, 2012). Além da maioria, constituíram-se como critérios de inclusão para o grupo de respondentes: ser natural de Altamira ou ter migrado para esta cidade até 31/12/1988, frequentar a margem do rio Xingu e seus afluentes urbanos pelo menos três vezes por semana e ter disponibilidade para responder aos questionários. Os respondentes constituem o grupo I e responderam a dois questionários, cada um desses referindo-se a uma temporalidade distinta (quadro 2).

Quadro 2 – Informações dos respondentes

| <b>Grupo I – 1º Momento Respondentes</b> |  | <b>Grupo I – 2º Momento Respondentes</b> |  |
|--|--|--|--|
| <b>Critérios de inclusão</b>             | Nascidos ou migrantes para Altamira até 31/12/1988 | <b>Critérios de inclusão</b>             | Nascidos ou migrantes para Altamira até 31/12/1988           |
| <b>Informações requeridas</b>            | Práticas de lazer nos rios urbanos antes da UHBM   | <b>Informações requeridas-</b>           | Práticas de lazer nos rios urbanos após a construção da UHBM |
| <b>Quantidade de voluntários</b>         | 30 respondentes                                    | <b>Quantidade de voluntários</b>         | 30 respondentes  |

Fonte: Dados da pesquisa.

O grupo de entrevistados foi formado por 10 (dez) sujeitos, os quais responderam a perguntas norteadas pelos seguintes temas geradores: 1 – perfil básico do entrevistado, 2 – histórias de vida, 3 – compreensão de lazer a partir das vivências fluviais, 4 – principais conteúdos do lazer, antes e depois da construção da UHBM, 5 – as praias de água doce, 6 – o impacto da construção da UHBM nas práticas de lazer, 7 – submersão das praias de água doce e criação das praias artificiais, 8 – novos conteúdos do lazer nos rios urbanos de Altamira-PA (Apêndice B).

As entrevistas foram realizadas entre os meses de junho a setembro de 2023 e tiveram como critério de inclusão ter nascido ou migrado para Altamira até 31/12/1988. O recrutamento dos entrevistados em muito se deveu à minha inserção no circuito do lazer de Altamira, especialmente no âmbito da natação no rio Xingu, além das pesquisas que venho desenvolvendo referente a essa temática na cidade.

Apesar de a pesquisa não se estruturar a partir dos instrumentos da estatística multivariada, os temas geradores das entrevistas abertas possibilitaram a geração de um modelo de representação discursiva – nuvem de palavras, criada a partir de um pacote do *software R*.

A fim de que se mantenha resguardada a identidade dos entrevistados, seus respectivos nomes corresponderão a nomes de rios/igarapés de Altamira e da região da Transamazônica e Xingu, a saber: entrevistado 01: Ambé, entrevistado 02: Pannels, entrevistado 03: Jôa, entrevistado 04: Bacajá, entrevistado 05: Penetecal, entrevistado 06: Arrependido, entrevistado 07: Iriri, entrevistado 08: Tuna, entrevistado 09: Pitinga, entrevistado 10: Magú. Os entrevistados constituem o grupo II, cuja interlocução foi norteada pelos acontecimentos fluviais do lazer que se materializaram antes e após a construção da UHBM (quadro 3).

Quadro 3 – Informações dos entrevistados

| <b>Grupo II<br/>Entrevistados</b> |  |
|-----------------------------------|--|
| <b>Crítérios de inclusão</b>      | Nascidos ou migrantes para Altamira até 31/12/1988                   |
| <b>Informações requeridas-</b>    | Práticas de lazer nos rios urbanos antes e após a construção da UHBM |
| <b>Quantidade de voluntários</b>  | 10 entrevistados   |

Fonte: Dados da pesquisa.

Em respeito às resoluções n.º 466, de 12 de dezembro de 2012 e resolução n.º 510, de 07 de abril de 2016, esta pesquisa observou os preceitos éticos, tendo sido aprovada pelo CONEP (CAAE: 43998321.5.0000.0018) em 31/01/2022.

As respostas dos questionários e o conteúdo das entrevistas abertas foram agrupadas considerando os dois períodos (antes e depois da UHBM) e analisadas conforme dados da seção posterior.

#### 1.4 Análise dos dados

Os dados provenientes da aplicação do questionário semiestruturado foram tabulados e analisados a partir de uma organização feita na planilha do *Microsoft Excel* 2016 e do *software* R, onde cada sujeito entrevistado correspondeu a uma unidade amostral (n=30) e a dois períodos denominados “tempo 01 e tempo 02”, os quais consistiram em réplicas temporais.

A partir dos dados organizados na planilha do *Microsoft Excel* 2016 e no *software* R foi criada uma matriz de dados binários, onde as questões com respostas fechadas foram codificadas para 0 (não) e 1 (sim). Cada questão correspondeu a uma variável e os indivíduos entrevistados corresponderam às unidades amostrais. Posteriormente, submeteram-se as matrizes binárias de cada eixo temático do questionário a uma Análise de Coordenadas Principais (PCoA) com uma matriz de distância Jaccard (Legendre; Legendre, 1998), tendo em

vista que as matrizes de dados utilizada para avaliar os padrões de respostas por eixo temático em relação à espacialidade das relações de lazer com o rio, antes e depois de Belo Monte consiste em 0 e 1.

As entrevistas abertas – 10 entrevistas – foram analisadas a partir do *software* R, onde foi possível gerar um modelo de representação discursiva (nuvem de palavras) e uma análise de ordenação (PCoA). Este último permitiu demonstrar o padrão espaço-temporal predominante na relação dos sujeitos com os espaços de lazer nos rios urbanos de Altamira no momento anterior e posterior à construção da UHBM.

Para análise das entrevistas foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2011), a qual visa revelar o que está implícito no conteúdo das respostas dos participantes da pesquisa, desenvolvida em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação. Na pré-análise foi realizada a seleção do material a ser analisado, conforme os objetivos e questões norteadoras. Em seguida, foram identificados os temas e as categorias preliminares que pudessem ser relevantes.

A pré-análise também inclui a escolha das unidades de análise, que correspondem a palavras, frases ou parágrafos. A partir das unidades de análise pode-se captar e aprofundar os elementos relativos aos temas e as categorias estudadas (Bardin, 2011). Nesta pesquisa, constituem exemplos de unidade de análise: “rio Xingu”, “praias de água doce”, “praia do Pedral”, “praia do Massanori”, “praias artificiais”, “balneários”, “Belo Monte”.

Avançando para além das unidades de análise, chego aos temas, os quais representam padrões, tópicos centrais subjacentes ao conteúdo analisado, revelando-se enquanto centralidades discursivas. Já as categorias preliminares são formuladas com base nos temas identificados, a partir do que é possível estruturar concisamente os dados, facilitando sua posterior análise.

Na fase de exploração do material, os dados foram codificados conforme os critérios estabelecidos, o que envolveu a classificação e organização dos dados em categorias temáticas, permitindo a identificação de padrões e ideias centrais. Nas palavras de Bardin (2011), as categorias temáticas emergem da correlação de significados presente na análise, as quais resultam do agrupamento de diversas unidades de análise que reiteram um determinado significado.

Essas categorias podem ser de natureza dedutiva, neste caso amparadas em um referencial teórico ou de natureza indutiva, neste caso surgem do próprio material analisado. De modo geral, as categorias temáticas permitem uma compreensão aprofundada do objeto analisado.

Na análise aqui exposta, as categorias temáticas suscitam as seguintes formulações: “relação sociedade-natureza”, “relação cidade-rio”, “cidade ribeirinha”, “cidade beira-rio”, “modernização territorial”, “transformações socioespaciais”, “lazer no rio”, “lazer do rio”.

Além disso, a codificação envolveu a classificação e organização, permitindo a identificação de padrões e ideias centrais. Os padrões, de acordo com Bardin (2011), consistem em regularidades/recorrências identificados no conteúdo analisado. A partir dos padrões é possível inferir as principais tendências ou temas presentes no material analisado. Na presente pesquisa, um padrão revelado no momento anterior à UHBM era o ato de ir às praias de água doce, em geral, para acampar/pernoitar. Já no momento posterior à construção da UHBM um padrão recorrente é a ida às praias artificiais.

As ideias centrais, por sua vez, sintetizam o conteúdo analisado, constituindo-se na essência dos significados contidos no conteúdo, subsidiando a formulação e a interpretação final por parte do pesquisador, bem como a apresentação das conclusões acerca do objeto investigado (Bardin, 2011). Nesta pesquisa, uma ideia central é: “práticas de lazer nos rios urbanos subordinadas à lógica da reprodução capitalista” e “práticas de lazer nos rios urbanos marcadas pelas (re)existências da cultura ribeirinha”.

Conforme Bardin (2011), esta etapa pode seguir diferentes modalidades, como a análise categorial (que organiza os dados em temas ou categorias), análise de frequência (quantificando a presença de temas) ou análise de avaliação (examinando as conotações e significados). O objetivo foi fragmentar o conteúdo em unidades que pudessem ser comparadas e analisadas posteriormente (quadro 4).

Quadro 4– Análise de conteúdo de acordo com Bardin (2011)

|                           |  |
|---------------------------|--|
| Unidade de Análise        | rio Xingu, praias de água doce, praia do pedral, praia do massanori, praias artificiais, balneários, belo monte;   |
| Categorias Temáticas      | relação sociedade-natureza, relação cidade-rio, cidade ribeirinha, cidade beira-rio, modernização territorial, transformações socioespaciais, lazer no rio, lazer do rio;    |
| Ideias Centrais           | práticas de lazer nos rios urbanos subordinadas à lógica da reprodução capitalista e práticas de lazer nos rios urbanos marcadas pelas (re)existências da cultura ribeirinha |
| Sínteses e representações | textos, gráficos e nuvens de palavras  |

Fonte: Dados da pesquisa, com base em Bardin (2011).

No tratamento dos resultados e interpretação, após codificar e categorizar o material, os resultados foram organizados em textos, gráficos e nuvens de palavras, os quais serão apresentados e discutidos nos próximos capítulos.

## 2 CAPÍTULO I – O OBJETO DE PESQUISA E OS ESTUDOS DO LAZER: UMA APRESENTAÇÃO NECESSÁRIA

### 2.1 Nos meandros dos rios: um mergulho nas águas da pesquisa

Começo a exposição deste capítulo compartilhando alguns aspectos de minha trajetória de vida que se articulam, ao nível teórico-metodológico, à proposição e à execução deste estudo.

A palavra “meandros”, anteriormente postulada por Seabra (1987), revela-se enquanto metáfora, possibilitando-me explicar acerca de como a dinâmica dos rios da Amazônia reflete um *ethos* marcado por simbolismos, saberes; formas distintas de Ser e existir nesse Território.

Já o termo mergulho, conforme estudo de Lobato e Bahia (2020), tem por base uma prática muito comum na vida do caboclo Amazônida, a partir do qual se pode ir ao fundo do rio (ou do igarapé), quer seja para se realizar uma atividade laboral, quer seja para entreter na ambiência lúdica amazônica.

Para além dessas particularidades, abordar a temática do lazer nos rios da Amazônia, exige que se considere a multidimensionalidade presente nessa região, aquilo que Trindade Júnior (2022) nominou de sacionatureza:

O termo sacionatureza parece se adequar muito bem para a Amazônia. Nesta, a separação natureza e sociedade é mera abstração, uma vez que, na primeira, de alguma maneira, a sociedade se faz presente, seja de forma direta, por meio de alterações visíveis; seja de forma indireta, por meio de representações e valores socioculturais; e, na segunda, aquela integra-se de maneira mais ou menos alterada aos elementos socioespaciais moldados pelo trabalho humano, assim como aos imaginários simbólico-culturais da vida cotidiana (Trindade Júnior, 2022, p. 28).

Essa dimensão da sacionatureza supõe considerar o rio para além de um substrato material, onde a dimensão vivida é permeada de representações e significados:

Para a cultura ribeirinha e da floresta, os elementos do ecossistema não são meros compósitos das paisagens a constituir “gêneros de vida”, como sugeriu La Blache (1946) em seus quadros regionais particulares. Os atributos e elementos da natureza são mais que isso, pois integram dimensões dos espaços vividos (LEFEBVRE, 2000), impregnados de simbolismos, de experiências cotidianas e de imaginários histórico-culturais, intensamente relacionados, portanto, à vida humana (Trindade Júnior, 2022, p. 29).

Os rios da Amazônia, como nexos dessa natureza multidimensional, comportam diferenças e suscitam uma questão de escala, ou seja, um rio é diferente de um igarapé, e estes, por sua vez, são diferentes de um *furo*. Em geral, a definição de rio está associada a corpos

hídricos extensos e largos, ultrapassando facilmente 20 metros de largura, podendo se estender por vários quilômetros.

O rio Xingu, por exemplo, na sua porção em frente à cidade de Altamira, ultrapassa os novecentos metros de largura, já próximo à cidade de Senador José Porfírio-PA, há pontos onde a distância – de uma margem a outra – supera os 04 quilômetros. A título de exemplificação, da sua origem no planalto mato-grossense até a sua foz no baixo Amazonas, o rio Xingu se estende por mais de 1.970 quilômetros.

Figura 2 – Rio Xingu em frente à cidade de Altamira



Fonte: Dados da pesquisa.

Já os igarapés funcionam como capilares dos rios, sendo nas palavras dos nativos da Amazônia brasileira “braços” destes. Em geral, os igarapés são pequenos em extensão, variando entre 1 a 5 metros de largura, geralmente serpenteando pastagens até desembocarem num rio, findarem num açaisal (ou num baixão) ou alimentarem uma lagoa/barragem. Nas palavras de Corrêa, Gerhard e Figueiredo (2012), os igarapés são:

denominação regional dada aos riachos amazônicos, são cursos d’água de pequeno porte, caracterizados pelo leito delimitado, correnteza relativamente acentuada e baixa temperatura da água. Sua porção média e superior é quase totalmente encoberta pelo dossel da floresta ripária, e seu leito tipicamente contém acúmulo de troncos e galhos caídos (Corrêa, Gerhard e Figueiredo, 2012, p. 215).

Na figura 3, pode-se observar o rio ao centro, ao qual se ligam os demais elementos constitutivos da hidrografia Amazônica, conforme destacado até aqui.

Figura 3 – Corpos hídricos da Amazônia brasileira



Fonte: <https://fuvestibular.com.br/downloads/apostilas/vestibulando-digital/Geografia-Brasil/2-Vegetacao-do-Brasil-e-Hidrografia.pdf>

Todavia, as lembranças mais antigas que tenho da minha relação com o rio remontam à minha primeira infância e estão associadas aos pequenos igarapés no km 195 sul do município de Uruará-PA. Naquela época, em companhia dos meus pais, era muito comum aos fins de semana nos deslocarmos para o interior da floresta para pescarmos (até hoje na Amazônia brasileira grande parte das famílias têm como única fonte proteica os alimentos que conseguem extrair dos rios e/ou das florestas, como peixes e animais silvestres). Na época narrada, o retorno da escola multissérie sempre tinha uma pausa no igarapé que cortava o travessão<sup>9</sup>.

O igarapé chega em seus confins submersos sem estrondos, com sua tímida lamúria e o leve cantar da brisa no frágil pentagrama de capins. Tão diferente do mar. O mar que se exhibe sem limites a rugir imenso em sua juba azul. Orquestra coral de signos regida pela lua, pelo sol e pelas tempestades. A qual dos dois Deus acolherá no colo com maior ternura, como um avô cansado com os seus netinhos? (Loureiro, 2008, p. 47).

<sup>9</sup> Travessão é um termo que designa as estradas que permitem aos camponeses acessarem a cidade. Os travessões situam-se ao norte e ao sul da rodovia Transamazônica (BR 230) lembrando, quando olhado de cima, o formato de uma enorme espinha de peixe.

Resumidamente, minha primeira infância como toda minha adolescência teve o rio como um elemento vivo do meu cotidiano, ora se revelando como uma ambiência lúdica (especialmente pelos banhos e pescarias), ora refletida enquanto nexos do mundo do trabalho (sobretudo quando meu pai partia nas incursões de empreitada pelas fazendas da região construindo nosso barraco às margens do rio<sup>10</sup>).

Todavia, para além desse sucinto “memorial”, uma pesquisa acadêmica precisa responder (e co-responder) a uma pergunta (ou perguntas) que reflita uma inteligibilidade formal-acadêmica. Aliás, esse tem sido meu esforço acadêmico empreendido nos últimos anos, a exemplo do recente trabalho no campo da geografia urbana, a partir do qual apresentei: “elementos teórico-metodológicos para se operacionalizar o fenômeno do lazer em face do espaço social” (Mendes, 2023, p. 195).

Já no caso desta tese, formulada no campo interdisciplinar dos estudos do lazer, permaneço mobilizando teoricamente a categoria do lazer, mas enfatizando uma singularidade. Me debruço sobre esta temática principalmente em função de uma provocação que me fez repensar não apenas o modo com que os Amazônidas se relacionam com os rios, mas especialmente como eu, sendo um *nativo* desse território, ponho-me a observar esse fenômeno espacial e socialmente situado à luz da categoria do lazer.

Via de regra, supõe-se que o nativo faz, sem saber o que faz, as duas coisas — a racionalização natural e a racionalização cultural —, em fases, registros ou situações diferentes de sua vida. As ilusões do nativo são, acrescente-se, tidas por necessárias, no duplo sentido de inevitáveis e úteis (são, dirão outros, evolucionariamente adaptativas). É tal necessidade que define o ‘nativo’, e o distingue do ‘antropólogo’: este pode errar, mas aquele precisa iludir-se (Viveiros de Castro, 2002, p. 141).

A provocação a que me refiro tem a ver com a necessidade de se observar o fenômeno (as práticas de lazer nos rios urbanos) para além daquilo que me é familiar<sup>11</sup>. Apresentar um recorte das experiências do lazer a partir de uma fração do território amazônica exigiu e exige posicionar-me como um “estranho na minha própria aldeia”.

Esse estranhamento nada tem a ver com o equivocado discurso de “impessoalidade” de viés neopositivista que ainda hoje grassa no interior das ciências sociais no Brasil. O estranhamento – conceito muito mobilizado no âmbito da antropologia cultural – exige de quem

---

<sup>10</sup> Durante quase toda a sua vida de trabalho, meu pai desempenhou a atividade de *gato*, expressão que na Amazônia brasileira corresponde à função de um intermediário entre o fazendeiro e o trabalhador braçal (obviamente tal condição não elevava meu pai a uma outra condição social, senão a de um trabalhador braçal - amplamente expropriado na sua dimensão humana). Minha adolescência foi em grande medida acompanhando meu pai nessas incursões.

<sup>11</sup> De acordo com Velho (1978).

pesquisa uma compreensão para além do seu mundo, mesmo quando se é pesquisador da sua própria realidade:

Tem-se de produzir o estranhamento, metodologicamente, senão corre-se o risco de fazer uma espécie de antropologia de si mesmo, tipo autoanálise. Como é que se produz o estranhamento na própria cultura? Esta é uma questão epistemológica (Magnani, 2020, p. 8-9).

Nestes termos, a ideia do estranhamento deve partir de uma concepção empírica, mediada por um olhar teoricamente informado, superando-se assim a compreensão de que para que um campo de conhecimento ascenda a uma posição científica seja necessário privilegiar a abstração em detrimento dos estudos empíricos (Peirano, 2014).

O desafio, porém, é não sucumbir à mera descrição do objeto, nem reavivar uma compreensão dualista entre teoria e empiria, como se a primeira tivesse primazia sobre a última.

Nessa pesquisa, materializar esse estranhamento apresenta-se como uma tarefa hercúlea, especialmente por não estar diante de uma realidade desconhecida, como experienciou Malinowski com os nativos do litoral sul da Nova Guiné<sup>12</sup>. Desse modo, quando já se pertence à “aldeia” o risco de não se conseguir o estranhamento aumenta, já que:

(...) muitas vezes a familiaridade, nestes casos, não é senão o resultado de ideias preconcebidas, deformadas, quando não totalmente errôneas. Nesse sentido, a considerar a provocação teórico-metodológico tenho certo de que um dos principais desafios desse estudo é “transformar o “familiar” em “estranho”<sup>13</sup> (Magnani, 2003, p. 18).

Todavia, não se pode confundir uma categoria social com a interação entre indivíduos. Para Velho (1978), o fato de dois ou mais indivíduos pertencerem a uma mesma sociedade não significa, necessariamente, que estes sejam íntimos ou que, sendo de nacionalidades distintas, sejam indiferentes reciprocamente.

Com efeito, simplista seria admitir que apenas o compartilhamento da língua, do território nacional ou de determinados costumes sociais, sejam a base para designar que se é da mesma “aldeia”.

O que sempre *vemos e encontramos* pode ser familiar mas não é necessariamente *conhecido* e o que não *vemos e encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridade e exotismo como

---

<sup>12</sup> Refiro-me ao estudo de Malinowski feito com os habitantes das ilhas Trobriand, posteriormente publicado sob o título de “Argonautas do Pacífico Ocidental”. MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental**. Ubu Editora, 2018.

<sup>13</sup> Cf. Da Matta, 1974; Velho, 1978 - nota do autor.

fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (Velho, 1978, p. 39-*grifo do autor*).

Nesses termos, o fato de eu praticar natação com meus interlocutores não faz de mim um conhecedor pleno do seu universo cotidiano. Do mesmo modo, o fato de eu ter vínculos sociais com os sujeitos da pesquisa não eleva os riscos para efetivação deste estudo, como sugeriu Magnani (2003, p. 18): “este risco é maior para o pesquisador cujo objeto de estudo fez parte de sua própria sociedade”. Trata-se, mais uma vez, de não confundirmos a categoria social com a interação entre indivíduos (Velho, 1978).

Nesse ponto, cabe reiterar minha argumentação, isto é, ainda que a ponderação apresentada por Magnani (2003) seja pertinente para pensar a objetividade da pesquisa, não posso ser seduzido pela aparência do processo, ou pela forma com que os elementos sociais constituem determinada paisagem (Velho, 1978). Trata-se de transformar o “familiar” em “estranho”<sup>14</sup>.

Para isso, faz-se necessário iniciar uma caminhada, cuja finalidade não seja a busca por tesouros e/ou objetos exóticos, mas pela compreensão da cultura (Magnani, 2003).

Assim, partindo-se da categoria lazer, sob influência do campo de conhecimento da antropologia cultural, mas sobretudo pelos elementos da etnografia urbana<sup>15</sup>, evidenciarei as diferentes práticas de lazer que ocorrem no e pelo rio no contexto da construção de uma Usina Hidrelétrica.

O desafio que se impõe é apresentar tais manifestações para além das minhas próprias experiências de vida, isto é, ao assumir a posição de pesquisador admito o desafio de demonstrar os conteúdos fluviais que no plano cotidiano podem esboçar tanto uma concepção organicamente integrada à vida cotidiana (como basicamente ocorreu na minha primeira infância), quanto uma realidade manifestadamente atravessada por concepções mercantilizadas, timidamente conciliadas ao rio enquanto valor de uso. Antes, cabe apresentar um panorama dos estudos do lazer.

### **2.1.1 Os estudos do lazer: um panorama**

Desde 2011, um fato me chamou atenção em relação ao tratamento da temática do lazer por parte de diferentes autores. Tratava-se da existência de duas correntes teóricas que, de um modo ou de outro, demarcavam as posições dentro do campo de estudo do lazer. Uma dessas

---

<sup>14</sup> Cf. Da Matta, 1974; Velho, 1978.

<sup>15</sup> Nas palavras de Mattos (2011, p. 55) a ideia da etnografia não é chegar a uma “forma única de variação em relação ao total da variação humana”.

correntes considerava o lazer como um fato imemorial; a outra compreendia o lazer como um ato moderno, diretamente relacionado ao contexto urbano-industrial fomentado a partir da revolução industrial (Mendes; Moreira, 2011).

Passados treze anos, essa “polêmica” persiste e ainda mobiliza intelectuais desse campo de conhecimento que, não raro, veem-se compelidos a aderir a um ou outro desses espectros teóricos (Mendes, 2023).

Cabe enfatizar, porém, que entre a defesa do meu TCC em 2011 e os atuais estudos do lazer, muitas questões foram incorporadas a esse campo de conhecimento, como a consolidação de eventos científicos, a exemplo do Congresso Brasileiro dos Estudos do Lazer (CBEL), cuja configuração e concepção precisa ser entendido no contexto do “Seminário: o Lazer em debate” (Gomes; Isayama, 2018).

Em associação, esses eventos científicos fortalecem a principal instituição científica brasileira dedicada à temática do lazer. Trata-se da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos do Lazer (ANPEL), cuja criação remonta ao ano de 2013. O CBEL, por exemplo, é organizado a cada dois anos por esta ANPEL. Além disso, esta Associação edita a Revista Brasileira de Estudos do Lazer (RBEL).

Sobre a produção e a difusão do conhecimento do lazer no Brasil, além da RBEL, é necessário citar a revista *Licere*, um periódico de publicação trimestral editado pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Lazer (PPGIEL) da Universidade Federal de Minas Gerais e que é um espaço histórico na produção e socialização dos conhecimentos acerca da temática do lazer.

Para além do CBEL, da ANPEL, da RBEL e da *Licere* outros eventos e acontecimentos merecem destaque nessa linha do tempo em face dos estudos do lazer. Um desses eventos é o Congresso Mundial do Lazer, em que o Brasil já sediou duas vezes. A primeira vez foi no ano de 2000 na cidade de São Paulo-SP, sendo reeditado no ano de 2018 também em São Paulo-SP. Outros eventos que agregam à comunidade internacional em relação à temática do lazer merecem destaque, a exemplo da Rede Internacional em Estudos Culturais (RIEC), cuja configuração agrega 10 universidades, de 5 países (Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique e Portugal), num esforço epistêmico situado no sul global. Recentemente, a UFMG e o PPGIEL sediaram o II Congresso Científico da RIEC.

Essa caracterização inicial cumpre a função de destacar que embora eventuais “polêmicas” persistam no campo dos estudos do lazer, muitas outras questões foram incorporadas, o que tem possibilitado o avanço desse campo de estudos e intervenções. Tais questões são permanentemente suscitadas nas mesas e conferências dos eventos científicos

(Congresso Mundial do lazer, CBEL, RIEC), mas também estão sistematizadas em produções acadêmicas, destacando-se as duas revistas (RBEL e *Licere*).

A *Licere*, por exemplo, é um importante “termômetro” para visualizarmos como se delinea o campo do lazer no Brasil. A considerar suas publicações podemos inferir que o debate atual, embora não se limite a isso, prioriza temas voltados às Relações Étnico-Raciais e Lazer (*Licere*, 2021, v. 24 n. 4), às Tecnologias da informação e a interface com lazer (*Licere*, 2023, v. 26 n. 4), Diversidades e identidades (*Licere*, 2023, v. 26 n. 3).

Recentemente, o volume 27 da *licere* foi dedicado exclusivamente à tríade lazer-natureza-paisagem, cuja resultante dos trabalhos permite mediações com o presente objeto de pesquisa e que, nas palavras dos organizadores, propiciou: “um caleidoscópio de visões, teorias, métodos e percepções” (Altamiro, Nicácio e Rosa, 2024, p. 2).

Além desse panorama refletido nos principais eventos e periódicos do lazer no Brasil, cabe enfatizar discussões de natureza epistemológica que invariavelmente repercutem na configuração do campo. Assim, se até a década de 1970 o lazer ainda não se consolidara como um campo científico, após essa época muitas das discussões (permeadas de dicotomias) opunham o lazer como um ato moderno ao lazer como ato imemorial, ou o lazer como a negação do trabalho e vice-versa.

Atualmente, o campo dos estudos do lazer comporta uma efervescência de debates e temáticas. Tal contexto, parece se consolidar pela superação da clássica ideia de que o lazer somente se efetivaria após a liberação do trabalho, conforme clássica definição de Dumazedier (1973).

A contestação dessa ideia (do lazer como compensação ao trabalho) tem ganhado espaço pela problematização das categorias universalizantes formuladas em contextos urbanos e industriais, o que pressupõe rever a “geopolítica do conhecimento”, conforme reflexão de Gomes (2023).

Desenvolver reflexões e estudos sobre a nossa própria realidade, que nos permitam conceber o lazer e concretizar sua vivência a partir de parâmetros contextualizados, consistentes e críticos. Este é um grande desafio a ser enfrentado pelos estudiosos do tema – tanto por aqueles que pertencem a países situados no hemisfério Norte, quanto no hemisfério Sul (Gomes, 2023, p. 66).

Ao se superar as categorias universais libertando o lazer do trabalho, pode-se enfim pensar o lazer como uma necessidade humana que, nas palavras de Gomes (2014), pressupõe três dimensões relacionadas: a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social:

Tal necessidade pode ser satisfeita de múltiplas formas, segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural. Nessa linha de interpretação, o lazer é uma prática social complexa que abarca uma multiplicidade de vivências culturais lúdicas contextualizadas e historicamente situadas (Gomes, 2014, p.15).

Essa postulação, recentemente reafirmada pela autora (Gomes, 2023), sugere a urgência de pensar o lazer para além de uma natureza instrumental ou de eventual ação compensatória ao trabalho. Assim, o sujeito que experiencia o lazer o faz mediante uma totalidade de subjetividades que pressupõem diferentes formas de ser e existir.

Considerando os estudos do lazer no contexto latino-americano, de acordo com as reflexões de Gomes (2023), essa produção deve ser entendida como uma contribuição para se pensar outra geopolítica do conhecimento. Na visão da autora, ainda que se observem avanços como o desenvolvimento acadêmico-científico do lazer/recreação, além da produção de conhecimentos sobre a temática, algumas dificuldades persistem no contexto latino-americano:

a) dificuldades e imprecisões conceituais em torno dos termos *recreación*, *ocio* e *tiempo libre*, b) uso descontextualizado de teorias produzidas em países que contrastam com as realidades latino-americanas, c) tensões entre a recreação/lazer e a educação física/esporte no âmbito da formação e da intervenção profissional/política, e d) incipiente desenvolvimento científico do campo de estudos do Lazer/recreação, que é heterogêneo e assimétrico do ponto de vista regional (Gomes, 2023, p. 63).

Avançando-se para além do contexto latino-americano, cabe enfatizar o modo como as reflexões sobre o lazer estão situadas noutros continentes. Destaca-se a relevância de organizações como a World Leisure Organization (WLO)/ Organização Mundial do Lazer (WLO) que ostenta *status* consultivo junto à Organização das Nações Unidas (ONU) na defesa do lazer (Coles, 2015). Igualmente importante tem-se a revista *Leisure Studies* que nas palavras de Gomes (2023, p. 66) é “outra evidência do contínuo interesse nas discussões teóricas do lazer em âmbito internacional.”

No Brasil, autores como Uvinha (2008), Edginton; Uvinha (2008), Gomes (2023) têm se dedicado a situar o lazer no debate internacional. Gomes (2023), por exemplo, pontua alguns autores com relevância teórica no campo do lazer em âmbito internacional. Partindo da obra de Spracklen *et al.* (2017), a autora menciona o trabalho de Rojek, Shaw e Veal (2006), e Blackshaw (2013). Ao apresentar as obras que situam o lazer no debate internacional, pontua:

a partir da leitura estou de acordo com esses autores quando eles dizem que já é tempo de ampliar nossos quadros e enriquecer a conversação acadêmica com uma gama mais ampla de epistemologias, visões de mundo e práticas culturais relacionadas ao lazer (Gomes, 2023, p. 70).

Feita essa caracterização em caráter panorâmico fica a indagação: em que medida o objeto de análise aqui apresentado se articula a essas ideias sobre o lazer? Uma questão a se considerar é o caráter interdisciplinar do fenômeno. Isso implica admitir que o objeto em análise não deve se subordinar ao campo disciplinar:

Discorrer, ainda que exaustivamente, sobre uma disciplina, não substitui o essencial, que é a discussão sobre seu objeto. Na realidade, o *corpus* de qualquer disciplina é subordinada ao objeto e não o contrário (Santos, 2006, p. 10).

Assim, ainda que esta análise se detenha a explicar um fenômeno ligado ao campo do lazer, faz-se necessário empreender discussões que considerem os fundamentos sistematizados por autores de diferentes áreas do conhecimento, lançando mão de lentes multi e interdisciplinares. Logo, nesta tese mobilizarei autores do campo do lazer, como Gomes (2023), mas também autores da geografia humana, sendo Santos (2006) o mais proeminente, especialmente a partir da sua formulação categorial “*evento*”, um recurso teórico e metodológico que me possibilitará explicar o fenômeno aqui postulado.

Em relação às práticas de lazer nos rios urbanos, alguns estudos vêm ao encontro dessa análise, dos quais citamos: Narita; Gomes (2016), Miranda Neto; Mendes (2022), Mendes (2023), Beltrão (2003), mas especialmente os trabalhos de Trindade Júnior (2008, 2011, 2016, 2021). Alguns desses estudos se aproximam do escopo da análise que, como mencionado, guia-se por uma posição interdisciplinar e por uma análise crítica, especialmente em relação às externalidades e às grandes obras e objetos historicamente implementados na Amazônia brasileira.

De modo geral, ao longo desta seção busquei situar o atual campo dos estudos do lazer, evidenciando que alguns dos estudos mais difundidos no Brasil tiveram como ponto de partida as pesquisas realizadas por Dumazedier nas décadas de 1960–1970. Constatei também que o estudo deste autor foi decisivo para a consolidação desse campo de estudo no Brasil, especialmente após a década de 1970, conforme afirmado por Gomes (2003). Como resultante das análises referenciadas em contextos urbano-industriais, o lazer é geralmente entendido numa relação direta com o trabalho, contexto em que aquele se subordinou a este.

Notadamente, as disputas por esse campo de conhecimento fizeram emergir dualidades, especialmente em relação à ocorrência histórica do lazer (se uma ocorrência imemorial ou uma prática que emergiu com o fenômeno da industrialização). Fato é que até hoje esse cenário

ambivalente permanece a fomentar “polêmicas”, como descrito no início desta seção, ainda que seja possível pensar para além dessa realidade disjuntiva.

A palavra e o fenômeno lazer suscitam muitas questões, num mundo de significações embaralhadas: lazer tanto é distrair-se como ser distraído. Não esqueçamos de que vivemos na era da globalização, que tudo confunde e que ameaça conduzir-nos em meio à confusão, se não estivermos alerta ao dever da análise do mundo que nos rodeia (Santos, 2000, p. 31).

Por isso, ao invés de alimentar eventuais polêmicas, pretendo investigar as práticas de lazer que subsistem nos rios urbanos de Altamira, a despeito da inserção de grandes obras como a UHBM.

### **2.2.2 Contextualizando as expressões de lazer da Amazônia brasileira**

A Amazônia, há muito tempo, constitui diferentes representações no plano teórico, algumas das quais refletem idealizações. Essas idealizações muitas vezes ocorrem em função das escalas e das densidades analíticas. Para explicar melhor essa afirmativa, recorro à síntese apresentada por Magnani (2002), a qual confere inteligibilidade a essa problematização feita em face das idealizações acerca da Amazônia.

Para Magnani (2002), não é raro nas pesquisas sociais a construção de análises que reforcem o olhar “de fora e de longe”, contexto em que se maximizam as superficialidades e as imprecisões categoriais. Veja-se, por exemplo, a ponderação apresentada por Lévis-Strauss (1996) ao se referir a Amazônia: “visto de fora, a floresta amazônica lembra um monte de bolhas imóveis, um amontoado vertical de inclinação verde; parece que um distúrbio patológico atacou uniformemente a paisagem fluvial” (Lévis-Strauss, 1996, p. 364).

As palavras de Lévis-Strauss (1996) revelam aquilo que Magnani (2002) denominou de olhar “de fora e de longe”, pois não se aprofunda na complexidade da vida cotidiana e dos processos que movem a realidade material. Para isso, seria necessário imergir na realidade, ou nas palavras de Magnani (2002) construir uma análise “de perto e de dentro”, conforme passagem do próprio Lévis-Strauss (1996):

mas quando se fura a película e se passa para o interior, tudo muda: vista de dentro, essa massa confusa transforma-se num universo monumental. A floresta deixa de ser uma desordem terrestre; poderíamos torná-la por um mundo planetário, tão rico quanto o nosso e que o teria substituído (Lévis-Strauss, 1996, p. 364).

Ainda que não se opte, nesse momento, por discutir a dimensão eurocêntrica presente na análise de Lévis-Strauss (1996), as duas citações deste autor demonstram; de um lado, um olhar pouco conciliado à realidade da região; de outro lado, uma perspectiva que vislumbra a complexidade e a diversidade da Amazônia. O ideal, nas palavras de Magnani (2002), é a combinação do olhar “de fora e de longe” com o olhar “de perto e de dentro”.

Desse modo, a discussão aqui suscitada sobre o lazer nos rios urbanos considera os determinantes históricos desse território, sendo pertinente admitir o rio como um ser vivo que condiciona e é condicionado pela ação humana e pelos processos socioculturais inerentes a esse território. Ainda assim, a expressão Amazônia reflete uma polissemia, sendo sua dimensão semântica e sua observação panorâmica, incapazes de desvelar a complexidade deste espaço.

A Amazônia já não é mais a região misteriosa de antigamente, um exótico celeiro de lendas. Não é a Manoa do lago Dourado, nem o país das Amazonas. Também já não se trata apenas do Paraíso, com a bem-aventurança da luz na poderosa quietude da selva. Nem do inferno, rubro do fogo das febres, de serpentes e peçonhas. A magia já se aconchega na mão da ciência. A ciência se enche de olhos para descobrir o sortilégio da esmeralda escondida (Mello, 2002, p. 85).

Árduo é o desafio de se discutir os processos que compõem a região Amazônica, especialmente pela necessidade de se superar eventual compreensão que a toma como uma unidade homogênea, tanto do ponto de vista territorial, quanto do ponto de vista étnico. A considerar as reflexões de Bahia (2012), as práticas de lazer na Amazônia estão diretamente associadas aos saberes locais, os quais se concretizam na relação, por vezes orgânica, sociedade-natureza.

Essa relação sociedade-natureza reflete uma justaposição de tempos (no espaço) onde as esferas da vida social se interconectam dialeticamente (Martins, 1996). Nesses termos, buscando mediação entre o objeto aqui postulado, o campo dos estudos do lazer e as reflexões sobre a Amazônia, apoio-me em alguns estudiosos que discutem os processos e as dinâmicas da Amazônia, a partir dos quais penso ser possível ampliar o debate do lazer aqui proposto. Dentre esses autores destaco: Bahia (2012), Pereira; Bahia (2018, 2019), Bahia; Figueiredo (2008), Trindade Júnior (2008, 2011, 2016, 2021).

Pereira; Bahia (2018, 2019), enfatizam o modo com que as práticas de lazer se articulam, moldam e são moldadas pelos processos e pelas dinâmicas socioculturais da Amazônia. A análise destes autores reconhece o papel das intervenções modernizadoras e das políticas de desenvolvimento nacional, mas focaliza a potência cotidiana do lazer subjacente aos saberes e

às práticas relacionadas à dinâmica dos rios, das cidades e das florestas. Pelas suas análises, não se pode pensar nas práticas de lazer na Amazônia dissociadas das manifestações culturais desse povo, o qual tem uma relação orgânica com a natureza.

Sentido similar encontrei nas reflexões de Trindade Júnior (2010), segundo o qual refletir sobre os fenômenos da Amazônia exige uma abordagem relacional, a qual deve considerar as relações socioeconômicas, as manifestações culturais que se articulam às diferentes tipologias de cidades e suas conexões com os rios.

Sobre essa última dimensão – a relação cidade-rio –, o autor chama a atenção para que se considere não apenas a localização à beira do rio, mas sobretudo a interação funcional da cidade com esses corpos hídricos: “são exemplos disso a circulação fluvial, de subsistência material (fonte de recursos alimentares, uso doméstico etc.), a utilização lúdica (uso do rio para o lazer) e simbólica (a importância do rio no imaginário sociocultural)” (Trindade Júnior, 2010, p. 118).

Com efeito, o desafio que se impõe a esta análise é não sucumbir a uma descrição de viés idealizado, como se a Amazônia se resumisse a uma paisagem florística monocromática. A defesa apresentada ao longo desta tese é que os rios da Amazônia, em particular, os rios urbanos de Altamira, são a condição, o meio e o produto das práticas de lazer.

Se o trabalho de Santos (2017) é um referencial teórico que possibilita abstrair a realidade material a partir do objeto, o trabalho de Trindade Júnior (2016) confere sentido prático-operacional àquela categoria postulada por Santos (2017) e que sustenta esta tese. Todavia, ao me referir ao trabalho de Trindade Júnior como portador de uma natureza prático-operacional não estou sugerindo que suas reflexões são meramente descritivas, ao contrário, esse autor amazônida apresenta uma síntese da relação cidade-rio existente na Amazônia mediado por um olhar fundamentado e contextualizado.

A consistência teórica dos estudos e reflexões de Trindade Júnior (2016) está associada à sua origem (o autor é natural do interior do Pará), mas sobretudo pela sua sensibilidade em capturar, pelas lentes teóricas e epistemológicas, as diferentes formas de ser e existir dos sujeitos amazônidas, os quais estão permanentemente numa fronteira a expressar a tensão entre os valores tradicionais e os signos da modernidade, entre o urbano e o rural, entre a cidade e o rio.

Nasci das águas e da floresta e aprendi a lidar e a transitar entre o igapó, a várzea e a terra firme, mas não sou, definitivamente, um ser anfíbio; antes de tudo, considero-me um sujeito híbrido, não simplesmente porque tenho fenótipo índio, branco e negro, mas por ter experimentado naturezas e culturas diversas. Habituei-me com o toque do remo na canoa, com o barulho do barco a motor, com o tempo lento de uma natureza

pouco transformada, com o valor (de uso) do ambiente da floresta e com as relações de proximidade da vida interiorana, mas também com os altos decibéis dos automóveis, com o ritmo acelerado da vida moderna, com a artificialidade extrema de uma agenda natureza urbana e com o valor (de troca) das relações e do espaço da cidade e de sua vida (des)humana (Trindade Júnior, 2016, p. 23-24).

Trindade Júnior (2016) apresenta análises dessa realidade sem incorrer em idealismos e superficialidades, mas também sem fomentar dualidades e hierarquias. A resultante desse exercício teórico, mas igualmente político, é uma empreitada acadêmica que se propõe a equacionar uma histórica antinomia que se materializa pela oposição unívoca entre “cidade na floresta” e “cidade da floresta”, como se cada uma dessas tipologias abrigasse um tipo de existir na Amazônia hermeticamente fechado. Trindade Júnior (2016) propõe pensar os fenômenos socioespaciais da Amazônia à maneira da sua própria existência-conforme citação anterior – isto é, uma realidade híbrida onde as formas espaciais e os conteúdos da vida social se interpenetram, suscitando aquilo que o autor postulou como sendo uma Amazônia urbana, diversa e plural ou, nas suas palavras, uma urbanodiversidade.

Se o panorama dos estudos do lazer atualmente reflete uma multiplicidade de objetos, também enuncia diferentes formas de abordá-lo. O esforço empreendido ao longo dessa seção e da anterior não foi, necessariamente, compatibilizar matrizes teóricas localizadas em diferentes tempos e espaços, mas apresentar alguns recortes e autores que influenciam a configuração dos estudos do lazer, em especial em nosso contexto mais amplo.

A pesquisa aqui enunciada, por exemplo, que se dedica a discutir o lazer nos rios urbanos de Altamira-PA, tendo como pressuposto teórico os estudos de Gomes (2014), precisa situar espacial e temporalmente o objeto. Os rios, condição material para a existência do lazer, precisam ser contextualizados no contexto das contradições históricas da cidade e da Amazônia.

O desafio, porém, foi situar o objeto aqui postulado à luz desses marcadores teórico-epistêmicos. Com efeito, os estudos de Trindade Júnior (2008, 2016, 2021) vêm ao encontro dessa análise, permitindo que se contextualize de forma crítica o presente objeto às reflexões apresentadas pelo autor mencionado.

Para Trindade Júnior (2008), apesar do rio ser a condição para a estruturação e a dinâmica social da cidade amazônida, remanesce uma negação da cidade ribeirinha nesta região. Para o autor, que analisou o caso de Belém-PA, essa intencionalidade que nega os conteúdos da cidade ribeirinha está associada aos projetos de revitalização urbana que buscam fazer intervenções nas paisagens beira-rio.

Nesse jogo de forma-conteúdo, significado-significante, tem-se no rio um elemento de fundamental importância na recomposição/revitalização dos lugares, dentre eles da área central da cidade. O elemento hídrico aparece, em geral, como moldura do acontecer urbano ou como um pano de fundo a compor novas paisagens locais a serem apreciadas, à semelhança das telas, contempladas em museus ou em exposições culturais. Busca-se, dessa forma, associá-lo a um estilo moderno de vida urbana, considerado todavia, como ambientalmente correto; sendo este, inclusive, um discurso muito recorrente e que associa as formas naturais à noção de cidade sustentável (Trindade Júnior, 2008, p. 152).

Cabe enfatizar, todavia, que essa relação que os sujeitos mantêm com os rios reflete uma particularidade regional e uma identidade territorial, sempre permeada de contradições materiais. Essa discussão já foi ampliada anteriormente por Trindade Júnior (2008), autor que há algum tempo se dedica a estudar e a explicar as dinâmicas socioespaciais da Amazônia, especialmente aquelas relacionadas ao urbano e a relação que os sujeitos mantêm com os rios. Como dito anteriormente, Trindade Júnior (2008) considera os rios como uma condição à construção identitária amazônica.

Estão presentes tanto nas estratégias de sobrevivência econômica do homem urbano que acessa o rio, como também daquele morador do interior que se dirige à cidade e se integra esporádica e furtivamente por meio de práticas econômicas e culturais, reafirmando a centralidade da área central. Também se faz presente na relação das cidades com suas hinterlândias, através dos barcos e canoas que fazem de trapiches e portos ancoradouros para se chegar e se sair da cidade; assim como nas feiras à beira-rio que vendem de tudo, de frutas com sabor e cheiro regional aos sonhos e feitiços de “encantados” que povoam a floresta, mas que estabelece, sociabilidades e vivências cotidianas para além das mercadorias (Trindade Júnior, 2008, p. 155).

Seguindo a ponderação apresentada por Trindade Júnior (2016), os rios da Amazônia supõem uma espacialidade integradora, onde as várias esferas do cotidiano tendem a se mesclar, diferentemente de outros espaços onde a vida cotidiana tende a se fragmentar.

Ocorre que essa análise feita por Trindade Júnior (2016) não deve ser admitida de forma estática, como se todo o território da Amazônia fosse homogêneo e imutável. Certamente, há locais e rios da Amazônia onde os processos e as dinâmicas sociais foram e são catalisados por intervenções políticas, da iniciativa privada, dentre outras conformações da vida social.

Essas dinâmicas, por certo, reverberam na relação e nas práticas que as pessoas mantêm com os rios para as práticas do lazer, delas decorrendo novos hábitos e novas formas de interação das pessoas com os rios.

Trindade Júnior (2013), por exemplo, ao falar das mudanças nas dinâmicas das cidades amazônicas caracterizadas por intervenções estatais que se articulam ao capital, das quais resultam uma nova sociabilidade e uma nova relação cidade-rio, apresenta uma síntese

caracterizando e diferenciando tipologias de cidades: 1) cidade da floresta, 2) cidade na floresta, 3) cidade para a floresta.

Pela síntese do autor, pode-se visualizar como o território se modifica mediante as intervenções do Estado. Para Trindade Júnior (2013), *a cidade da floresta* pressupõe um padrão tradicional de existência, já *a cidade na floresta* está diretamente ligada à concepção modernizadora e integradora do Estado nacional; finalmente *a cidade para a floresta*, busca mediar e minimizar as várias contradições existentes nesse território pela proposição de uma tipologia de cidade que esteja conectada com as exigências do tempo atual.

O estudo de Trindade Júnior (2013), cujo objeto incide na análise das tipologias das cidades amazônicas, precisa ser compreendido como uma totalidade em que as cidades pressupõem formas, mas estas só tem sentido mediante conteúdos a elas articulados. Ademais, cumpre salientar que os conteúdos (do lazer) inerentes ao rio e à cidade ribeirinha/beira rio comporta um sentido de mutabilidade, conforme ponderação de Malheiro; Trindade Júnior (2010):

As cidades ribeirinhas na Amazônia não podem ser analisadas como formações urbanas que simplesmente estão à beira-rio, uma vez que a localização absoluta não é o único elemento definidor das mesmas. De igual maneira, elas não estão perdidas em um tempo passado e nem mesmo podem ser definidas simplesmente como contraponto às cidades à beira da estrada. Tratam-se, antes, de formações sócioespaciais em que o rio não define apenas os seus contornos físicos, mas está presente como meio de circulação, como referência para o imaginário, como meio de sobrevivência, sendo, assim, por onde navega a economia, a cultura, os símbolos, os ritos, a experiência social expressa nessas pequenas aglomerações urbanas (Malheiro; Trindade Júnior, 2010, p. 4).

Uma articulação possível entre a classificação apresentada por Trindade Júnior (2013), o estudo de Malheiro; Trindade Júnior (2010) e o objeto aqui postulado, pode ser feito a partir do estudo de Rocha e Matos (2016). Os autores discutem a realidade cotidiana da Ilha do Combú, ilha localizada na cidade de Belém-PA, cujos resultados da pesquisa refletem, de um lado, uma vivacidade de hábitos e costumes tradicionais, intimamente relacionados à natureza, de outro lado, hábitos e comportamentos relacionados à cultura urbana. No primeiro caso, os autores afirmam prevalecer o lazer da floresta; no segundo caso, sobressai-se o lazer na floresta.

Outra correlação entre o estudo de Trindade Júnior (2013) e de Rocha e Matos (2016) reside no fato de que tanto a cidade na floresta, quanto o lazer na floresta estão mais permeados de signos da modernidade, ao passo que as cidades da floresta e o lazer da floresta ainda guardam com mais recorrência características tradicionais, aspectos mais ligados à cultura ribeirinha. No caso das práticas de lazer nos rios de Altamira, poder-se-ia pensar no lazer no

rio, aquelas práticas revestidas de tradição e o lazer do rio, aqueles conteúdos permeados pelos signos da modernidade.

Essa articulação de temporalidades, uma mais ligada à modernidade, outra mais ao tradicional, compõem essa unidade de diferentes a que tenho recorrido ao longo desta tese. Assim, as dinâmicas sociais formadoras desse espaço, por certo, revelam permanências, mas também são a base para as emergências. No caso do lazer nos rios urbanos, há uma permanente mediação entre conteúdos “novos” e conteúdos tradicionais, conforme trabalho de Rocha e Matos (2016). Sobre isso, Santos (2017) diferencia coexistência de sucessão, onde coexistência se articula ao espaço (sincronia), ao passo que a sucessão o pressupõe o tempo (diacronia):

Em cada lugar, os sistemas sucessivos do acontecer social distinguem períodos diferentes, permitindo falar de hoje e de ontem. Este é o eixo das sucessões. Em cada lugar, o tempo das diversas ações e dos diversos atores e a maneira como utilizam o tempo social não são os mesmos. No viver comum de cada instante, os eventos não são sucessivos, mas concomitantes. Temos, aqui, o eixo das coexistências (Santos, 2017, p. 159).

A mediação feita em face dos estudos de Trindade Júnior (2008, 2013), e de Bahia (2012), Pereira; Bahia (2018, 2019), Bahia; Figueiredo (2014), Santos (2017) ocorrem no anseio de se demonstrar que as reflexões sobre as práticas de lazer nos rios da Amazônia só têm sentido se considerarem o rio como um fio condutor a conectar os territórios e as identidades dos sujeitos que compõem as relações socioespaciais dessa região.

Neste caso, o entendimento acerca da categoria do lazer, postulado neste trabalho, corresponde a: “uma prática social da vida cotidiana que precisa ser situada em cada tempo/espaço social, e que, justamente por isso, integra diferentes culturas”, conforme Gomes (2014, p. 8).

Os estudos de Costa (2009), Nunes *et al.* (2021), Fiori, Mauro (2018), França, Bahia (2019) e Vilhena (2012), por exemplo, revelam as múltiplas práticas de lazer que se materializam na Amazônia. As pesquisas mencionadas revelam diferentes formas de apropriação da cidade, dos rios e das suas margens, como também revelam uma centralidade cultural intimamente relacionada à natureza da qual o lazer é nexa. O trabalho de Nunes *et al.* (2021), por exemplo, fornece um panorama acerca dessa prática social que se materializa em articulação integrando diferentes culturas e tempo-espaço:

O primeiro exemplo que integra esta pesquisa é o Boi-Bumbá de Parintins, tombado como Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro na figura do Boi de Festival

(palco/arena), que tem como elemento principal os Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido (Nunes, 2021 *et al.*, p. 717).

A festa do boi bumbá constitui-se em (re)existência ao manter as tradições de um povo e de um lugar. Tal fato, nas palavras das autoras, concretiza-se mediante uma “desobediência” aos pressupostos do neoliberalismo (Nunes *et al.*, 2021, p. 717).

Seguindo a linha de raciocínio de Nunes *et al.* (2021), pode-se citar o “arraial do pavulagem” que ocorre na cidade de Belém-PA e que, tal qual as duas manifestações citadas anteriormente, configura-se num misto de (re)existências, tradições, fruição, lazer, conforme trabalho de Lima e Gomberg (2012).

Nesta tese, ao se propor discutir práticas específicas lançando mão de uma metodologia que se baseia nas narrativas dos sujeitos amazônidas, apontam-se outros caminhos para se visibilizar práticas e experiências de lazer pautadas noutros referenciais de tempo e espaço. Essa formulação teórica e metodológica, ainda que incipiente, não parte do desconhecido, como pode ser evidenciado nos estudos de Costa (2009), Fiori e Mauro (2018), França e Bahia (2019), Vilhena (2012), Beltrão (2003), Teixeira (2018), Bahia (2018), Bahia; Tavares; Figueiredo (2018).

Os estudos supracitados são algumas das pesquisas realizadas sobre o lazer na Amazônia - temática que, cada vez mais, vem despertando o interesse de pesquisadores e pesquisadoras da região. Pesquisar este contexto é, de certo modo, defrontar-se com vários desafios, conforme destacado por Teixeira (2018) e Marinho *et al.* (2017, p. 140). De toda maneira, os estudos que antecederam esta Tese fornecem contribuições relevantes para o objeto aqui postulado, que busca contribuir com o aprofundamento de saberes e conhecimentos sobre o lazer nos rios urbanos da Amazônia brasileira.

A partir do levantamento teórico feito no contexto desta tese, pode constatar a predominância dos estudos sobre os rios urbanos na cidade de São Paulo, conforme pesquisas de Seabra (1987), Oseki (2000), Sant'Anna (2007), Jorge (2006). Já sobre a Amazônia, cito o trabalho de Amaral (2005), que enfatiza as concepções de uso do rio que ocorrem ao nível de planejamento e da gestão urbana em Belém-PA, em coexistência e muitas vezes em tensão com as experiências sociais que ocorrem ao nível cotidiano.

O estudo de Costa (2009), Fiori e Mauro (2018), Vilhena (2012), de natureza etnográfica, dedicaram-se a estudar experiências de lazer na cidade de Belém-PA e Manaus-AM. Costa (2009), por exemplo, ao pesquisar o circuito bregueiro de Belém-PA, revelou uma densa rede de sociabilidade que articula territórios, disputas e diferentes sujeitos na cidade.

Já o trabalho de Beltrão (2003), de natureza antropológica, realizado na cidade de Belém-PA, apresentou a brincadeira como um conceito *nativo* para o campo do lazer. Sua argumentação é que o conceito nativo de brincadeira traduz mais adequadamente a particularidade das experiências de lazer existentes na Amazônia brasileira, sobretudo na relação com o rio.

O estudo de Narita e Gomes (2016), ainda que formulado num contexto bastante diferente do objeto da presente pesquisa, instiga reflexões interessantes para a análise aqui empreendida. Isso porque os resultados apresentados pelas autoras sugerem uma unidade contraditória, isto é, inicialmente o rio assumia com mais potência uma dimensão voltada para os costumes tradicionais e para a subsistência; de outro lado, o rio passa a refletir costumes, hábitos e valores mais associados à vida urbana e às espacialidades voltadas ao turismo. Para as autoras, em muitos contextos essas duas dimensões – uma voltada à cultura tradicional, outra voltada ao turismo/aspecto comercial – fazem emergir conflitos, especialmente em relação a questões ambientais e à forma de organização social das populações tradicionais.

O trabalho de Miranda Neto e Mendes (2022), a partir da cidade de Altamira, apresenta uma espécie de periodização da relação cidade-rio ao que nomearam de fluvialidades em rios urbanos, uma síntese da interação dos sujeitos de Altamira com os rios em face das dimensões do trabalho, da moradia e do lazer.

A partir dessa mediação teórica, fiz um panorama dos estudos do lazer na Amazônia brasileira, demonstrando-se que ainda hoje a mesma ocupa uma posição periférica no campo dos estudos do lazer no Brasil. Associa-se a esse contexto, concepções e interpretações generalizadoras e reducionistas sobre a realidade singular da Amazônia brasileira.

Todavia, os estudos de Nunes *et al.* (2021), Lima; Gomberg (2012), Mendes (2023), Miranda Neto; Mendes (2022) constituem-se em análises que sinalizam outros caminhos teóricos e epistêmicos. Esses caminhos estão caracterizados por abordagens que privilegiam as singularidades, as tradições, as (re)existências que subsistem no espaço amazônico.

Por isso, conforme discuti recentemente em Mendes (2023), o objeto desta tese optou por visibilizar práticas e contextos socioespaciais pouco evidenciados no âmbito acadêmico-científico.

Assim, construir um debate acerca das experiências de lazer na Amazônia implica superar determinados marcadores sociais que referenciam essa região como homogênea e ideal. Isso implica eleger uma análise que se baseia numa descentralização espacial, ou seja, opta-se por se investigar os conteúdos dos rios, ao invés das formas urbanas. Igualmente, opta-se por

uma inversão teórico-epistêmica materializada pela escolha das falas dos sujeitos que ajudam a estruturar esta tese.

No campo analítico, os marcos teóricos escolhidos (em especial, Santos (2017) e Trindade Jr. (2011, 2013, 2022) favoreceram a admissão de outras noções de tempo e de espaço, permitindo-se admitir outras categorias e referenciais que não apenas aqueles de natureza universalizante, a exemplo do aporte teórico euro-americano.

Desse modo, a seção seguinte discutirá a noção de fluvialidades em rios urbanos, uma postulação e um recurso teórico-metodológico ao campo dos estudos do lazer com potencial de se refletir a respeito das práticas constituídas nos rios da Amazônia brasileira.

### **2.3 As Fluvialidades nos rios urbanos: uma possibilidade teórico-metodológica para o campo dos estudos do lazer**

A temática das *fluvialidades* é fomentada desde a formulação da tese “entre o vivido e o concebido: a espacialidade do lazer na vida cotidiana de Altamira-PA” (Mendes, 2023), e de uma agenda de pesquisa à qual tenho me associado (Miranda Neto; Mendes, 2022).

No contexto mencionado, as reflexões acerca da noção de fluvialidades refletem uma mediação com o campo dos estudos urbanos, especialmente em relação à categoria da produção do espaço, a partir da qual se mobiliza a tríade dialética proposta por Lefebvre (2001).

Neste momento, a reflexão enfatiza uma especificidade: as práticas de lazer nos rios urbanos, a partir do que se verticaliza a análise, buscando sínteses que nos permitam avançar para além de generalidades categoriais. Neste caso, a análise está ancorada na premissa de que os rios são condições materiais para a configuração das formas espaciais urbanas, mas não apenas isto. Trata-se de entender os rios como entes (i)materiais a partir dos quais se origina uma multiplicidade de relações sociais, dos quais o lazer é um nexos.

Igualmente, nossas análises se esforçam em superar a mera descrição dos fatos, avançando para além do rio como um “espaço-palco”, com uma mera porção física. Ao contrário disso, buscamos situar os rios de forma contextualizada, considerando-os como unidade do todo.

Ademais, para além dos resultados das nossas pesquisas consideramos pertinentes as reflexões de Oliveira (1994), Beltrão (2003), Lobato e Bahia (2020), Narita; Gomes (2016), Trindade Júnior (2021), pois ainda que esses autores não tratem especificamente da temática aqui suscitada, suas reflexões nos permitem mediações metodológicas e epistêmicas com o

tema desta pesquisa. Busco, com essa discussão, apresentar uma contribuição teórica e metodológica que esteja espacialmente situada, conforme salientado por Gomes (2014).

Isso porque, não raro, as formulações teóricas sobre o lazer refletem abstrações generalizadoras, procedentes de contextos urbanos e industriais, como foi tratado anteriormente. Daí a necessidade de, ao estudar as experiências dos sujeitos com os rios urbanos da Amazônia, apresentarmos um recorte teórico-metodológico que nos permita analisar as singularidades de um tempo e de um espaço.

Com efeito, é preciso investigar a realidade, para então apresentar formulações e sínteses acerca de um dado fenômeno ou manifestação social. Esse é o contexto subjacente à relação sujeito-rio que, no caso de Altamira-PA, ousou apresentá-lo como *fluvidalidades em rios urbanos*.

### **2. 3.1 Fluvidalidades nos rios urbanos: mergulhando em busca de um conceito**

A definição categorial do lazer ainda hoje é tema controverso. Logo, não é nosso interesse hipertrofiar esse campo com mais um conceito. Aliás, a constituição de um conceito não é algo simples, muito menos pode ser banalizado. Sua proposição supõe, necessariamente, a negação da dimensão apriorística, ou seja, os conceitos não são elementos dados, mesmo que seja comum observar estudos que os mobilizam para enquadrar uma dada realidade: “ao invés de o conceito dizer de uma dada realidade, é a realidade que tem precisado se adequar ao conceito” (Santos, 2019, p. 367).

Essa ponderação ocorre na tentativa de situar adequadamente minha proposta teórico-metodológica, cujo sentido não ignora a processualidade que acompanha o campo dos estudos do lazer no Brasil, sobretudo após a década de 1970, e que ainda hoje parece não ter chegado a um consenso.

Já em Koselleck (1992), os conceitos refletem uma relação indissolúvel entre linguagem e história, sugerindo a mutabilidade das palavras, pois, estas correspondem a tradições, costumes, sociabilidades, a linguagem de um determinado tempo-espaço. Assim, a proposição de um conceito supõe considerar necessariamente as singularidades – inclusive linguísticas – de um determinado tempo-espaço.

Para tanto, busco amparo teórico em Koselleck (1992) para quem conceitos não são ocorrências dadas, mas formulações historicamente situadas e que por isso dizem muito de um tempo determinado.

Por isso, a noção de *fluvialidades* não deve ser confundida com um conceito (novo) que visa a substituir o de lazer. Ao contrário disso, tal proposição supõe uma mediação entre o conceito *empírico-nativo* e conceito *analítico-científico*, conforme Viveiros de Castro (2002), Koselleck (2006, p. 368) e os argumentos de Santos (2019, 2022).

Primeiramente, convém pontuar que um conceito analítico-científico pressupõe elaboração científica, permitindo a quem especula a realidade pela perspectiva teórica o estabelecimento de generalizações. Já um conceito empírico-nativo, reflete um fato social o qual, pela dimensão linguística, pode ser atestado historicamente (Koselleck, 2006).

Somos todos nativos, mas ninguém é nativo o tempo todo. Como recorda Lambek (1998:113) em um comentário à noção de habitus e congêneres, “as práticas incorporadas são realizadas por agentes capazes também de pensar contemplativamente: nada do que ‘não é preciso dizer’ [goes without saying] permanece não-dito para sempre”. Pensar contemplativamente, sublinhe-se, não significa pensar como pensam os antropólogos: as técnicas de reflexão variam crucialmente. A antropologia reversa do nativo (o cargo cult melanésio, por exemplo; Wagner 1981:31-34) não é a auto-antropologia do antropólogo (Strathern 1987:30-31): uma antropologia simétrica feita do interior da tradição que gerou a antropologia não é simétrica a uma antropologia simétrica feita fora dela. A simetria não cancela a diferença, pois a reciprocidade virtual de perspectivas em que se pensa aqui não é nenhuma ‘fusão de horizontes’. Em suma, somos todos antropólogos, mas ninguém é antropólogo do mesmo jeito: “está muito bem que Giddens afirme que ‘todos os atores sociais [...] são teóricos sociais’, mas a frase é vazia se as técnicas de teorização têm pouca coisa em comum” (Strathern, 1987, p. 30-31). (Viveiros de Castro, 2002, p. 141).

A questão apresentada por Viveiros de Castro (2002) atravessa a estrutura teórica-metodológica desta tese, tendo sido abordada de forma mais detalhada no seu início. Em outras palavras, quando o pesquisador já faz parte da realidade pesquisada e tem relações sociais construídas com os sujeitos da pesquisa, corre-se o risco de se perder a *objetividade* da análise ou, no caso de uma abordagem de viés etnográfico, construir uma etnografia de si mesmo, conforme alertou Magnani (2020).

Todavia, conforme ponderação de Viveiros de Castro (2002, p.141), “somos todos nativos, mas ninguém é nativo o tempo todo”, por isso ainda que o pesquisador seja membro da comunidade que está pesquisando, não é razoável presumir que tal circunstância lhe dê pleno conhecimento da referida realidade ou que sendo de um contexto diferente, desconheça por completo o fato estudado.

Retomando a dimensão categorial, Santos (2019) afirma prevalecer no campo dos estudos do lazer uma aparente confusão entre esses dois tipos de conceito (o empírico-nativo e o analítico-científico), o que de certa forma limita as investigações científicas deste campo.

Por isso, ao postular a noção de *fluvialidades*, considero seu uso pelos sujeitos – tanto os locais quanto aqueles que a utilizam para estabelecer generalizações no campo dos estudos do lazer. Tal concepção me possibilitará especular tal noção categorial, incluindo seu sentido linguístico e seu significado histórico.

Um exemplo do que se pretende demonstrar já foi apresentado por Beltrão (2003), trabalho no qual relaciona o conceito nativo de brincadeira ao conceito acadêmico de lazer. Para a autora, em contextos particulares como a cidade de Belém-PA, cuja dinâmica social está diretamente condicionada à presença dos rios, a pesquisa sobre o lazer precisa admitir outros marcadores categoriais, a exemplo da brincadeira que nas suas palavras pode ser utilizada como um conceito nativo, resultando numa equivalência ao conceito analítico-científico do lazer.

Como ocorre nesta tese, Beltrão (2003) não quis inovar no campo categorial do lazer, apenas apresentar possibilidades teórico-metodológicas para se operacionalizar uma prática muito comum em cidades da Amazônia, cujas práticas de lazer estão diretamente relacionadas às brincadeiras nos rios/igarapés, como são nomeadas pelos nativos dessas localidades.

Notadamente, os sujeitos que se apropriam dos rios urbanos de Altamira-PA para suas experiências de lazer não utilizam, necessariamente, a terminologia *fluvialidades* para designar suas relações com os rios. Trata-se, portanto, de um recurso teórico que o investigador utiliza para abstrair a realidade estudada a partir de uma ocorrência material do cotidiano.

Desse modo, considerando as realidades das cidades da Amazônia brasileira que são banhadas/cortadas por rios, nossas reflexões sugerem que as *fluvialidades*: “se manifestam na contemplação, nos banhos, nas práticas esportivas realizadas nos canais fluviais ou adentrando às suas margens a partir da beira, do porto, da orla, dos trapiches etc.” (Miranda Neto; Mendes, 2022, p. 164).

Desse modo, a palavra fluvialidade designa uma relação sujeito-rio, mas faz-se necessário situá-la. Assim, a palavra fluvialidade (utilizam-se *fluvialidades*, no plural) advém do prefixo “*fluvio*” (do latim *fluvialis*), e do sufixo “*dade*”, este último proveniente do sufixo latino ‘*-tati*’.

É certo que essa descrição trazida por Miranda Neto e Mendes (2022) sugere um sentido básico de existência e as sociabilidades das populações Amazônidas, especialmente aquelas que vivem às margens dos rios. Cabe, entretanto, sínteses mais abrangentes em face das fluvialidades.

Nesses termos, cabe a cautela ao postular-se o conceito/noção de fluvialidades em rios urbanos, pois, como sugeriu Koselleck (1992, p. 3): “todo conceito é não apenas efetivo

enquanto fenômeno linguístico; ele é também imediatamente indicativo de algo que se situa para além da língua”.

Dito de outra forma, conceitos são entes abstratos que precisam penetrar e habitar o espírito (ganhar sentido e significado amplo e próprio), esse é o caso das fluvialidades, uma noção/conceito com validade para estudos de caso ou de casos específicos.

Nas palavras de Koselleck (1992, p. 98), conceitos possuem “uma capacidade semântica superior à das meras palavras, pois articulam-se ao contexto que os produziu e sobre os quais eles podem atuar, e o tornam inteligível”.

Ainda assim, vale ressaltar que a postulação de um conceito/noção não prescinde da investigação da realidade, pois, se assim o fosse, correr-se-ia o risco de adaptar à realidade às classificações teóricas (Bloch, 2001).

Assim, a terminologia *fluvialidades* nos rios urbanos emerge precisamente porque pode subsidiar a explicação de um fato da realidade material muito específica, pois, como mencionado, os rios da Amazônia – e suas fluvialidades – são condição, meio e produto da vida cotidiana.

Em coerência aos argumentos de Gomes (2014, p.12), “o lazer precisa ser tratado como um fenômeno social, político, cultural e historicamente situado”. Assim, como operacionalizar metodologicamente as experiências lúdicas, o brincar, o existir nos rios da Amazônia brasileira?

Seria suficiente especular essas práticas nativas somente pela perspectiva analítica-científica? Se assim o fosse, restaria desconsiderada a ponderação feita por Gomes (2014, p. 12) segundo a qual o lazer concretiza-se: “segundo os valores e interesses dos sujeitos, grupos e instituições em cada contexto histórico, social e cultural”. Em síntese, para explicar uma realidade singular, faz-se necessário superar as categorias universalizantes.

Nestes termos, a condição para as fluvialidades é a existência material dos rios. No caso de Altamira-PA, temos defendido que as fluvialidades precisam ser consideradas contextualmente, o que nos remete a pelo menos três eventos, cuja repercussão se articula diretamente à dinâmica do lazer.

O primeiro desses eventos corresponde ao período da extração da borracha (*Hevea brasiliensis*), já a abertura da Rodovia Transamazônica (BR-230) corresponde ao segundo evento, por incidir diretamente na dinâmica dos rios de Altamira; finalmente o início da construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte (UHBM) corresponde ao terceiro evento relacionado à dinâmica do lazer nos rios urbanos de Altamira.

Em perspectiva, Altamira se origina à margem do rio (o Igarapé Panelas) e se desenvolve às margens do rio Xingu e dos seus afluentes urbanos (o Igarapé Ambé e o Igarapé

Altamira). Esse é o contexto em que a dinâmica dos rios dita a dinâmica social da cidade a partir do século XVII. Nesse contexto, os povos originários (povos indígenas) ocupavam/habitavam o território onde atualmente encontra-se o núcleo urbano de Altamira. Trata-se das fluvialidades como determinantes da vida cotidiana de Altamira que vigora até a década de 1970 (Miranda Neto; Mendes, 2022).

Na sequência, o tecido urbano de Altamira expande-se em oposição à margem esquerda do rio Xingu e sobre os leitos dos igarapés Ambé, Panelas e Altamira. Esse é o contexto em que os povos indígenas são expulsos das suas históricas territorialidades, na medida em que a racionalidade urbana se intensifica. Tal período é marcado por um adensamento populacional e por uma crescente degradação das margens e dos cursos hídricos, especialmente pelo despejo de efluentes nos rios urbanos. Nesse período as *fluvialidades* tornam-se fragilizadas (Miranda Neto; Mendes, 2022).

Finalmente, a construção da UHBM realizada entre os anos de 2011–2015 agudiza uma série de processos socioespaciais que se materializam num brevíssimo espaço de tempo. Esse é o contexto em que os rios de Altamira e suas dinâmicas sazonais são amplamente impactadas e controladas. Trata-se do momento em que as fluvialidades passam a ser reprimidas (Miranda Neto; Mendes, 2022).

Quadro 5– Fluvialidades em Altamira-PA

| <b>Tipo</b>                        | <b>Evento</b>                       | <b>Período</b>   | <b>Característica</b>  |
|------------------------------------|-------------------------------------|------------------|--|
| <b>Fluvialidades determinantes</b> | Emergência do ciclo da borracha     | Século XVII-1970 | Altamira como uma cidade ribeirinha e os rios como principais vias de acesso.  |
| <b>Fluvialidades fragilizadas</b>  | Abertura de Transamazônica (BR-230) | 1970–2010        | Intensas ocupações urbanas às margens dos rios e igarapés.                     |
| <b>Fluvialidades reprimidas</b>    | Início da construção de UHBM        | A partir de 2011 | Processo de reestruturação da cidade após a introdução da usina de Belo Monte. |

Fonte: Miranda Neto; Mendes (2022).

O que tenho argumentado é que, diferentemente das transformações oriundas da construção da Rodovia Transamazônica que se diluíram nas décadas subsequentes a 1970, a construção da UHBM provocou uma intensa e violenta transformação no tecido urbano de Altamira (e sobretudo nos rios urbanos da cidade) num curtíssimo intervalo de tempo.



Com efeito, a sistematização feita no contexto desta tese permite afirmar que apesar da força do capital que modifica a materialidade dos rios e a dinâmica social de uma cidade, os rios urbanos permanecem como espacialidades centrais para as experiências de lazer.

Essa constatação, porém, exige um certo nível de abstração, isto é, não é suficiente afirmar que existem práticas de lazer nos rios urbanos da Amazônia. Para além disso, é preciso um esforço teórico para designar o sentido que essa relação sujeito-rio suscita em relação ao campo dos estudos do lazer. Tal contexto, exige que se posicione a noção categorial para além do juízo de valores, considerando as fluvialidades como uma processualidade. Assim, se no século XVII os rios ditavam a dinâmica social de Altamira, sendo, portanto, espacialidades determinantes para as práticas do lazer, após 2011 essas mesmas espacialidades fluviais passam a ser controladas pela concessionária da UHBM. É nesse último período (construção da UHBM) que novas práticas de lazer são incrementadas na dinâmica fluvial em Altamira.

Figura 5 – Caiaquismo e natação no rio Xingu – setembro de 2024



Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda assim, conforme a figura 5 os rios permanecem como espaços privilegiados para a fruição do lazer. Eis o contexto em que não se deve relacionar, estabelecendo juízo de valor,

os antigos e os novos conteúdos do lazer nos rios urbanos de Altamira-PA. Nesses termos, seguindo as reflexões de Miranda Neto e Mendes (2022), considero que as fluvialidades são:

(i) a expressão espacial das práticas cotidianas que envolvem o rio, mediadas pela produção/apropriação de espacialidades fluviais; (ii) pode ser utilizado tanto para designar as práticas de grupos específicos, como ribeirinhos urbanos, pescadores, beiradeiros etc., como para expressar as relações cidade-rio de um modo geral, caracterizando os usos a partir de seus moradores; (iii) as fluvialidades surgem, se modificam e desaparecem de acordo com a importância da materialidade rio na vida cotidiana (Miranda Neto; Mendes, 2022, p. 164).

Dito de outra forma, os rios exercem uma importância vital para as cidades da Amazônia brasileira, muito embora o sentido dessa importância deva ser sempre contextualizado. Assim, as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira do tempo atual diferem muito daquelas do início do século XX, como apresentam diferenças em relação aos novos conteúdos que surgirão ao longo das próximas décadas deste século.

Desse modo, para Miranda Neto e Mendes (2022), as fluvialidades determinantes, fragilizadas e reprimidas refletem espaço-territorialidades específicas as quais precisam ser situadas historicamente a partir das quais os modos de Ser e Existir nas cidades beira-rio da Amazônia brasileira são revelados.

Ainda assim, apesar da centralidade dos rios na dinâmica social das cidades, não se pode negar a influência de externalidades que operam na dinâmica desses corpos hídricos (a exemplo da construção de usinas hidrelétricas) que pela sua magnitude altera as funcionalidades dos rios.

Com efeito, se as fluvialidades em rios urbanos designam um tipo de existência dos povos dessa região, também revelam espaços-territorialidades que se (trans)formam à medida que o evento (como a UHBM) se materializa no lugar. Essa realidade é sintoma da processualidade que condiciona as fluvialidades nos rios urbanos das cidades da Amazônia brasileira.

Assim, se no contexto da construção da UHBM as fluvialidades foram reprimidas, também posso pensá-las como latências ou emergências. No último capítulo desta tese, por exemplo, apresentarei ao menos três exemplos que podem ser considerados fluvialidades emergentes ou latentes: 1) a prática do caiaquismo, 2) os balneários particulares e 3) as áreas de marinas ao longo da margem do rio Xingu.

Tais conteúdos e espacialidades/conteúdos, permite afirmar-se mais uma vez a centralidade e o caráter processual das fluvialidades nos rios urbanos das cidades beira-rio da Amazônia brasileira, as quais podem ser analisadas a partir da noção categorial aqui postulada.

### **3 CAPÍTULO II: DO RIO QUE CORRE EM NÓS AO RIO FERIDO DE MORTE: PRÁTICAS DE LAZER NOS RIOS URBANOS DE ALTAMIRA-PA, ANTES E DURANTE A CONSTRUÇÃO DA UHBM.**

“O rio que pulsa em nós” sinaliza à orgânica representação que o rio (pensado enquanto ente (i)material) desempenha na vida do altamirense. Trata-se de uma espacialidade condicionante da vida social da cidade de Altamira. Já o rio, o “rio ferido de morte” sinaliza uma inflexão na relação cidade-rio, agora não mais mediada enquanto valor de uso, mas enquanto projeto de infraestrutura fundamentado no valor hídrico, no valor de troca.

Por isso, ao longo deste capítulo apresento as principais experiências de lazer que existiam nos rios urbanos de Altamira, antes da construção da UHBM, mas também as profundas mudanças nas fluvialidades do lazer resultantes da construção dessa megaobra. Começo destacando as particularidades de uma cidade que nasce a beira-rio.

#### **3.1 Altamira-PA: uma cidade a beira-rio**

Ao longo dessa seção objetivo apresentar os determinantes que condicionaram a formação da cidade de Altamira, cuja gênese é ribeirinha. Para tanto, mobilizo autores como Nunes (2003), Castro (2012), Lobato; Bahia (2020) e Trindade Júnior (2011), este último com pesquisas realizadas em outras cidades beira-rio da Amazônia brasileira, cujos resultados reforçam as particularidades socioespaciais e os conteúdos presentes nessas cidades, dos quais o lazer é nexos, especialmente aqueles existentes nas orlas fluviais.

No caso de Altamira-PA, almejo discutir como a dinâmica de uma cidade beira-rio é (re)produzida por externalidades, especialmente aquelas relativas aos projetos de modernização territorial, conforme estudos de Castro (2012).

Do ponto de vista oficial, Altamira originou-se da Missão *Tavaquara*<sup>16</sup>, uma expedição jesuítica realizada na segunda metade do século XVIII. Até o início do século XX, esta cidade configurava-se como um modesto aglomerado urbano localizado às margens do rio Xingu, desempenhando um papel periférico no contexto do comércio regional.

Pelos dados presentes na obra de Umbuzeiro e Umbuzeiro (2012), posso afirmar que a história oficial de Altamira-PA se articula a externalidades, a exemplo das missões jesuíticas, do 1º e 2º ciclo da borracha (atividade econômica de extração da *hevea brasiliensis*), da

---

<sup>16</sup> De acordo com Umbuzeiro e Umbuzeiro (2012) essa missão aparece com dois outros nomes: *Tacuara* e *Tucuaana*.

construção da Rodovia Transamazônica (BR 230) e da construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte (a partir de 2011). Destaco o vocábulo formal para enfatizar que antes das missões jesuíticas já havia populações ocupando e existindo no território que hoje corresponde ao município de Altamira.

Em todos esses períodos pontuados por Umbuzeiro e Umbuzeiro (2012), a cidade esteve mais ou menos conciliada à dinâmica do rio, na medida em que articula escalas e temporalidades distintas. De um lado, processos sociais que se interpenetram revelando generalidades, de outro lado, temporalidades que se dialetizam num misto de tempos rápidos e tempos lentos reveladores das particularidades. O fenômeno do lazer, portanto, precisa ser discutido neste contexto de coexistências/simultaneidades, onde o “tempo lento” tem primazia, conforme argumentação de Santos (2017, p. 324-325).

Altamira foi-se formando um arruado, uns dois quilômetros rio acima, pelo pessoal que se recusava pagar pelo uso da estrada particular do coronel. Utilizava a estrada pública, subindo o igarapé do Ambé que, embora tivesse um percurso maior, era de graça. Entre o Morro do Forte e Altamira, formava uma extensa várzea, resultado do alagamento de um baixão que, no inverno, época de cheia do Xingu, unia as desembocaduras do Igarapés Altamira e Ambé que se interpunha entre essas duas localidades (Nunes, 2003, p. 215).

Pela descrição de Nunes (2003, p. 215) a cidade de Altamira está, desde a sua origem, marcada pela presença e pela importância dos rios que a cortam. É como se o curso dos rios determinasse o modo com que o tecido urbano da cidade e sua dinâmica se constituísse.

Avançando nessa “linha do tempo” da (trans)formação da cidade de Altamira, um fato merece destaque. Trata-se do declínio dos ciclos da borracha (processo acirrado com o fim da Segunda Guerra Mundial), contexto em que a dinâmica social de Altamira passa a ser mobilizada por outras externalidades, especialmente obras e projetos de infraestrutura, ações que se materializam no contexto do chamado processo de modernização/integração territorial (Castro, 2012).

É a partir da década de 1970 que a cidade de Altamira recebe o impacto da construção da Rodovia Transamazônica (BR 230)<sup>17</sup>, uma obra que se iniciou na cidade de Cabedelo na Paraíba e findou na cidade de Lábrea no estado do Amazonas (Sousa, 2012).

O incremento socioespacial deflagrado após a construção da Rodovia Transamazônica acelerou uma série de processos na relação cidade-rio, exigindo, nesse momento, que se faça uma ponderação de ordem teórico-analítica. Essa ponderação tem por base o título dessa seção

---

<sup>17</sup> Ver série documental: “Transamazônica: uma estrada para o passado” na HBO Max.

combinado com os estudos de Trindade Júnior (2011). Para este autor, há uma diferença entre cidade ribeirinha e cidade beira-rio:

A diferenciação aqui se faz necessária, uma vez que, para além dos atributos de localização geográfica, que definem uma cidade como beira-rio, há outros, de natureza relacional, e, portanto, de conteúdo socioespacial, que a definem como verdadeiramente ribeirinha. Estas, para além da localização, também trazem consigo um conteúdo de fortes e múltiplas interações de sua população residente com o elemento hídrico que lhe está próximo. Nesse sentido, toda cidade ribeirinha é uma cidade beira-rio, mas nem toda cidade beira-rio é, necessariamente, ribeirinha (Trindade Júnior, 2011, p. 9).

Na presente pesquisa o esforço é menos apresentar as diferenças e as similaridades entre uma cidade de natureza ribeirinha e uma cidade beira-rio e mais enfatizar a importância dos rios urbanos para as práticas de lazer e como estes são (trans)formados no contexto de grandes obras de infraestrutura.

Na pesquisa referenciada, Trindade Júnior (2011) investigou três cidades do estado do Pará de origem ribeirinha (Marabá, nos rios Tocantins/Itacaiúnas; Cametá, no rio Tocantins; e Santarém, nos rios Tapajós/Amazonas). Nessas cidades, o autor optou por pesquisar uma fração da dinâmica dos rios: as orlas fluviais.

Os dados de sua pesquisa sugerem que essas espacialidades são utilizadas, sobretudo, para moradia, atividade portuária de pequena escala; lazer no rio; uso doméstico da água do rio: “nessas cidades as orlas fluviais sempre se apresentaram como verdadeiras expressões intra-urbanas dos processos que marcaram a formação socioespacial da região desde o processo de colonização portuguesa (Trindade Júnior, 2011, p. 3).

Quadro 6 – Dinâmicas ribeirinhas em Marabá-PA, Santarém-PA, Cametá-PA

| <b>Cidade</b> | <b>Localidade da orla</b> | <b>Principais usos e funções</b>   |
|---------------|---------------------------|--|
| Marabá-PA     | Porto das Canoinhas       | Moradia; atividade portuária de pequena escala; lazer no rio; uso doméstico da água do rio.                    |
| Santarém-PA   | Praia e Feira do Uruará   | Moradia; comércio informal; atividade portuária de pequena escala; lazer no rio; uso doméstico da água do rio. |
| Cametá-PA     | Complexo da Aldeia        | Moradia; lazer no rio; uso comercial; práticas religiosas.   |

Fonte: Organizado com base em Trindade Júnior (2011, p. 5-8).

A menção ao trabalho de Trindade Júnior (2011), mas sobretudo a diferenciação que o autor propõe entre a cidade ribeirinha e a cidade beira-rio, ocorre no sentido de demonstrar a

complexidade das cidades e das dinâmicas sociais existentes na Amazônia. Além disso, busco superar marcadores categoriais universalizantes que se propõem a homogeneizar uma dada realidade.

Neste caso, supera-se eventual abordagem que toma todas as cidades da Amazônia como sendo ribeirinhas, onde a dinâmica social estaria congelada e circunscrita a conteúdos de um passado tradicional e remoto.

Assim, apesar de o estudo de Trindade Júnior (2011) sugerir que as espacialidades fluviais (as orlas fluviais) comportam conteúdos do lazer, não se pode generalizar, do ponto de vista socioespacial, todas as cidades da Amazônia que eventualmente tenha sua gênese ribeirinha.

A presente pesquisa, por outro lado, ao mesmo tempo em que apresenta os determinantes que condicionam o surgimento de Altamira, demonstra contextos e intencionalidades responsáveis por inflexões no decurso da história da cidade. Tais contextos e intencionalidades, no caso de Altamira, estão caracterizados por intervenções governamentais que de acordo com Castro (2012) constituem em políticas de modernização territorial, sendo a mais proeminente correspondendo à construção da Rodovia Transamazônica (BR 230).

O rebatimento e as implicações advindas da construção da Rodovia Transamazônica permitem que se reitere a ponderação apresentada por Trindade Júnior (2011), pois se antes da construção da referida rodovia a relação cidade-rio era mais permanente e orgânica, após esse fato os rios urbanos de Altamira passam a assumir outra função, agora muito mais enquanto local onde se depositam efluentes ou sobre os quais se constroem as chamadas casas em palafitas (figura 6).

Figura 6– Casas em palafitas na “invasão dos padres” – leito do Igarapé Ambé – antes da construção da UHBM



Fonte: <https://www.amazonialatitude.com/2021/09/13/belo-monte-pelas-lentes-de-anderson-barbosa>

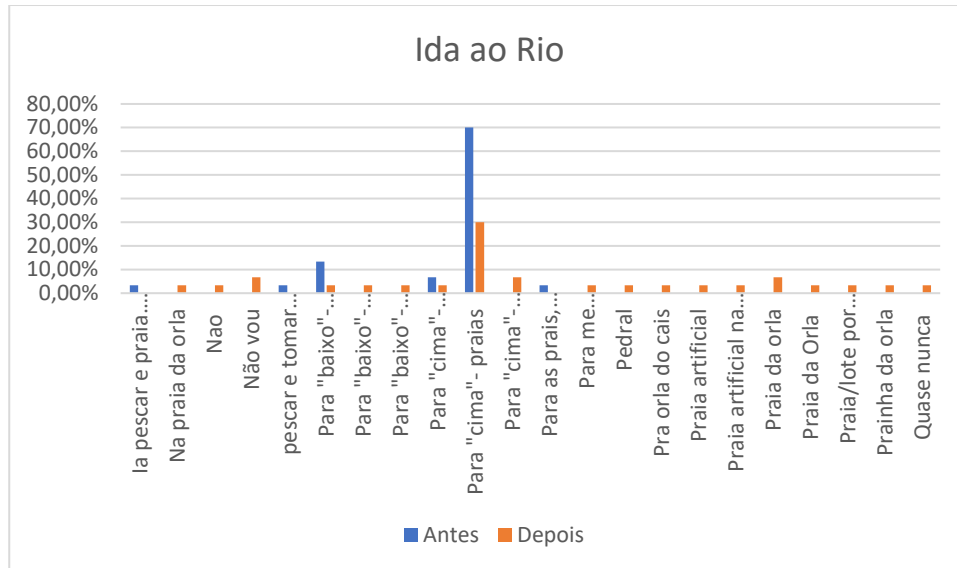
A mediação entre o estudo de Castro (2012), o estudo de Trindade Júnior (2011) e a pesquisa aqui postulada, permite que se considere não apenas a dimensão visível do processo, mas os processos e as dinâmicas sociais que se articulam à formação de uma dada realidade, neste caso a (trans)formação de uma cidade cuja dinâmica social está marcadamente ligada ao rio.

Há uma relação muito estreita entre os objetos espaciais que compõem as paisagens das cidades ribeirinhas e os contextos dos quais os mesmos são produtos. Essa materialização se expressa desde as primeiras relações baseadas no comércio das “drogas do sertão” na Amazônia e que definiram as primeiras funcionalidades das cidades à beira dos rios (Trindade Júnior, 2011, p. 3).

Persistindo no modo com que as intencionalidades governamentais incidem na dinâmica social das cidades beira-rio, cabe destacar o impacto que a construção da UHBM promoveu na cidade de Altamira-PA. Diferentemente do que ocorreu entre as décadas de 1970 e 1980, quando o número de habitantes de Altamira aumentou em mais de cinco vezes, muito em função da construção da rodovia Transamazônica, o que se tem com a construção da UHBM é uma realidade muito distinta daquela anterior. Uma das mudanças mais representativas dessa nova

realidade corresponde à interação dos sujeitos com os rios (especialmente com o rio Xingu) que diminui bastante.

Figura 7 – Ida ao rio, antes e depois da UHBM



Fonte: Dados da pesquisa.

A figura 7 apresenta alguns resultados do questionário, relativos à ida das pessoas ao rio (tanto o rio Xingu, quanto seus afluentes urbanos) considerando o período anterior e posterior à construção da UHBM. Ficou evidente que a inserção da megaobra no rio Xingu limitou significativamente a frequência das pessoas ao rio, aspecto muito distinto da realidade anterior marcada por uma intensa relação sujeito-rio.

Alguns dados vêm ao encontro da informação contida na figura 7, sendo um dos principais o fato de pelo 22 mil pessoas terem sido removidas compulsoriamente das margens dos igarapés urbanos de Altamira e colocadas em Reassentamentos Urbanos Coletivos, distantes até 6 km da orla fluvial da cidade (Miranda Neto, 2014). Esse fato marca uma nova realidade para os sujeitos de Altamira na medida em que acirra a disjunção cidade-rio, sendo por isso mais apropriada a menção à cidade beira-rio, conforme Trindade Júnior (2011).

Diferentemente dos dados trazidos por Trindade Júnior (2011) que sugerem relações de apropriação, ainda que timidamente conciliadas ao rio, a construção da UHBM induziu em Altamira um ordenamento do espaço urbano, especialmente em relação aos rios e às suas margens que agora não são mais locais de moradia e sim espaços requalificados em obediência a um ideário paisagístico de estética externa ao local (figura 8).

Figura 8 – Vista Aérea da orla fluvial de Altamira/2022



Fonte: Dados da pesquisa.

O debate suscitado até aqui deixa evidente a transição entre as psicoferas de que falaram Lobato e Bahia (2020), isso porque na Amazônia é possível discutir os conteúdos e as formas intimamente ligadas à natureza (psicosfera da natureza) e também aqueles conteúdos funcionais à lógica da modernidade (psicosfera urbana).

Na figura 6, a despeito do caráter predatório oriundo da ação humana, resta demonstrado que os rios urbanos integravam de maneira ativa a paisagem da cidade, conforme narrativa: *“Tinha! Tinha um amigo que morava próximo do Igarapé Altamira e o rio ficava no fundo da casa dele o rio, passava no fundo da casa dele. Então o final de semana era de praxe a gente ir pra lá e tomar banho”* (Iriri, entrevista concedida em 04/06/2023). Já a figura 8 revela uma racionalidade urbana que não admite como possível a conciliação sociedade-natureza.

Daí a importância em considerar o processo histórico vivenciado por essas cidades, numa perspectiva em que, partindo-se do presente, recobremos o seu passado, articulados igualmente em uma visão prospectiva (MARTINS, 1996). O imediato e o mediato nos levam a entender a configuração geográfica atual daquelas cidades, permitindo pensar em políticas futuras que considerem suas especificidades (Trindade júnior, 2011, p. 4).

Como foi salientado ao longo desta seção, Altamira sequer existiria não fosse a presença do Igarapé Panelas, e sobretudo do rio Xingu. Este último possibilitou que a cidade se conectasse com a escala global, tornando esta cidade visível e acessível a outras partes do

mundo. O lazer nessa temporalidade pretérita estava intimamente ligado à própria dinâmica natural dos rios, contexto em que as dimensões da vida cotidiana – como trabalho, moradia e lazer – se articulavam diretamente ao tempo dos rios, conforme descrição de Nunes (2003).

Todavia, a ideia de ordenamento territorial pensando enquanto política de Estado e potencializada sobretudo a partir da segunda metade do século XX irrompeu uma histórica dinâmica de interação sociedade-natureza onde o rio exercia um papel central de mediação social (Castro, 2012).

A resultante desse processo mediado por intencionalidades governamentais é uma disjunção da cidade com o rio e dos sujeitos com o rio. Tal contexto agudiza processos e redefine relações socioespaciais, sendo uma delas a noção de cidade ribeirinha que não é o mesmo que cidade beira-rio, conforme demonstrado por Trindade Júnior (2011). Essa processualidade impõe outras funções e outros sentidos aos rios urbanos, como enfatizaram Lobato e Bahia (2020).

Não seria exagero afirmar que a construção da UHBM, conforme a construção da BR 230, revela o *modus operandi* com que este espaço (o espaço da Amazônia) é instrumentalizado na ordem do capital. Convém destacar, entretanto, que se pode admitir a ideia de que os projetos modernizadores e as grandes obras de infraestrutura aniquilam integralmente a função social do rio na dinâmica da cidade. Os dados trazidos da pesquisa de Trindade Júnior (2011) são um exemplo dessa força cotidiana que (re)existe nas fluvialidades das cidades beira-rio da Amazônia.

Uma vez reconhecida a importância dos rios para a conformação de Altamira, bem como estabelecida sua contextualização espacial e histórica, deve-se considerar o hibridismo que compõe Altamira, configurado essencialmente em função das políticas modernizadoras que rebatem no cotidiano da cidade.

Esse contexto requer que se supere leituras generalizadoras, especialmente em relação à sua dinâmica fluvial de cidades como Altamira, visto que as experiências de lazer nos rios urbanos desta *urbe* são, ao mesmo tempo, produto e produção de uma relação dialética onde as distintas temporalidades se interpenetram e coexistem no espaço social desta cidade.

Uma mesma orla fluvial pode apresentar os três perfis anteriormente mencionados. Assim sendo, orlas enraizadas podem conviver em um mesmo espaço urbano com orlas fluidas e estandardizadas. Isso acontece porque o espaço resulta de uma acumulação de tempos distintos que se refletem, se superpõem e se justapõem nas paisagens (Trindade Júnior, 2011, p. 15).

Não seria demasiado afirmar que do ponto de vista cotidiano, os rios urbanos de Altamira refletem dimensões ligadas a ordem vivida (as banalidades da vida humana), como propiciam a reprodução do modo de produção ampliada do capital.

### 3.2 O rio que corre em nós<sup>18</sup>

A expressão no título dessa seção alude aos *Juruna* ou *Yudja*, povos originários que vivem no estado do Mato Grosso e no Pará, no parque indígena do Xingu e Terra Indígena Paquiçamba do km 17, respectivamente.

Conversa com um homem:

— Qual é o nome desse rio?

Esse rio não tem nome, dizemos simplesmente *iya ithabi*.

— Quais são as fronteiras de sua terra?

De Altamira ao Morená, este rio é nossa terra.

— O que quer dizer seu nome?

Nosso nome, Yudjá, nós o temos porque somos deste rio, nós outros fomos criados neste rio.

— Por que vocês caçam de canoa?

Não podemos andar a pé, não somos Índios! Temos canoas para navegar

(Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yudj%C3%A1/Juruna>).

Neste ponto, o leitor pode estar se questionando: se a pesquisa em questão tem por base as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira, por que a menção a povos indígenas que sequer residem no núcleo urbano desta cidade? Ou ainda, por que a referência a Terras Indígenas (TI) tão distantes do recorte empírico da pesquisa?

Antecipando-me a eventuais questionamentos, reitero que não se pode tomar o rio enquanto lugar de passagem, como mera dimensão naturalista. Trata-se de entendê-lo como parte de um todo, sobre o qual, com o qual e a partir do qual diversas relações sociais são constituídas, cujo sentido provoca-nos a admitir a concepção de território para entendermos as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira.

Convém um parêntese para aprofundar um pouco mais sobre a noção de território suscitada nesta pesquisa, ainda que o recorte teórico desta tese suscite a categoria espaço. Começo, como fez Haesbaert (2016, p. 37), reconhecendo o caráter amplo e polissêmico deste conceito, pois não raro tal conceito é “sequestrado” pela estrutura disciplinar de conhecimento passando a enfatizar a questão da materialidade do território no campo da geografia, das relações de poder no campo da ciência política, da dimensão simbólica no campo da antropologia, da subjetividade no campo da psicologia e daí por diante.

<sup>18</sup> <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yudj%C3%A1/Juruna>

Ao se considerar os elementos trazidos no *caput* desta seção, a que remete a perda dos povos indígenas das suas terras e dos rios, considero não se tratar de um retorno ao “território perdido”, muito menos de um debate em torno da desterritorialização (a quem Haesbaert denominou de “mito”), mas da tentativa de apresentar a temática em sua complexidade tendo claro que as práticas de lazer que antecedem ao evento Belo Monte não pode desconsiderar a presença e as práticas dos povos originários, muito menos prescindir de um debate em torno da categoria território.

Os argumentos de Haesbaert (2016) sugerem que se compreenda o território para além de dualidades (materialidade x imaterialidade, natureza x cultura) admitindo-o sob uma perspectiva relacional, o qual pode evocar identidades, simbolismos, culturas e níveis distintos de afetividade.

Fato é que para se analisar em profundidade as diferentes expressões de lazer para além da contraposição dos tempos sociais (como o tempo do lazer e o do trabalho) a categoria território precisa ser incorporada ao debate, por possuir potencial de articular distintos tipos de estudos (Gomes; Falcão, 2019).

Ainda assim, a ideia de multiterritorialidade que em Haesbaert (2016) se coloca como superação (ao mito) à desterritorialização precisa ser contextualizada no tempo e no espaço, sob pena de incorrer-se numa espécie de virtualização, onde todos os sujeitos (teoricamente) vivenciam/riam territórios e territorialidade, muito embora na prática saiba-se que os limites se impõem.

A escolha de uma expressão que alude ao povo *Yudja* logo no título dessa seção mostra-se oportuna já que este povo representa a intrínseca relação sujeito-natureza, especialmente porque têm o rio como extensão da sua própria existência, literalmente eles vivem no/do/para/pelo rio.

Esse povo (os Juruna) tem altas habilidades em navegação fluvial, são exímios pescadores, mergulham em águas profundas em busca do acari-zebra (*Hypancistrus zebra*), conhecem como ninguém as corredeiras, os bancos de areia e os muitos pedrais existentes ao longo do rio Xingu: “Digam-nos: o que quer dizer seu nome? “Nosso nome, Yudja, nós o temos porque somos deste rio, porque nós fomos criados neste rio” (Lima, 1995, p. 65).

O esforço empreendido nesse momento é apresentar as práticas de lazer nos rios urbanos não como um fato em si, mas como um encadeamento orgânico, histórico e espacialmente situado, em cuja lógica se apresentam outras racionalidades, conforme trecho da música em destaque a seguir:

Esse rio é minha casa, a varanda igarapé, morena cheiro de mato Marajó tem mururé,  
 esse rio é minha casa, a varanda igarapé, morena cheiro de mato Marajó tem mururé.  
 Pescador que colhe a rede o seu peixe vai pescar, vaqueiro grita com boi recolhe o  
 gado pro curral, vaqueiro grita com boi recolhe o gado pro curral (Viva a Cidade de  
 Soure, Grupo Cruzeirinho).

A música referenciada permite algumas interpretações, sendo uma delas a questão de escala, isto é, o rio com sua abrangência maior pode ser interpretado como morada, como uma casa. Já o igarapé, como capilar do rio, por ser um corpo hídrico menor, é apresentado como um compartimento da casa: a varanda. Em todo caso, rio e igarapé – casa e varanda – assumem representações diretamente associadas ao modo de Ser e de Existir nas cidades Amazônicas banhadas ou cortadas pelos rios (figura 9).

Figura 9 – “Caneludas”



Fonte: <https://www.viajenaviagem.com/casa-cor-edicao-solimoes/>

O rio como casa revela a realidade de várias cidades da Amazônia, onde as tipologias urbanas fogem à rigidez arquitetônica e paisagística predominante nas cidades ocidentais. No caso da música referenciada, enunciam-se os campos e os rios do arquipélago do Marajó, onde as águas ditam o ritmo da vida, aquilo que, nas palavras de Gallo (1980, p. 61), pressupõem uma “ditadura das águas na Amazônia”.

Quem manda aqui não é presidente da república, não é governador, não é prefeito. Aqui domina uma ditadura absoluta e incontestável, não baseada na Constituição ou nas Forças Armadas. É um dado de fato, quem manda é a água. É a água quem dá o

sustento e cria as dificuldades, consola e leva ao desespero, condiciona a saúde, o trabalho, a vida da gente: sem levantar a voz, sem violência, mas implacável e total. [...] As estações do ano, aqui têm um nome exclusivo: água, lama e seca (Gallo, 1980, p. 61).

Certamente, a realidade fluvial de Altamira difere substancialmente daquela apresentada por Gallo (1980), pelo Grupo Cruzeirinho ou mesmo da figura 9, ainda assim não se pode tomar os corpos hídricos dessas várias realidades como mero substrato da paisagem, se assim o fosse restaria esvaziado todo o seu caráter (i)material, essencial para compreender-se as diferentes práticas humanas que ocorrem no e pelo rio.

O que se pretende destacar é a existência de uma racionalidade fluvial, organicamente mediada pela relação humanidade-natureza, a qual precede qualquer inserção de objeto técnico, a exemplo da construção da UHBM. Não se trata de essencialidade, mas de entender o rio como um corpo vivo e as experiências de lazer, como extensão dessa realidade natural organicamente integrada à vida dos sujeitos, tal como demonstramos a partir do ponto de vista dos povos Juruna.

Quando afirma tratar-se de uma (i)materialidade quero enfatizar que essa atitude do sujeito Amazônida não se limita apenas à dominação do rio, mas que pela relação sujeito-rio, outros conteúdos do espaço vivido são constituídos, (re)produzem uma ordem próxima (Gallo, 1980).

Aspecto similar encontro na poética de Ruy Barata e Paulo André<sup>19</sup> quando afirmam: “*esse rio é minha rua. Minha e tua mururé*”, sugerindo um deslocamento da centralidade do eixo rodoviário (condição de existência material no ideário urbanocêntrico) para o eixo fluvial.

Nestes termos, o rio não é dominado pelo sujeito, muito menos o subordina, mas viabiliza uma interação entre sujeito e natureza, reconhecendo que outras vidas dependem e/ou tem o rio como rua e/ou casa: “*Minha e tua mururé*”. Logo, o rio não é apenas do poeta/Amazônida, mas é também dos mururés (plantas encontradas nos rios com raízes subaquáticas).

No limite, trata-se de analisar o rio não apenas como *palco* onde determinadas práticas se efetivam, mas como um elemento que integra e é integrado por outros elementos da paisagem, suscitando uma dimensão territorial.

A digressão ao campo artístico/poético ocorre na ânsia de apresentar, ainda que em caráter introdutório, elementos que me possibilite discutir as práticas de lazer que ocorrem nos

---

<sup>19</sup> Letra: “Este rio é minha rua”. Paulo André Barata / Ruy Guilherme Paranatinga Barata.

rios urbanos de Altamira-PA para além de um carácter mediato. Admitir o rio, como condição às práticas de lazer é entendê-lo enquanto complexidade (estética e imagética, conforme esboçado na figura 9) e não apenas como condição material.

Trata-se dos elementos da paisagem produzindo efeito na vida social dos sujeitos, quer seja pelo que se evidencia materialmente, quer seja pelo que se suscita no universo imaginário.

“O rio e a rua”, diz com objetividade épica, Raimundo Moraes. “Esse rio e nossa rua”, reafirma Raul Bopp, já numa poeticidade cénica e de sentimento coletivo, no poemadramático Cobra Norato: “Esse rio e minha rua”, expressam em forma lírica e subjetivadora, numa espécie de intertextualidade cultural Ruy Barata e Paulo André, a importância do rio na vida regional, em música popular na base do ritmo do carimbó, nativo da região. São rios que têm, portanto, seu curso d'água fluindo na literatura amazônica de várias épocas (Loureiro, 2001, p. 126).

Os argumentos de Loureiro (2001) sugerem pensar o rio como um corpo vivo que só existe pela presença de outras vidas como o homem, os peixes, as plantas, as flores, as aves, elementos que junto refletem um sofisticado carácter orgânico de relação sociedade-natureza. Trata-se de um *ethos* configurado pela indissociabilidade da relação simétrica entre os sujeitos e a natureza do qual o rio é um nexos.

Com efeito, ao sintetizar a expressão “esse rio é minha rua” estou chamando a atenção para o tensionamento, para um choque de mundos cujo embate reflete uma concepção de rio enquanto valor hídrico (este é o rio da Hidrelétrica) e uma concepção de rio enquanto valor de uso (este é o rio dos Juruna e tantos outros sujeitos que viveram num tempo anterior a Belo Monte).

Todavia, não se pode admitir a ideia de que a construção da UHBM aniquilou completamente as práticas de lazer nos rios urbanos que lhe eram anteriores. Do mesmo modo, não é razoável cultivar a ideia de que as experiências de lazer nos rios urbanos coexistem a essa hidrelétrica de forma permanente e inalterada.

A premissa aprofundada ao longo desta secção sugere a existência de uma racionalidade do lazer orientada por uma relação mais horizontal entre as pessoas e a natureza, a qual sofreu uma inflexão por conta da construção da UHBM.

Ah, a água era bem limpa, era bem acessível. A gente pegava um barco, né? Uma voadeira ou um barquinho. Atravessava o rio e tinha várias praias mais próximas aqui, hoje eu acredito que tenha também mais, um pouco mais distante. Eram praias bem mais próximas. Eu lembro que uma vez eu fui de canoa, eu, meu marido e o meu cunhado. Nós pegamos uma canoinha e fomos remando. Tinha uma praia que era eu não sei nem te dizer onde era ..... atrás da Ilha do Capacete. Mais ou menos. Então a gente foi, fez a volta na Ilha do Capacete de canoa e voltou, veio pra margem de novo... Agora quando a gente ia com os amigos de barco ou de voadeira ia assim pra praia mais distante, mais um pouquinho mais distante, mas tinha bastante opção de praia (Penetecal, entrevista concedida em 14/06/2023).

Esse tipo de relação sujeito-rio, organicamente integrado aos ciclos da natureza, em muito se articula à forma com que as principais cidades da Amazônia se originaram. Cidades como Belém-PA, Manaus-AM, Gurupá-PA, Santarém-PA, Marabá-PA, Imperatriz-MA, Altamira-PA, Bragança-PA, tiveram sua origem determinada pela presença de grandes rios.

Apesar do rio ter sido muitas vezes relegado a um papel estratégico no contexto de ocupação e colonização da região Amazônia o que permanece são conteúdos que se conectam a essas espacialidades fluviais e imprimem uma identidade para os povos desses lugares.

Apresentada a discussão sobre a relação sujeito-rio numa escala mais ampla, passo a discutir de forma mais específica quais eram as principais práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira no período anterior à construção da UHBM.

### **3.3 Práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira: temporalidade anterior à construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte**

Tão complexo quanto construir projeções sobre o que ainda não existe é buscar reconstituir uma realidade social na qual não se viveu, sendo a futurologia e/ou anacronia fantasmas a assombrar quem se lança nesse exercício regressivo.

O esforço metodológico que aqui se empreende, parte de um recorte arbitrário cuja centralidade é apresentar um quadro das práticas de lazer que subsistia nos rios urbanos de Altamira no tempo anterior à construção da UHBM (até os anos de 2010).

Esse recorte aponta para uma temporalidade (tempo 01) que se articula de forma interdependente ao evento (a construção da UHBM) culminando na existência do tempo 02, onde a realidade socioespacial encontra-se amplamente (trans)formada, conforme argumentação de Santos (2017).

A despeito da aparente arbitrariedade desta escolha (tempo 01), busco demonstrar como os rios urbanos viabilizaram a existência de uma série de experiências de lazer, cuja mediação estava diretamente ligada aos ciclos hidrológicos e a um tipo de padrão físico-natural.

Da sua origem nas margens do igarapé Panelas em 1750 até o início da segunda metade do século XX, a cidade de Altamira teve sua dinâmica social (e econômica) intimamente ligada a esses ciclos hidrológicos. Mesmo com o desenvolvimento da cidade, a importância dos rios nas diferentes esferas da vida social ainda era muito relevante: “Quatro vezes por semana, pousavam os hidroaviões Catalina, no rio bem em frente à cidade” (Nunes, 2003, p. 221).

Figura 10 – Orla de Altamira na década de 1940



Fonte: IBGE (2014).

Na Amazônia, a cheia e a vazão dos rios representada, respectivamente, pelo período chuvoso e de estiagem acabam por determinar não apenas a dinâmica do lazer ligada ao rio, mas o conjunto da dinâmica social em curso nesta região:

Aliás, a sazonalidade sempre foi uma característica marcada na vida das pessoas, não só no Vale do Xingu, mas em toda a Amazônia. Nos meses de verão ou de seca, pode-se viver na fartura das várzeas, das ilhas, das praias, dos pedrais. Pras bandas do Amazonas, é tempo de preparar mixira e piracuí, para enfrentar a escassez da enchente e dos campos alagados. Tempo de pitíú. E por toda parte, é o verão, dos ovos de tracajá e tartaruga (Nunes, 2003, p.155).

Os dados obtidos por meio da presente pesquisa referem como central a relação que os sujeitos de Altamira mantinham com as praias no período anterior à UHBM. Trata-se de espacialidades comuns nas cidades banhadas por grandes rios, como o Xingu, Tapajós, Tocantins, Amazonas, rio Madeira, dentre outros. Nestes rios, a emergência das praias reflete diretamente o caráter sazonal do clima dessa região, viabilizando uma relação muito particular dos sujeitos com o meio.

Convém destacar que as praias nesta região diferem na forma e no conteúdo das praias existentes ao longo do litoral brasileiro, reafirmando uma condição singular da relação sociedade-natureza. Tal particularidade está mediada por duas dimensões organicamente

integradas. A primeira dimensão reflete um padrão físico-natural, e tem a ver com o fato de essas praias ocorrerem em períodos específicos do ano (no chamado verão – época de seca), período em que a diminuição do volume d'água favorece o aparecimento e a formação de bancos de areia ao redor das ilhas e as margens do rio (figura 11).

Figura 11– Praia do Pajé em Altamira-PA, antes da UHBM



Fonte: Mendes e Moreira (2011, p. 64).

A segunda dimensão caracteriza-se por um padrão social, visto que a presença da vegetação nativa integrada ao rio e à faixa de areia possibilita às pessoas um tipo de interação singular, conforme narrativa a seguir.

Coisas que antes nas praias natural você chegava na Praia do Padeiro ali era cheia de árvore, você podia se adequar embaixo lá, na Praia do Padeiro, na Praia do Sossego, era uma das praia mais visitada de Altamira pelo fato dela ser praia e ter muito arvoredo por baixo, sombra né? Você chegava ali já dava para colocar a sua barraca, atar sua rede, como todo ribeirinho gosta de ir pra praia, e hoje não existe mais. Existem praias artificiais aí, mas é zero por cento de arvoredo (Panelas, entrevista concedida em 08/06/2023).

As praias, portanto, ainda hoje são memórias recorrentes nas falas dos sujeitos que lembram do tempo anterior à construção de Belo Monte. Esses espaços, não raro, aparecem permeado de representações, de simbolismos, revelando densas redes de sociabilidades, acordos tácitos firmados no cotidiano da cidade.

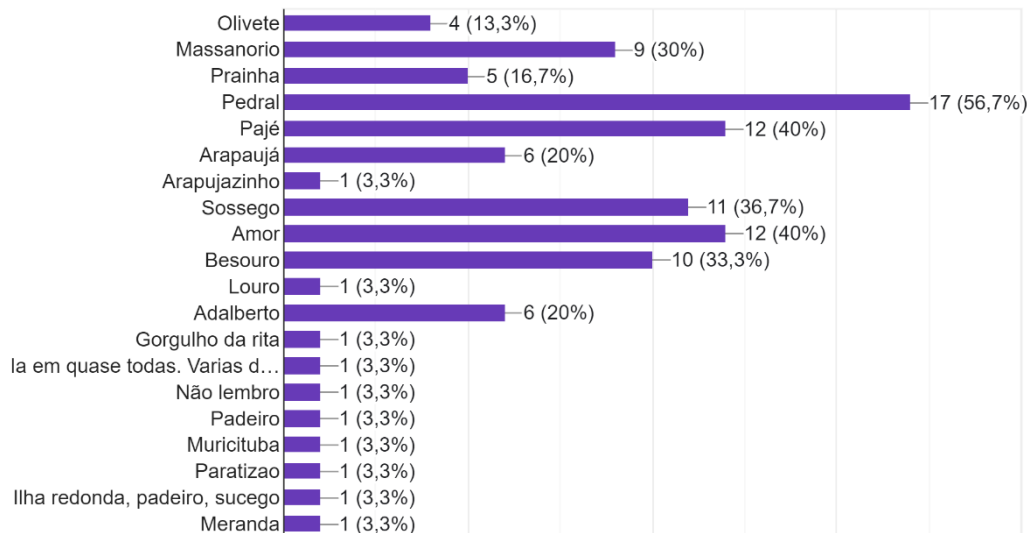
Esse nosso rio Xingu era bonito demais, tinha lazer demais. Pra todo lugar que ia tinha lazer, hoje não tem. Hoje inundou tudo, não tem praia aqui próximo, só tem praia andando de voadeira daqui uma hora, uma hora e meia de viagem, num motor grande, num motor setenta, um motor cento e quinze (Ambé, entrevista concedida em 01/06/2024).

A fala em destaque evidencia o mosaico de possibilidades de lazer que se apresentavam em função do rio Xingu e de suas praias de água doce. A expressão “pra todo lugar que ia tinha lazer” revela a multiplicidade de praias existentes, incluindo aquelas presentes no perímetro urbano de Altamira (figura 12).

Figura 12 –Principais praias de água doce existentes antes de Belo Monte

Antes de Belo Monte, quais eram as principais praias que você frequentava no rio Xingu? Pode-se marcar mais de uma opção.

30 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

As praias do Pedral, do Pajé, do Sossego, do Massanori, do Amor, do Besouro e do Adalberto se destacam nas respostas dos nossos interlocutores (figura 12), contexto que pode

ser justificado pela relativa proximidade dessas praias em relação ao centro urbano de Altamira, diferentemente de praias como Paratizão e Gorgulho da Rita que se localizavam muito acima<sup>20</sup>.

Como se verifica pela figura 12, a praia do Pedral era a mais frequentada no período anterior à construção da UHBM. Tratava-se de um lugar disputado tanto pelos elementos constituidores da paisagem natural (a praia em si e os pedrais), quanto pela existência de bares/restaurantes que fidelizam sua clientela num misto de prestação de serviço e interação social/sociabilidade por parte dos proprietários (figura 13).

Figura 13 – Praia do Pedral na década de 1990



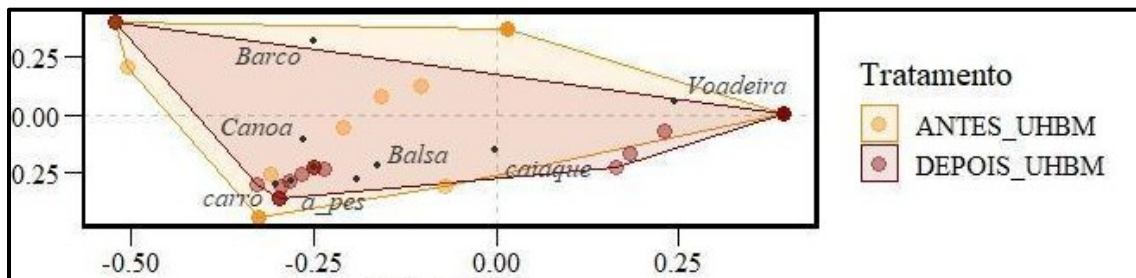
Fonte: <https://www.facebook.com/nostalgiaaltamira/photos>

---

<sup>20</sup> Para cima e para baixo são referências bastantes mobilizadas pelos interlocutores da pesquisa. Sendo a cidade de Altamira a referência espacial, para cima é aquilo que em direção à nascente do rio Xingu (sentido estado do Mato Grosso), já para baixo é qualquer referência em direção à sua foz (sentido rio Amazonas, próximo ao município de Porto de Moz e Gurupá).

Em que pese o limite da resolução da figura 13, pode-se constatar a orgânica relação que as pessoas mantinham com a praia do Pedral. Como ocorria com a praia do Massanori (onde se acessava via terrestre) a praia do Pedral também se acessava pela estrada de chão que, sem pavimentação, exigia dos usuários o estabelecimento de táticas coletivas, especialmente em relação à cooperação no transporte (figura 14).

Figura 14 – Principais meios de transporte utilizados para ir ao rio



Fonte: Dados da pesquisa.

Uma questão que julgo pertinente antecipar é a permanência da relação ribeirinha que se mantém nos rios urbanos de Altamira para além da inserção do objeto técnico (UHBM). Pela figura 14, afirmo que mesmo depois da construção da UHBM a forma de os sujeitos se deslocarem e acessar os pontos de lazer nos rios urbanos de Altamira não sofreu mudanças significativas. Neste caso, permaneceram alguns meios de transporte, como canoa, voadeira, barco, representando os mais usados nas duas temporalidades.

Todavia, conforme se verifica nos dados apresentados na figura 12 e 13 o “Pedral” era apenas uma dentre dezenas de outras praias existentes na cidade de Altamira onde juntas formavam *points*<sup>21</sup>, expressão utilizada pelos usuários desses locais para reforçar o caráter agregador e centralizador desses espaços.

O *point* caracteriza-se como sendo um lugar de destaque, onde sua legitimidade esta(va) condicionada à anuência do máximo número de usuários (em geral pertencente à mesma rede de sociabilidade) os quais tinham a prerrogativa de assinalar qual era o melhor ou o pior *point* da cidade.

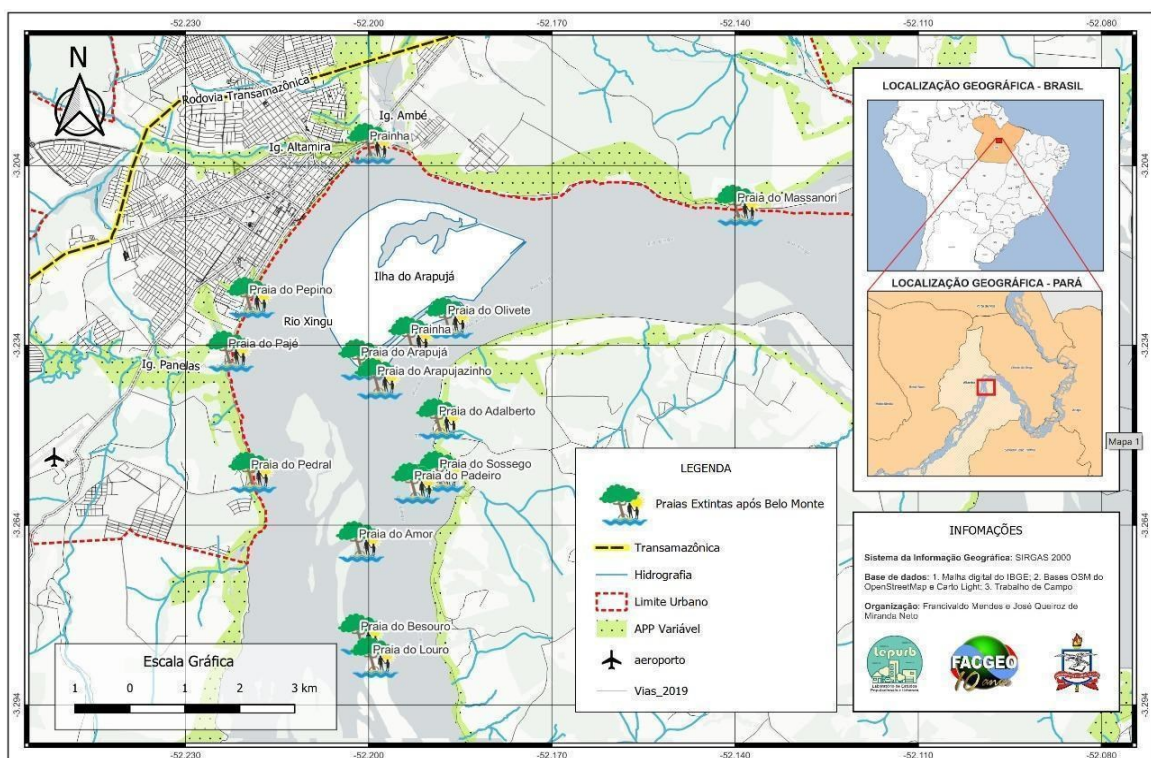
O *Point* significa basicamente aquele local, muito frequentado pela população. Um local onde o pessoal frequenta bastante, todo mundo quer ir, todo mundo vai e aí o pessoal usa a palavra *point*. Um exemplo, a praia de Massanori hoje é uma das mais visitada de Altamira, a gente vai sábado tá lotado, domingo... dificilmente você vai

<sup>21</sup> Conforme Mendes (2023).

achar um local... uma barraca pra você ficar que está lotado, lotado, lotado (Painelas,  
entrevista concedida em 08/06/2024).

Os dados sistematizados ao longo desta pesquisa sugerem que o maior afluxo de pessoas às praias de água doce de Altamira, como aos rios urbanos, se dava majoritariamente no período do verão. Nessa época, o volume de água diminuía e a interação com essas espacialidades ficava facilitada (mapa 1).

Mapa 1– Praias de água doce existentes antes da construção da UHBM



Fonte: Mendes e Miranda Neto (2023).

As quinze praias destacadas no mapa 1 correspondem a um percentual mínimo das praias que existiam a montante<sup>22</sup> da barragem e que, pela formação do lago permanente, desaparecem submersas no contexto da construção da UHBM. Na esteira da extinção desse considerável número de praias, a empresa Norte Energia propôs a criação das chamadas praias artificiais (tópico que será tratado mais adiante).

<sup>22</sup> A montante designa um local acima do ponto de barramento (no caso, um ponto acima da barragem principal de Belo Monte).

No contexto social do antes da construção da UHBM, as praias representadas no mapa 1 revelam uma interessante trama social, mediada tanto pelo estabelecimento de táticas coletivas, quanto pela existência de um padrão rio-praia-vegetação primária. Juntos, tais dimensões permitem-me avançar para além da ideia de *circuito* pensado por Magnani (2002), possibilitando-me falar na existência de um espaço marcado pelas relações de parentesco, vizinhança, convívio, amizades, cooperação<sup>23</sup>.

As praias que a gente mais frequentava aqui na época – inclusive era uma das mais conhecidas daqui de Altamira – era a Praia do Padeiro que até hoje existe um pedacinho dela, a praia do Sossego que era do outro lado entendeu e a praia do Olivete que ficava aqui atrás da praia do Arapujá – da Ilha do Arapujá. Essas são as três praias, as três praias mais frequentada da população de Altamira (Panelas, entrevista concedida em 08/06/2024).

A narrativa trazida pelo entrevistado ilustra de maneira oportuna a representação cartográfica presente no mapa 1. As três praias referenciadas pelo entrevistado eram de relativo fácil acesso. Na média gastava-se de 5 a 15 minutos para se chegar a estas praias, as quais somente se acessa pela via fluvial.

Para além da centralidade que as praias de água doce exerciam no contexto anterior à UHBM, outra particularidade ribeirinha mostra-se relevante a considerar os resultados obtidos com esta pesquisa. Trata-se da relação que os sujeitos de Altamira mantinham com as ilhas.

A caracterização clássica de uma ilha é a existência de uma porção de terra cercada por água por todos os lados. Na Amazônia as ilhas têm uma vegetação específica e um ecossistema muito diverso, destacando-se no período de verão o surgimento de uma faixa de areia a circundar todo o seu perímetro.

De um modo resumido, as ilhas fluviais são caracterizadas à luz da legislação ambiental brasileira como sendo um Área de Proteção Ambiental (APA), conforme preconiza a lei n.º 9.985, de 18 de julho de 2000 que institui o chamado Sistema Nacional de Unidade de Conservação (SNUC), a lei n.º 12.651, de 25 de maio de 2012 conhecida como código florestal. Uma das questões centrais desses marcos normativos é que as ilhas fluviais se caracterizam como sendo propriedades da União, por isso territórios inalienáveis.

Fato é que ao menos 73,9% dos sujeitos que responderam ao questionário afirmaram que iam com frequência a ilhas e 39,9% asseguram que as ilhas para onde iam pertenciam a amigos. O destaque é para enfatizar a particularidade que existia (e ainda existe) na cidade de

<sup>23</sup> Recentemente entrevistei Josiney Feitosa que rememora o período anterior à UHBM: <https://www.youtube.com/watch?v=M2PrTwcHiSY>.

Altamira em relação ao modo com que as pessoas se apropriam de determinados espaços ao longo dos rios. Um desses casos corresponde à relação de domínio-apropriação que se dava em relação à praia/ilha do Adalberto, conforme discuti recentemente em Mendes (2023).

Figura 15 – Titularidade das ilhas na concepção dos entrevistados

Se você costumava ir a ilhas, a quem pertencia essa ilha?  
30 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Os dados contidos na figura 15 permitem-me retomar e ampliar algumas questões já enunciadas. Uma delas tem a ver com a centralidade que as ilhas, assim como as praias de água doce, exerciam no cotidiano dos sujeitos de Altamira. Um percentual de 13% dos entrevistados refere-se como proprietários de ilhas, fato que no senso comum lhes dava o direito de construir certas edificações, contratação de caseiros e até alienar a referida ilha.

Tal contexto, obviamente, contrasta com os dispositivos legais, uma vez que o domínio desses espaços pertence à união. Ainda assim, como destacado anteriormente, existiam certas ilhas/praias com *status* de uso particular, como foi durante muito tempo a ilha/praias do Adalberto.

Soma-se a essas particularidades que se materializam no plano cotidiano, certas contradições que concretizaram no plano das formalidades, tal é caso das indenizações feitas pela empresa concessionária no contexto das remoções rurais em face da construção da UHBM a determinados moradores/donos de certas ilhas. Eis um importante nexos revelador das muitas contradições existentes no espaço da Amazônia brasileira, conforme pesquisa feita por Alvarez (2020).

Para além da histórica (e muitas vezes contraditória relação que as pessoas mantinham com as ilhas) os dados obtidos com esta pesquisa referem como central a relação que os sujeitos

mantinham com os rios urbanos. Sob diferentes contextos, os igarapés Ambé, Panelas e Altamira favoreceram a construção de uma realidade social peculiar onde as diferentes dimensões do cotidiano se interpenetram num sofisticado movimento de interação trabalho-lazer:

(...) no inverno, época de cheia do Xingu, unia as desembocaduras do Igarapés Altamira e Ambé que se interpunha entre essas duas localidades. Essa várzea chamava-se Jaburu e era coberta por vegetação arbustiva e capim duro, rabo de rato. No verão era utilizada pelo oleiros no fabrico de tijolos, pois o solo era uma argila liguenta e escorregadia. Ente uma foz e outra, umas trezentas braças, se muito, formava-se no verão, uma prainha estreita, sombreada, de águas rasas e quentes chamada de Praia do Camaleão, pois ali era o sítio preferido para a postura dos seus ovos (Nunes, 2003, p. 215).

No igarapé Ambé existiu no tempo anterior a UHBM duas espacialidades muito representativas, sendo a primeira a “ponte do Ambé”, uma espacialidade de lazer existente sob e sobre uma ponte de madeira ao longo da Avenida Ernesto Acioly. O local era o *point* de encontro de muitas pessoas que moravam nos bairros mais afastados do centro da cidade, tendo sido referenciado por pelo menos 43,5 % dos entrevistados, que o utilizavam sobretudo para banhos, conforme narrativa a seguir:

Antes de chegar nesse local, tinha a ponte do Ambé mesmo. A gente gostava de tomar banho e era bom da gente tomar banho, era o point da cidade. Lá dava muita gente, principalmente final de semana, sexta, sábado, domingo (Iriri, entrevista concedida em 04/06/2024).

Ainda no Igarapé Ambé (no perímetro da rodovia Transamazônica-BR 230) existiam as “três pontes”, uma espacialidade que, na prática, correspondia a um conjunto de pontes construídas sobre esse afluente do Xingu que à medida que a topografia da rodovia sofria modificações na sua altimetria, uma nova ponte era construída.

Naquele tempo tinha um local que a gente banhava, era uma ponte, uma ponte mesmo, mas tinha três pontes ali, era aquela passagem da Transamazônica que tinha três pontes, só que tinha uma só que a gente banhava, chamava Três Pontes, porque a gente tinha que passar por elas pra chegar aonde a gente queria (Iriri, entrevista concedida em 04/06/2024).

Não raro essas duas espacialidades dos rios urbanos (as três pontes e a ponte do Ambé) conectavam-se à Prainha, um espaço contíguo à porção final da orla da cidade e que era

disputada por moradores do bairro Aparecida, especialmente da chamada “invasão dos padres”<sup>24</sup>, embora moradores de outros bairros fizessem uso dessa praia.

O cotidiano dessa praia resumia de forma inequívoca a dinâmica das fluvialidades nos rios urbanos da Amazônia, refletidas na interação entre as dimensões do lazer (como banho, natação), da economia/trabalho (presença de peixarias e bares e extração de areia) e pela habitação (pela presença de diversas residências às proximidades da praia).

Outro fator a se destacar no período anterior a UBHM tem a ver com um tipo de habitação, marcado por edificações nos leitos e nas margens dos rios, cuja predominância arquitetônica são as casas em palafitas. Ocorre que no caso de Altamira, como frisou Miranda Neto (2016), tais moradias refletem uma precariedade habitacional. Esse destaque faz-se necessário a fim de que não se interprete que a construção da UBHM, *per si*, redefiniu toda essa lógica de habitação, mas que tal construção catalisou muitos processos em andamento (figura 16).

---

<sup>24</sup> Em 1970, a prelazia do Xingu criou o projeto loteamento Nossa Senhora de Aparecida (LOTAP). Ainda assim, devido ao déficit habitacional, houve ocupação próxima ao loteamento oficial. “Nós não loteamos para onde a terra desce no alagado, porque não tem valia. Mas o povo invadiu e a Prelazia não podia jogar eles fora, não podia chegar com o trator e tirar eles dali. Então se criou uma grande área que eles até chamam “invasão dos padres”, como se nós tivéssemos invadido (Frederico Tschol *apud* Miranda Neto, 2016, p.135-136).

Figura 16 – Casas em palafitas no assentamento da “Invasão dos Padres”



Fonte: Miranda Neto (2016).

Destaco que esse processo de disjunção cidade-rio é marca das cidades moderno-ocidentais, as quais se erguem negando os rios na sua complexidade, basta considerar os exemplos dos rios Pinheiros e Tietê em São Paulo amplamente discutidos por Seabra (1987), e Oseki (2000).

O exemplo de Altamira não foge à regra das demais cidades erguidas sob a égide da concepção moderna e capitalista, ou seja, a cidade nasce e tem seu desenvolvimento marcado pela inconciliação cidade-rio, sujeito-natureza. Tal contexto é marcado pela prevalência de um ideário urbano que orienta a constituição das formas da cidade de modo a coagir as práticas orgânicas, a exemplo da relação das pessoas com as praias de água doce e com os rios urbanos.

(...) no hemisfério ocidental a conformação da cidade, tendencialmente, se revela enquanto dimensão instrumental, pois se constitui negando os conteúdos do plano vivo e os elementos da natureza. Muito em função desse caráter racionalizador, as experiências do lazer nos espaços da cidade ocorrem de maneira artificializada e marcadamente mercantilizadas. A considerar a realidade de Altamira, especialmente no contexto da UHBM, enfatizou-se a concretização do ideário moderno que se instituiu negando a conciliação cidade-natureza, privilegiando a remoções dos moradores do entorno dos rios e do centro da cidade, pelo que se justifica a criação dos parques lineares e de bairros segregados (os RUCs) (Mendes, 2023, p. 85).

Os dados até aqui sistematizados revelam, de um lado, um modo particular com que as práticas cotidianas se desenvolvem em determinadas cidades, isto é, integradas aos ciclos ecológicos-naturais, de outro, reflete a força com que um ideário de cidade moderna progressivamente irrompe essas estruturas orgânicas e singulares das cidades a beira-rio pelo que se institui uma racionalidade objetiva, marcada pela disjunção cidade-rio.

Eu lembro que antes do empreendimento de Belo Monte a gente saía com a família, ia pro rio Xingu, pra qualquer lado. A gente tinha opções, em qualquer lugar que se chegava a gente estava livre... praias, opções, e hoje a gente sai e a gente tem dificuldade, pra chegar com a família, como se adequar, entendeu? (Panelas, entrevista concedida em 08/06/2024).

O importante é considerar que não necessariamente uma dessas concepções de cidade aniquila a outra, podendo coexistir enquanto processualidade histórica. Por isso, o recorte metodológico do “antes” visa apresentar um panorama das formas e dos conteúdos que subsistiam em Altamira no período anterior à construção da UHBM.

E já o Ambé ele já não tinha esses problemas de poluição, pelo fato de ele não ter muitas moradias que já entrava dentro da mata, as margens já descia ali e já sinalizava ali no rio, no final da peixaria? (Panelas, entrevista concedida em 08/06/2024).

Os dados revelam uma centralidade que as praias de água doce, as ilhas fluviais e os rios urbanos desempenharam na vida de muitos moradores de Altamira e que foram (trans)formados no contexto da construção da UHBM.

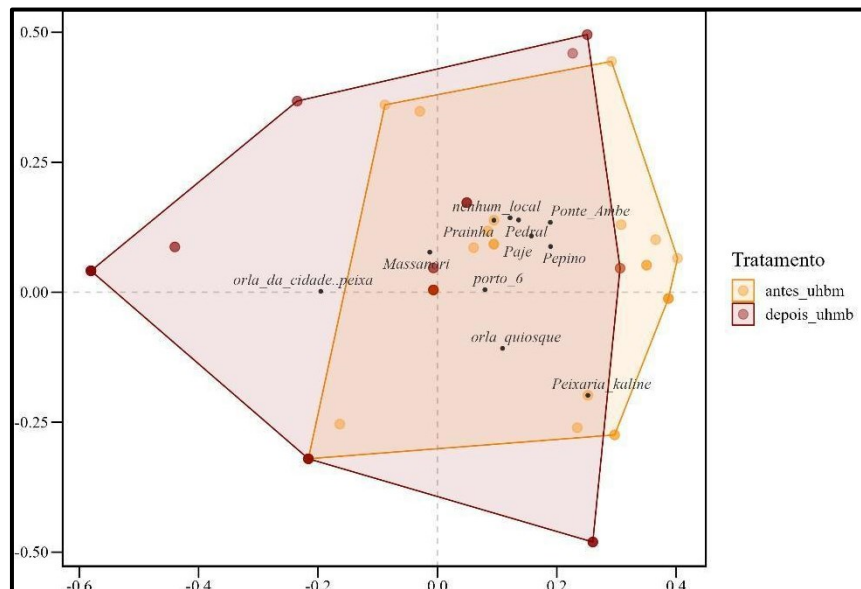
Como destacado ao longo dessa seção, as cidades (da Amazônia) que nascem à beira do rio têm uma forma peculiar de interação sociedade-natureza, marcada pela integração aos ciclos hidrológicos. Tal realidade condiciona uma série de questões do plano cotidiano, uma delas tem a ver com a relação que as pessoas mantêm com as praias de água doce para suas experiências de lazer, cuja maior recorrência se dá no período do verão quando essas praias emergem refletindo um padrão físico marcado pela indissociabilidade do rio-praia-vegetação primária.

Os dados expostos permitem-me retomar e discutir com mais profundidade algumas questões tratadas ao longo desta seção. Começo reiterando a relação que os sujeitos mantinham com as praias de água doce, destacando a Praia do Pedral (56,7% afirmaram frequentá-la). Para além da sua particularidade natural (no verão o volume de água do Xingu diminuía deixando à vista sua vasta formação rochosa – os pedrais) um dos fatores de atração devia-se à sua condição

de acessibilidade que pela via fluvial (ficava a aproximadamente 6 km do centro da cidade) e pela via terrestre (aproximadamente 15 km do centro).

Todavia, a Praia do Pedral tinha outros atrativos que não apenas suas formações rochosas, mas sobretudo pela centralidade que seus bares e restaurantes tinham em relação a outras espacialidades de lazer a beira-rio. Os dados da pesquisa permitem tal constatação, pois 83,3% afirmaram que iam a bares e restaurantes à beira-rio em Altamira, e 70% elegiam como destino os bares e restaurante localizados na Praia do Pedral, fato que pode ser justificado pela relação bastante amistosa com que os proprietários desses estabelecimentos tratavam seus clientes, com os quais mantinham densas redes de cooperação e sociabilidade.

Figura 17 – Frequência a bares à beira rio, Altamira-PA



Fonte: Dados da pesquisa.

A figura 17 permite-me retomar algumas questões apresentadas ao longo dessa seção, sendo uma delas a centralidade que determinadas espacialidades à margem do Xingu desempenham no contexto do lazer em Altamira-PA. Os dados da figura 17 sugerem que, apesar da construção da UHBM, a relação que as pessoas tinham com determinados espaços de lazer à margem do rio Xingu não foi desfeita.

Aspectos como a confluência do padrão rio-praia-vegetação nativa (Mendes *et al.*, 2021), somada à facilidade de acesso tanto terrestre quanto fluvial, como também as amenidades do local a exemplo de um bom cardápio e um bom atendimento foram, durante muito tempo, os ingredientes que permitiram a Praia do Pedral, por exemplo, exercer uma centralidade em relação a outras praias urbanas de Altamira.

Figura 18 – Praia do Pedral em 2024



Fonte: Dados da pesquisa.

Outro aspecto a se destacar é o fato de as pessoas terem como destino a parte de “cima” do rio. Ir para cima justificava-se por que era naquele perímetro onde as praias emergiam com mais facilidade, sendo o local menos ocupado e impactado pela urbanização, talvez por isso 70% dos entrevistados tenham respondido que iam para essa localidade do Xingu.

Os rios urbanos foram, desde a gênese de Altamira, não apenas condicionantes à conformação da cidade (em especial das suas formas urbanas), como conteúdos do cotidiano dos sujeitos (elementos do plano vivido). Em que pese a fragilidades de muitas pesquisas que supervalorizam o universo estatístico, os resultados expostos ao longo desta seção sugerem considerarmos as particularidades de um tempo e de uma cidade onde as práticas de lazer eram mediadas pela sazonalidade climática que orientava a dinâmica natural e social dos rios.

Se a temperatura em si é favorável ao banho ao longo de todo o ano, é o regime fluvial, condicionado também pela pluviosidade, que cria a sazonalidade e proporciona períodos mais favoráveis ao banho. Nos períodos de rio baixo, afloram praias em vários rios da Amazônia, momento em que se criam espaços balneários com estruturas simples e móveis, pois devem ser removidas quando os rios voltarem a encher (Nogueira, 2021, p. 8).

Tratava-se da existência de uma época marcada pela condição hidrológica, onde a cheia e a vazão do rio ditavam o ritmo de determinados tempos sociais, a exemplo do lazer e do

trabalho que nem sempre ocorriam de forma separada. Todavia, no caso de Altamira essa estabilidade é rompida com a inserção do evento Belo Monte, a partir do que (trans)formações são produzidas na dinâmica natural dos rios, das práticas de lazer; refletindo na dinâmica social da cidade de Altamira. Eis o conteúdo da próxima seção.

### **3.4 A UHBM como um evento: (re)definições das práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira**

Como enunciado na introdução desta tese, a mobilização teórico-metodológica do objeto aqui postulado combina três movimentos e três complexidades dialeticamente relacionadas, num exercício regressivo-progressivo (Martins, 1996).

Objetivamente, ao longo desta seção, relaciono a dimensão empírica ao instrumental teórico-analítico, elegendo as reflexões de Santos (2017) para investigar de que maneira a construção da UHBM (re)definiu as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira.

Para isso, recorro ao livro “a natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção, obra em que Santos (2017) expõe a sua compreensão do espaço enquanto uma instância social, o qual resulta da inseparabilidade entre um sistema de objetos e um sistema de ações, indissociabilidade que deve ser entendida numa perspectiva de totalidade.

A premissa fundamental defendida por Santos (2017) é que todos os processos humanos estão contidos numa dimensão espacial que é, ao mesmo tempo, múltipla, mas unidade que se apresenta como uma totalidade em movimento:

A noção de totalidade é uma das mais fecundas que a filosofia, clássica nos legou, constituindo em elemento fundamental para o conhecimento e análise da realidade. Segundo essa ideia, todas as coisas presentes no Universo formam uma unidade. Cada coisa nada mais é que parte da unidade, do todo, mas a totalidade não é uma simples soma das partes. As partes que formam a Totalidade não bastam para explicá-la. Ao contrário, é a Totalidade que explica as partes (Santos, 2017, p. 115).

No caso do objeto aqui posicionado, aquele que se refere às práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira ou, nas palavras de Santos (2017), a parte do todo, precisa ser considerada, sob pena de se formular uma análise parcial.

Este é o caso da construção da UHBM que irradiou energia sobre uma dinâmica social, da qual resultaram novos processos, novos arranjos, neles incluídos as práticas de lazer. Nesta seção, a construção da UHBM será mobilizada enquanto evento que nas palavras de Santos (2017) é:

o resultado de um feixe de vetores, conduzido por um processo, levando uma nova função ao meio preexistente. Mas o evento só é identificável quando ele é percebido, isto é, quando se perfaz e se completa. E o evento somente se completa quando integrado no meio. Somente aí há o evento, não antes (Santos, 2017, p. 95).

A UHBM, como evento, se materializou de forma sistêmica, sendo simultaneamente a matriz do tempo e do espaço, a partir do que os determinantes históricos viabilizaram as (trans)formações socioespaciais do fenômeno do lazer na cidade de Altamira. Nas palavras de Santos (2017) o evento somente se completa quando integrado ao meio.

A construção dessa obra marcou com mais potência a disjunção cidade-rio, induzindo, de fora para dentro, a conformação de um novo espaço social em Altamira do qual as práticas de lazer nos rios urbanos passaram a ser diretamente afetadas. O desdobramento de um evento, nas palavras de Santos (2017), escapa à previsibilidade, pois sua ação resulta de uma dinâmica complexa:

Uma razão pela qual não se pode prever completamente o resultado da ação vem, exatamente, do fato de que a ação se dá sobre o meio, combinação complexa e dinâmica, que tem o poder de deformar o impacto da ação. É como se a flecha do tempo se entortasse ao se encontrar com o espaço (Santos, 2017, p. 95).

A noção de totalidade presente no objeto aqui analisado pressupõe dois momentos distintos, mas dialeticamente conectados pela inserção de uma megaobra de infraestrutura. Assim, se no primeiro capítulo enfatizei a importância dos rios para a conformação da cidade de Altamira, não apenas do ponto de vista das formas espaciais, mas em relação aos conteúdos do plano vivido, ao longo desta seção demonstrarei como a construção da UHBM (2011-2015) modificou a dinâmica fluvial do lazer nos rios urbanos de Altamira.

O período anterior à construção da UHBM revelou-se enquanto realidade portadora de conteúdos e formas mais estáveis, contexto em que havia uma interação sujeito-rio mais horizontal. A essa realidade, amparado pelo instrumental teórico de Santos (2017), nomeiei de tempo 01.

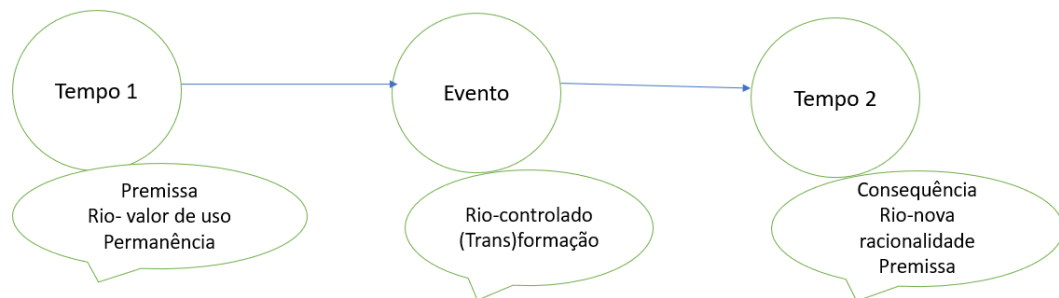
O evento, portanto, catalisou as condições históricas e materiais para que o tempo 02 se instituisse. Novamente, ao retomar a reflexão apresentada por Martins (1996), verei que o que Santos (2017) postula é um movimento de regressão-progressão consubstanciado numa noção de totalidade em movimento.

Tomemos o caso de uma dada sociedade, uma Formação Social. O que a caracteriza no Tempo 1 não é aquilo que a define no Tempo 2. Imaginemos que ela dispõe de uma população global em crescimento, de uma população urbana em crescimento e de uma produção industrial também em crescimento. No Tempo 2, encontraremos situações

diferentes daquelas do Tempo 1. A população total já não é a mesma; a população urbana já não é a mesma; a produção industrial já não é a mesma. Assim, no momento B, imediatamente consecutivo ao momento A, o Todo é diferente do Todo anterior. Mas trata-se de outra entidade? Ou estaremos diante da mesma sociedade em movimento? (Santos, 2017, p. 116).

A ideia do “Tempo 1” confere inteligibilidade a uma premissa de análise, mas não como processo imutável. Tal temporalidade consiste num ponto de partida, mas está inteiramente articulada processualmente aos outros “tempos”, num movimento histórico que articula as escalas das sucessões e das coexistências, privilegiando o espaço (social) como uma totalidade em movimento (Santos, 2017).

Esquema 2 – Evento, com base em Santos (2006)



Fonte: Dados da pesquisa, com base em Santos (2006).

O esquema 2 visa destacar a processualidade histórica com que a UHBM se materializou no espaço-tempo. Pelo esquema é possível pensar as complexidades (horizontal, vertical), a dimensão analítica-regressiva e o histórico-genético (Martins, 1996).

Se o tempo 01 é a realidade factual, sendo em si a premissa de análise, o tempo 02 sucede à construção da UHBM (2011–2015) correspondendo a uma realidade social amplamente modificada que refletindo as (trans)formações do tempo anterior, constituiu-se em uma nova premissa de análise, revelando assim a síntese da produção social do espaço (Santos, 2017).

Quando a sociedade, a cada movimento, é cindida, o símbolo se destaca, se solta, do movimento geral e continua o mesmo que era no momento anterior. O presente une as coisas, mas o momento seguinte as separa, o que permite distingui-las. Cada símbolo guarda a mesma identidade, não importa qual seja o contexto, mesmo numa situação de movimento e mudança. Em outras palavras, o movimento da sociedade, isto é, o movimento da totalidade (e do espaço) modifica a significação de todas as variáveis constitutivas, também a do símbolo, porque este não segue o movimento (Santos, 2017, p. 128).

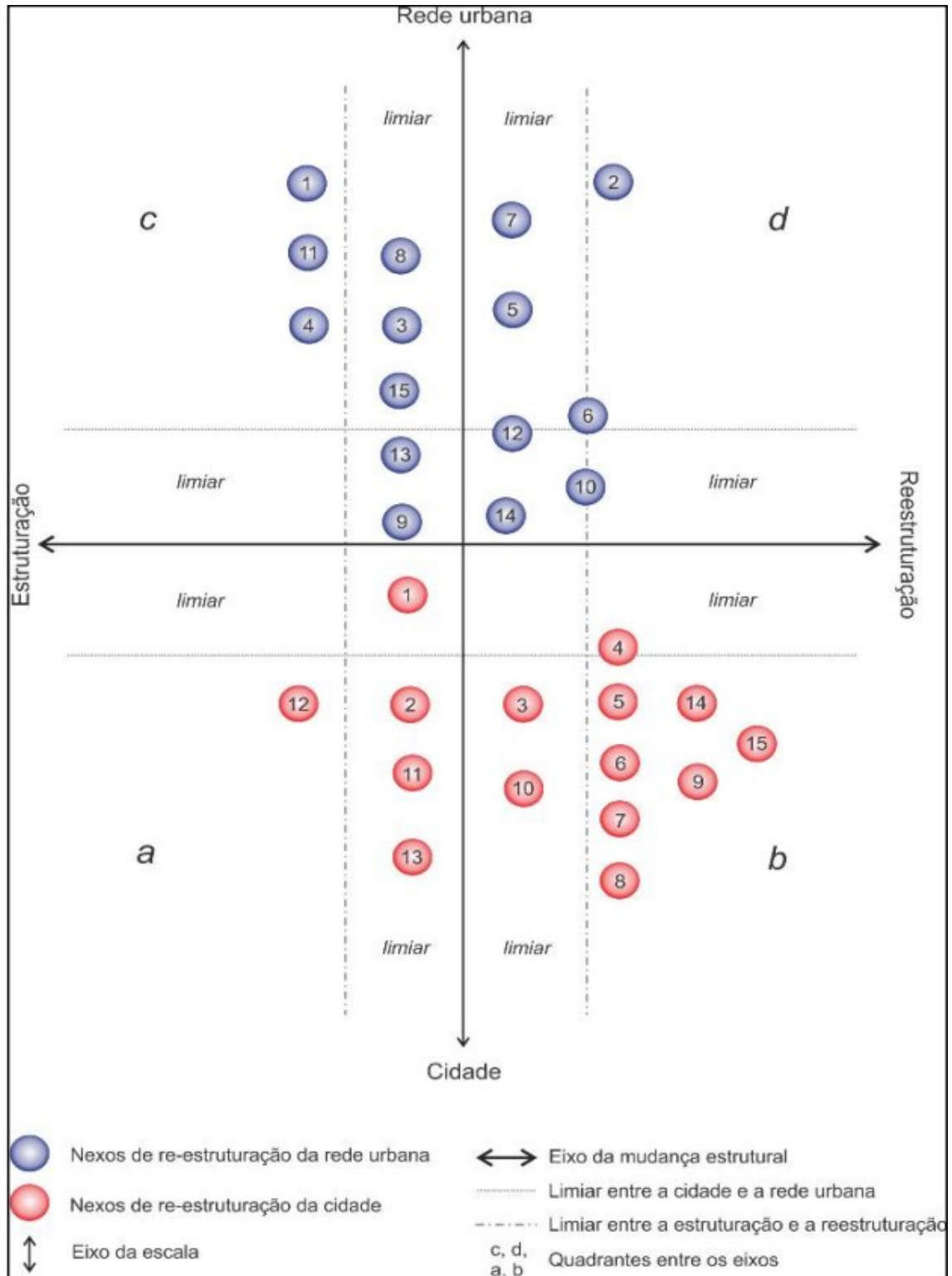
Na presente análise, nota-se que as mudanças que se materializaram nos rios urbanos de Altamira advindos da construção da UHBM se deram, sobretudo, pela remoção das pessoas das margens dos rios urbanos, criação dos parques lineares e sobretudo pela instituição de uma nova estética paisagística no rio Xingu, qual seja: as praias artificiais. Ao relacionar essa ponderação à ideia de totalidade proposta por Santos (2017), terei:

A Totalidade B, ou seja o resultado do movimento de transformação da Totalidade A, divide-se novamente em partes. As partes correspondentes à Totalidade B já não são as mesmas partes correspondentes à Totalidade A. São diferentes. As partes de A (a1 a 2 a 3 ... a n) deixam de existir na totalidade B; é a Totalidade B, e apenas ela, que explica suas próprias partes, as partes de B (b1 b2 b3 ... b”). E não são as partes a 1 a 2 a 3 ... que se transformam em b1 b2 b3 ... , mas a totalidade A que se transforma em totalidade B (Santos, 2017, p. 115-116).

A tese de Miranda Neto (2016; 2017), é uma referência que demonstra essa transformação/mudança ligada diretamente à inserção da UHBM na cidade de Altamira-PA. Na referida pesquisa, o autor se deteve em explicar os “nexos de re-estruturação da cidade de Altamira-PA”, no contexto da UHBM, afirmando que as transformações das formas-conteúdo no contexto referenciado se deram em três direções combinadas: 1) a ação de novos agentes capitalizados associados ao mercado imobiliário; 2) a alteração no espaço, associados à ideia de requalificação urbana; e 3) a ação de segmentos sociais excluídos, produzindo sobretudo ocupações informais em determinados espaços da cidade.

Ainda que o autor mencionado não tenha tratado especificamente sobre o lazer, considero pertinente a referência ao seu estudo por permitir que se contextualize de forma mais abrangente as transformações socioespaciais que ocorreram na esteira do evento UHBM. Ao citar o trabalho de Harvey (1980, p. 250), Miranda Neto (2017, p. 69) fala em “estruturas em transformação”, explicando como a construção da UHBM agudizou processos dada a sua densidade temporal (figura 19).

Figura 19 – Os nexos de re-estruturação da cidade e da rede urbana – Altamira e RIA



Fonte: Miranda Neto (2017, p. 91).

A análise da figura 19 permite que se relacione a dimensão empírica (as transformações na cidade de Altamira e região, da qual o lazer é nexos) e a dimensão analítica (a categoria evento

proposto por Santos, 2017). Sobre a figura 19, Miranda Neto (2017) explica: “a imagem em questão seria, assim, uma espécie de instantâneo (como uma fotografia), que congela esse movimento a fim de tornar possível sua leitura” (Miranda Neto, 2017, p. 91). Concordando com o autor: “apesar da aparência cartesiana da representação”:

o que se pretende aqui está longe de uma linearidade na disposição dos fenômenos e se apresenta desta maneira por conta de sua melhor apreensão um recurso apropriado para explicarmos como o evento Belo Monte produziu transformações no contexto da cidade de Altamira (Miranda Neto, 2017, p. 72).

O esquema apresentado por Miranda Neto (2017) na figura 19, traduz a materialidade empírica do evento a que Santos (2017) argumenta, pois representa as transformações em Altamira-PA em duas direções combinadas: um eixo horizontal e um eixo vertical, onde o primeiro eixo vai da estruturação à reestruturação, e o segundo eixo vai da cidade à rede urbana.

O que Miranda Neto (2017) comprova, é que a construção da UHBM acelerou uma série de processos sociais da cidade de Altamira que se movimentaram para além dos limiares. Pela figura 19, de baixo para cima, e considerando os quadrantes “a e b” os nexos que ultrapassaram o limiar refletiram mudanças na “re-estrutura da cidade”.

Já de cima para baixo, os quadrantes “c e d” refletiram as mudanças na “re-estrutura urbana”. Como ficou evidente na representação contida na figura 19, os nexos mais numerosos que ultrapassaram o limiar estão situados no quadrante “b”, logo as transformações causadas pela UHBM, de acordo com Miranda Neto (2017), referem-se à “re-estrutura da cidade”.

A referência ao trabalho de Miranda Neto (2017) ocorre no anseio de compatibilizar o instrumental teórico-metodológico de Santos (2017), com sua categoria evento, à realidade empírica de Altamira-PA, mobilizada no contexto da construção da UHBM.

Se o trabalho de Santos (2017) consiste num referencial teórico importante para sustentação desta tese em nível abstrato, o trabalho de Miranda Neto (2017) é um exemplo prático e objetivo das (re)estruturas derivadas de um evento e do próprio movimento da sociedade.

Todavia, o esforço empreendido ao longo desta tese, e que não foi abordado nem por Santos (2017), nem por Miranda Neto (2017), refere-se às implicações que a construção da UHBM trouxe às práticas de lazer nos rios urbanos e em suas margens.

As praia aqui sumiram! As praia perto da cidade tudo inundada. Desapareceu. Aí quando chega no verão (tem o nosso verão aqui amazônico) ela aparece, mas pouca, pouca areia entendeu? Não tem aquela praiona que tinha antes da barragem. Acabou tudo. Quer ver ali pra baixo, destruiu mesmo. Parece um cemitério, acredita? Tudo

seco, não tem mais árvore verde no rio aqui pra cima não. Aqui pra cima não secou. Depois de uma hora e meia, já começa a ter, mais de uma hora e meia até a cidade tudo secou (Ambé, entrevista concedida em 01/06/2023).

Cabe mencionar alguns marcadores na narrativa do entrevistado, as quais revelam as singularidades de um espaço e de um povo. A primeira questão a se destacar tem a ver com a sazonalidade climática da Amazônia, a qual condiciona a relação das pessoas com o rio, já que é no verão que as praias aparecem. Outra questão refere-se à importância das árvores na paisagem fluvial que na concepção do entrevistado reflete vida, ao passo que a submersão das praias designa morte e alude ao cemitério.

Finalmente, ao afirmar: “depois de uma hora e meia”, o entrevistado revela uma noção de tempo-espaço que é muito particular das populações Amazônicas. Por essa fala, fica revelado que a noção do tempo cotidiano do entrevistado supera a marcação cronológica ocidental, estando associada ao tempo e potência da embarcação fluvial.

Por isso, para desenvolver a análise ao longo deste capítulo faz-se necessário admitir o rio como um elemento organicamente integrado à dinâmica social da cidade, o qual foi abruptamente modificado pela inserção da UHBM. Esse exercício pressupõe inserir o evento num contexto histórico e numa complexidade, a partir do qual uma forma é criada:

A cada evento, a forma se recria. Assim, a forma-conteúdo não pode ser considerada, apenas, como forma, nem, apenas, como conteúdo. Ela significa que o evento, para se realizar, encaixa-se na forma disponível mais adequada a que se realizem as funções de que é portador. Por outro lado, desde o momento em que o evento se dá, a forma, o objeto que o acolhe ganha uma outra significação, provinda desse encontro. Em termos de significação e de realidade, um não pode ser entendido sem o outro, e, de fato, um não existe sem o outro. Não há como vê-los separadamente (Santos, 2017, p. 95).

Duas das principais transformações socioespaciais patrocinadas pela UHBM em Altamira que se articulam diretamente às práticas de lazer nos rios urbanos foram: 1 – a construção dos parques lineares, 2 – a criação das praias artificiais. Em relação à construção dos parques lineares, o que se observa são formas urbanas sobrepostas aos antigos territórios (modificando a paisagem dos rios urbanos).

Para além da retirada das pessoas das margens dos rios urbanos de Altamira com a consequente criação de espaços segregados (os RUCS), assistiu-se à institucionalização de um ideário espacial ribeirinho pouco articulado à paisagem fluvial, cujos expoentes são os chamados parques lineares os quais descaracterizam completamente a paisagem beira-rio.

No caso do Igarapé Altamira, o cenário que antes dava lugar às edificações consideradas como aglomerados subnormais, cedeu espaço aos “parques e áreas verdes”, intervenções feitas pela concessionária, a partir de uma visão exógena restringindo o acesso das pessoas a essas localidades. Além do mais, percebe-se a coexistência concorrente de uma articulação entre agentes e entes do Estado visando tornar essas áreas ocupadas anteriormente, em espaços limpos e embelezados (Mendes, 2023, p. 111).

Ao expulsar os pobres das margens dos rios e do centro da cidade erigiram-se espaços de desencontros, como discutido em Mendes *et al.* (2021). Aos pobres coube o espaço da periferia da cidade, mesmo que sempre haja (re)existências.

Já em relação às praias artificiais, nota-se a quebra do padrão de interação sociedade-natureza, que era mediada pelos ciclos hidrológicos da Amazônia brasileira, contexto em que os conteúdos do plano vivido perdem centralidade ante um ideário de valorização dos rios e das várzeas operacionalizados pelo Estado em parceria com a iniciativa privada.

Na presente pesquisa, essa relação público-privada se deu entre o Estado brasileiro e a empresa Norte Energia S.A., cujos relatórios e planos estratégicos legitimaram metodologicamente o Plano de requalificação urbana e o Plano de atendimento à população atingida. Resultou desse contexto, uma crescente degradação ambiental onde os valores da natureza e do rio são subalternizados:

Rapaz, eu nunca tinha visto um crime tão, tão perverso igual esse aí. Pra mim é um crime muito grande assim dessa barragem aí. Só essa ilha [*refere-se a ilha do Arapujá*] aqui da nossa frente aqui, os caras desmataram aquilo ali, eu nunca vi um crime tão grande na minha vida igual eu vi esse crime bem aí de frente. Isso foi um crime muito grande isso aí (Ambé, entrevista concedida em 01/06/2023, grifo meu).

A referência à ilha do Arapujá mencionada pelo entrevistado, diz respeito ao momento em que a Norte Energia realizou a supressão (termo técnico para derrubada das árvores) e queimada de toda a vegetação da ilha.

A despeito da (questionável) justificativa da empresa concessionária de Belo Monte queimar as árvores da Ilha do Arapujá, bem como remover as pessoas das margens dos rios urbanos, o que destaco aqui é como a materialização de um evento elidiu qualquer possibilidade de mediação/interação sociedade-natureza/cidade-rio.

Em certa medida a construção da UHBM incutiu na mentalidade das pessoas a ideia de que a obra não apenas era necessária, como impossível de não ocorrer. No plano material e cotidiano certos entraves ao evento foram gradativamente eliminados, a exemplo da criminalização dos movimentos sociais, da inobservância dos dispositivos constitucionais, vide

uma atuação ostensiva por parte de certas instâncias do Estado brasileiro, e da expulsão dos mais empobrecidos do centro da cidade.

Em conjunto, tais fatores permitiram a institucionalização de uma nova racionalidade estética ao longo dos rios urbanos que agora não mais admite como possível a conciliação sociedade-natureza, colocando fim a uma série de práticas de lazer até então vigentes, conforme narrativa: “*cara, agora o que restou pra nós foi algumas praias artificiais. Aquele vínculo que a gente tinha com a natureza mesmo preservada não existe mais*” (Iriri, entrevista concedida em 04/06/2024).

Mapa 2 – Perímetro do Igarapé Altamira antes e depois da UHBM



Fonte: Miranda Neto (2022).

A fala do entrevistado e a representação cartográfica acima evidencia essa quebra de vínculo a que o interlocutor se refere. Na parte superior da cartografia, é possível visualizar o momento anterior a construção da UHBM – ano de 2005, contexto em que o rio se misturava à própria paisagem urbana, sendo possível notar a preservação do seu leito, mas sobretudo a existência de casas ao longo de toda a sua margem, sugerindo uma orgânica conciliação sujeito-rio.

A parte inferior do mapa 02 traz a representação do mesmo espaço, mas no momento posterior a construção da UHBM – ano de 2019, contexto em que já se nota a disjunção cidade-rio muito em função do processo de expulsão dos seus antigos moradores e dos projetos de requalificação urbana, conforme figura 20.

Figura 20 – Intervenções requalificadoras nas margens do Igarapé Altamira



Fonte: Umbuzeiro (2023, p. 255).

Intervenções como as demonstradas na figura 20 precisam ser analisadas sob duas perspectivas: a primeira e mais aparente tem a ver com a expulsão das camadas empobrecidas do centro da cidade, a segunda questão revela-se enquanto característica das cidades modernas-ocidentais, isto é, baseada numa concepção discursiva que almeja o espaço social como uma instância homogênea – por isso destituída de diferença (Mendes, 2023).

Tal contexto permite-me reafirmar que as (trans)formações ocorridas nos rios urbanos de Altamira não se referem apenas à retirada das pessoas empobrecidas do centro da cidade, mas da institucionalização de uma racionalidade espacial, conforme denunciou Brum (2017).

A materialização de tal ideário, todavia, não seria possível sem a atuação ostensiva do Estado brasileiro que a partir do seu poder normatizador desempenhou um papel funcional na concretização da obra. Tal evento, portanto, acelerou diversos processos em curso, a exemplo da redefinição da paisagem ribeirinha e da expulsão dos moradores para os chamados Reassentamentos Urbanos Coletivos (RUCs).

Com efeito, a UHBM consubstanciou-se num estado de violência institucional restringindo as possibilidades de mediação com as camadas sociais vulnerabilizadas e que moravam às margens dos rios. Como premissa – e como consequência – instituiu-se uma política de requalificação urbana, cuja centralidade privilegiou a promoção de um espaço urbano cada vez mais controlado e ordenado, especialmente com a criação dos parques lineares e construção dos RUCs.

Mesmo esse processo sendo atravessado por violência, tanto física, quanto simbólica, notam-se (re)existências que estão no campo da memória coletiva, da territorialidade. Meus argumentos sugerem que as práticas (coletivas) de lazer tem primazia nesse processo de retorno dos exilados, tal é o contexto que já começo a constatar na vida cotidiana de Altamira-PA, no que tenho denominado de “a espacialidade do lazer na vida cotidiana de Altamira-PA” (Mendes, 2023).

Admitir o lazer enquanto fenômeno histórico e espacialmente situado é considerar a particularidade da vida cotidiana que tinha a margem do rio como elemento de mediação social e que foi redefinida no contexto da construção da UHBM: “*o lazer nosso acabou aqui. Se você não tiver uma condição financeira você não vai pra lugar nenhum para lazer...tratando de rio, de praia. Tem que ter poder aquisitivo se não, não vai não*” (Ambé, entrevista concedida em 01/06/2024).

Ao longo dessa seção demonstrei como a construção da UHBM pode ser compreendida e explicada a partir da ideia de evento. Trata-se de uma ação humana, permeada de contradições históricas que ao se materializar reverbera nas práticas do lazer existentes nos rios urbanos de Altamira.

Argumentei que as (trans)formações que acometeram os rios urbanos de Altamira tanto nas suas formas físicas, quanto nos conteúdos organicamente relacionados a um modo de vida ribeirinho, não seriam possíveis sem a mediação do Estado brasileiro que em articulação a outros agentes sociais propagou um ideário urbano que não admite como possível a diferença e a conciliação cidade-rio.

Igualmente, a construção da UHBM promoveu uma transformação socioespacial, especialmente pelas remoções compulsórias, criação dos parques lineares e das praias artificiais. As remoções compulsórias combinadas com a criação dos RUCs destituíram as pessoas das margens dos rios urbanos, extinguindo assim um conjunto de práticas que estas mantinham com o rio. Já as Praias Artificiais inauguram uma nova dinâmica de lazer nas margens dos rios de Altamira.

Esse contexto de espaços requalificados, associado com a remoção das pessoas para

reassentamentos muito distantes das margens dos rios, acaba por gerar contradições como as descritas por Brum (2017) onde existem crianças que nasceram nesses novos espaços de moradia e sequer conhecem o rio Xingu.

A construção da UHBM poderia viabilizar a discussão e a implementação de moradias conciliadas ao rio com o incremento de todo o aparato de saneamento básico e outros elementos essenciais à dignidade humana. A realidade demonstra que essa não foi a escolha dos agentes hegemônicos envolvidos no processo.

Não se trata de discutir o lazer enquanto fato isolado, mas compreender que este fenômeno se articula a uma série de outros fatores intrinsecamente relacionados à construção da UHBM. A construção da UHBM, portanto, “feriu o rio de morte”, temática a ser abordada na próxima seção.

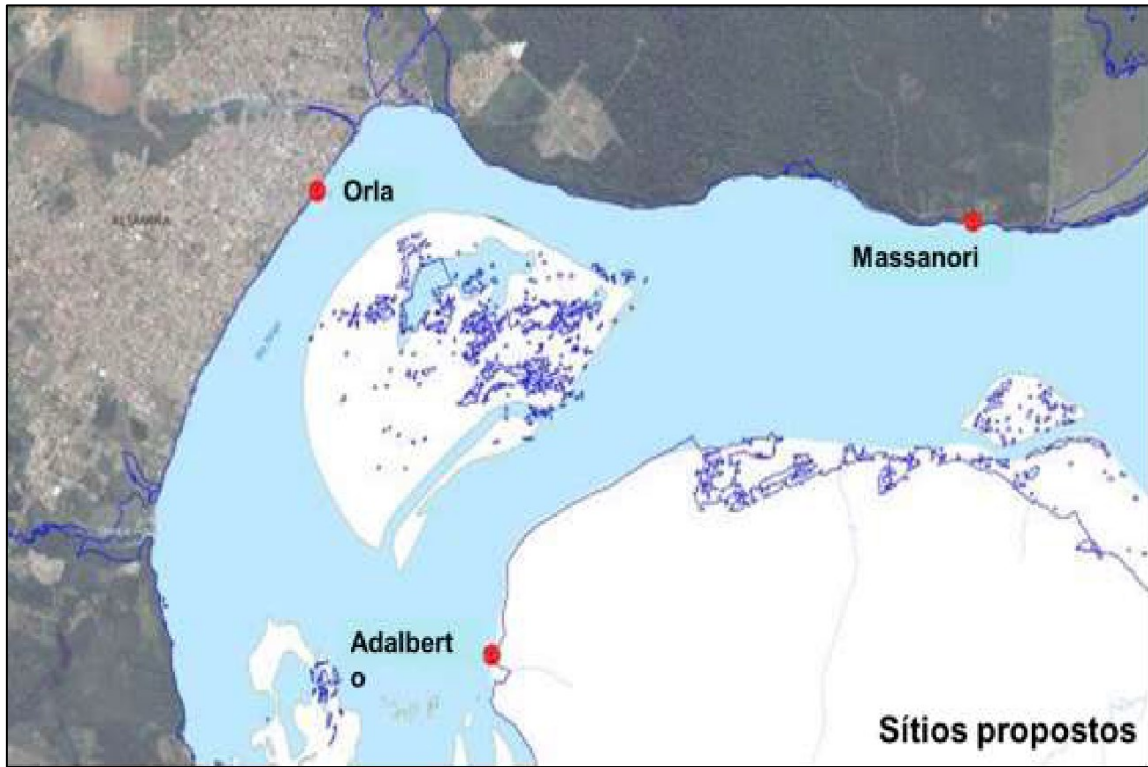
### **3.5 O rio ferido de morte e a criação das praias artificiais em Altamira-PA**

A expressão “o rio ferido de morte” evoca uma radicalidade discursiva (e semântica) postulada por Antônia Melo, militante do Movimento Xingu Vivo para Sempre (MXVPS) e liderança histórica contrária à UHBM.

Recuperar essa expressão é, em certa medida, uma forma de prestigiar a memória dos sujeitos que se colocaram e ainda hoje lutam contra esse empreendimento no Xingu. Em concordância com a militante do MXVPS, a usina hidrelétrica desconfigura continuamente a vida e a esperança no/do Xingu, sendo a submersão das praias de água doce e a conseqüente quebra do padrão rio-praia-vegetação primária um dos seus efeitos mais contundentes nas práticas de lazer nos rios de Altamira.

Numa espécie de negação da realidade, o empreendedor propôs a criação das praias artificiais que, como o nome sugere, trata-se de uma tentativa de se artificializar um tipo de relação cidade-rio existente antes da UHBM. Inicialmente, foram concebidos 03 sítios: Praia Artificial da Orla, Praia Artificial do Adalberto e Praia Artificial do Massanori (figura 21).

Figura 21– Projetos das três praias artificiais em Altamira-PA



Fonte: Norte Energia (2011, p. 7-8).

Oficialmente, a criação das praias artificiais está consubstanciada no item 4.7 do Plano Básico Ambiental (PBA), que a partir das “condicionantes” correspondem a um conjunto de intervenções com finalidade mitigatória socioambiental (Nesa, 2011).

Como destacado ao longo do capítulo I, as praias de água doce na Amazônia brasileira configuram particularidades desta região, estando diretamente articuladas aos ciclos hidrológicos. De forma geral, o inverno Amazônico ocorre entre os meses de novembro a maio, já o verão está compreendido entre os meses de junho a outubro. É neste último período que as praias de água doce emergem, contexto em que as pessoas intensificam a ida às praias:

São estas as condições naturais existentes na bacia amazônica que, historicamente, asseguram às populações ao longo do ano uma relação de intimidade com as águas, de usufruto, de lazer, de descanso e de contemplação. Mas é justamente nos períodos de calor mais intenso, que coincide com o período de rios mais baixo e a exposição das praias fluviais, que a alegria, a felicidade e as festas ocorrem. Isto é representado pelos inúmeros “festivais de verão” que acontecem nos mais distintos espaços balneários da Amazônia (Nogueira, 2021, p. 9).

As praias de água doce, portanto, são espacialidades fundamentais para se entender a dinâmica do lazer nos rios urbanos das cidades da Amazônia, especialmente porque suscitam

um tipo de relação sociedade-natureza marcada pela existência de um padrão natural, cuja conformação é marcada pela indissociabilidade do rio-praia-vegetação primária (Mendes *et al.*, 2021).

Todavia, as praias artificiais instituídas na emergência de Belo Monte, extinguiu subitamente uma realidade preexistente, ao passo que se instituiu uma nova dinâmica a exemplo da necessidade de se levar e/ou comprar barracas, já que não existe cobertura vegetal para atenuar o clima tropical.

essas praias que eu citei agora a pouco – a praia do Olivete, essas praias que existia antes do complexo de Belo Monte – sumiram – da nossas margens do Xingu e a empresa Norte Energia fez outras praias artificial, como a do Massanori, a Praia da Orla, praia de Olivete, perdão, a Praia do Adalberto. Assim, hoje as duas praias mais visitada é a do Massanori, que fica logo mais abaixo, e a Praia da frente da Praia da Orla. Mas assim... o pessoal frequenta por falta de opção mesmo, entendeu? Não tem árvore. A gente vê que não tem uma área – na praia do Massanori – tem algumas barracas que o pessoal fizeram improvisado. A Praia da Orla ali mesmo não tem nada em questão de sombra, os banhista que vão passar o final de semana numa barraca ou num quiosque, alguma coisa, se a pessoa quiser ir pra lá pra passar um domingo, essas coisas tem que levar uma um guarda-sol, uma sombrinha, essas coisa, tem que se adaptar (Panelas, entrevista concedida em 08/06/2024).

A fala do entrevistado reconhece as novas espacialidades fluviais de lazer, mas não as legitima, ficando claro quando afirma que o “pessoal frequenta por falta de opção”. Tal realidade se justifica, nas palavras do entrevistado, devido à falta de árvores e falta de sombra.

Figura 22 – Praia artificial do Massanori-Altamira-PA, em 2024.



Fonte: Dados da pesquisa.

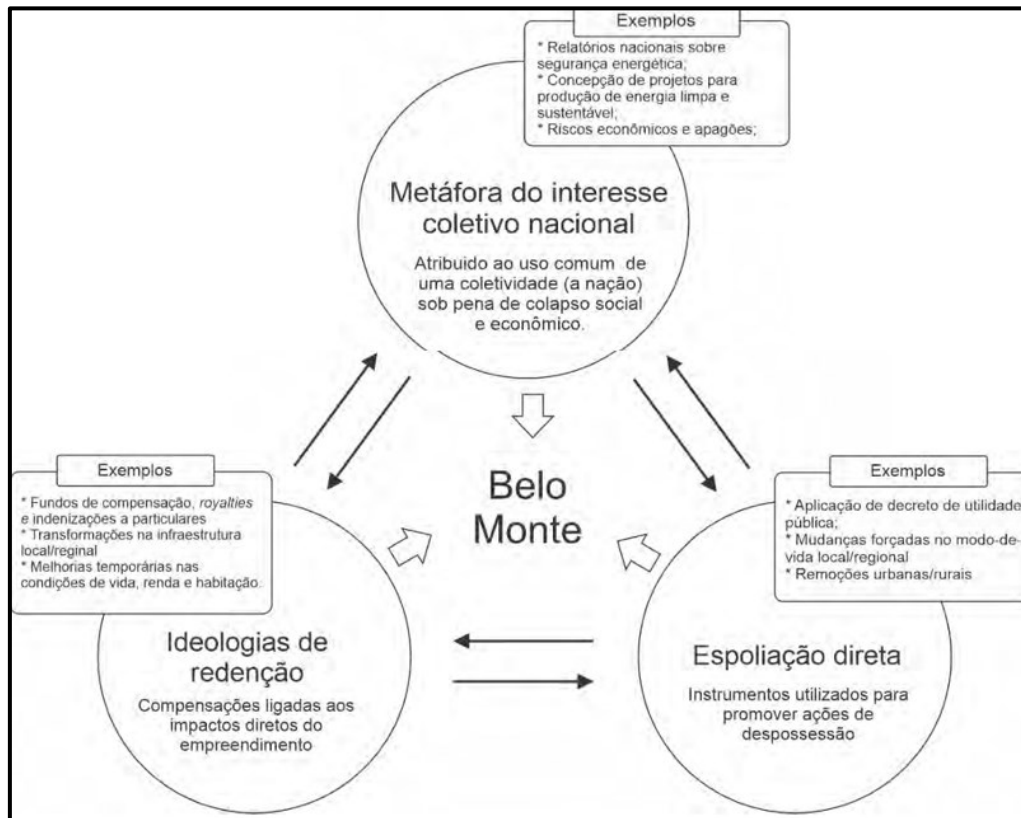
Não seria demasiado afirmar que a instituição das praias artificiais consiste em simulacros das praias existentes no litoral brasileiro, cenário que reforça meu argumento segundo o qual a construção da UHBM está fundamentada numa concepção externa ao local. O que a construção da UHBM promoveu em relação às praias de água doce foi uma ruptura de um padrão natural, gerado em função da formação do lago permanente, contexto em que se extinguiu quase na totalidade as praias de água doce, conforme destacado ao longo do capítulo I.

Essa ruptura configura-se mediante uma forçosa instrumentalização do rio como extensão do objeto técnico (no caso de Altamira, a Usina Hidrelétrica Belo Monte), que ocorre tanto pela negação dos conteúdos do plano vivido, quanto pela desconsideração da dinâmica florística existente nesses locais (Mendes *et al.*, 2021, p. 7).

Ao longo deste e de outros trabalhos assumi uma postura contrária ao empreendimento Belo Monte, mesmo assim, a considerar os resultados parciais dessa investigação, faz-se necessário enfatizar certas contradições, especialmente quando boa parte dos interlocutores legitimam as intervenções requalificadoras a beira-rio.

Esse contexto contraditório merece mais aprofundamento, especialmente a partir dos argumentos de Ribeiro (1987) para quem os Projetos de Grande Escala (PGE) produzem as chamadas ideologias de redenção, uma argumentação discursiva segundo a qual a construção de determinada obra equacionaria os dilemas de uma dada realidade. A considerar o contexto da UHBM, a ideia das “ideologias de redenção” associa-se à “metáfora do interesse coletivo nacional” e à espoliação direta (Miranda Neto; Mendes, 2022, p. 46).

Figura 23 – Representação da metáfora do interesse coletivo nacional



Fonte: Miranda Neto; Mendes (2022, p. 46).

Como se nota na figura 23, essa dimensão (metáfora do interesse coletivo nacional), ao operar no nível cotidiano, produz um discurso permeado de representações e valores coletivos:

São, portanto, discursos que exprimem sentimentos de coletividade e altruísmo, a partir dos quais subjaz a dominação espacial em escala mais ampla. Por essa lógica, elaboram-se sentenças como: “apesar dos impactos, o projeto é bom para o país”, ideia que se torna ainda mais efetiva quando associada à concepção da hidrelétrica como geradora de energia “limpa, renovável e sustentável”, termos repetidos como um mantra por agentes do Estado e a da Norte Energia (Miranda Neto; Mendes, 2022, p. 46-47).

Desta forma produz-se no imaginário, e no discurso dos sujeitos de Altamira, um cenário segundo o qual as intervenções provocadas pela empresa concessionária de Belo Monte fossem assimiladas como relevantes e necessárias, conforme dados trazidos por Mendes (2023). A criação das Praias Artificiais confere materialidade à problematização feita até aqui (mapa 3).

Mapa 3 – Mapa de localização da praia artificial da “Orla de Altamira” e do “Massanori”



Fonte: Mendes *et al.* (2021).

Eis a síntese do que Ribeiro (2014) chamou ideologias de redenção, um conjunto de ideias e valores que operam ao nível discursivo visando legitimar as contradições geradas pela construção dos grandes projetos na Amazônia. Mesmo assim, os resultados da presente pesquisa sugerem a existência de uma permanência mantida na relação sujeito-rio, onde os conteúdos existentes nos rios urbanos de Altamira não foram completamente extintos em face da extinção da UHBM.

Partindo de uma expressão mobilizada por uma militante do movimento social, esta seção discutiu como a construção da UHBM feriu o rio de morte, sendo a construção das Praias Artificiais a ação mais proeminente desse processo do qual resultou uma mudança de hábitos relativos à interação sujeito-rio. Esse fato, porém, está associado a um discurso de natureza hegemônica, segundo o qual a construção da UHBM traria redenção às contradições sociais inerentes à realidade de Altamira.

Todavia, esse novo contexto fluvial resultante da criação das praias artificiais, bem como do rio ferido de morte, coexiste a espaços e hábitos que sugerem a vivacidade do rio. Eis o conteúdo do próximo capítulo.

#### **4 CAPÍTULO III – O RIO QUE VIVE PARA SEMPRE: EXPERIÊNCIAS DE LAZER NOS RIOS URBANOS DE ALTAMIRA-PA, DEPOIS DA CONSTRUÇÃO DA UHBM**

Não é raro, em análises que têm como referências marcos temporais, a construção de uma argumentação linear, como se os processos sociais apontassem numa direção única, prescindindo de um encadeamento de fatos históricos. Por isso, as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira antecedem à construção da UHBM, emergindo com outras características após o evento (UHBM).

Assim, apesar do barramento do rio, da construção das praias artificiais, da supressão de boa parte da vegetação à beira-rio, ainda é possível visualizar uma série de sociabilidades cotidianas mediadas pelo rio.

##### **4.1 Esse rio é minha rua: permanências do lazer nos rios urbanos de Altamira-PA**

A sentença postulada no título dessa seção alude a composição de Paulo André Barata e Ruy Guilherme Paranatinga Barata, e objetiva reiterar a importância do rio como elemento (i)material da cultura Amazônica. Trata-se de uma imanência cotidiana que condiciona as sociabilidades dos sujeitos que vivem na Amazônia.

Com efeito, se a rua das cidades se resume quase sempre a uma dimensão instrumental do espaço social, os rios da Amazônia não. Nesses corpos hídricos subjaz uma cultura perene da qual as experiências de lazer são uma singularidade.

Todavia, cabe enfatizar que estas singularidades estão submetidas, sobretudo após a década de 1950, a intervenções externas. Esse é o contexto de grandes objetos técnicos a exemplo dos projetos de mineração e neste caso particular; um projeto hidroelétrico.

Assim, os rios da Amazônia brasileira e os conteúdos a eles inerentes estão constantemente pressionados por lógicas e concepções externas cuja resultante pode transformar suas formas e por extensão seus conteúdos, mesmo que nesse processo visualizem-se permanências.

Como enunciado anteriormente, a cidade de Altamira tem sua origem e seu desenvolvimento ligados diretamente à presença dos rios. Ao longo desse tempo os rios – tanto urbanos, quanto as margens do rio Xingu – abrigaram uma multiplicidade de processos, a exemplo do trabalho, da habitação e do lazer. Esse último aspecto – o lazer – tem se mostrado uma interessante pista para se compreender a sociabilidade dos sujeitos altamirenses que são construídas na interação com o rio (Miranda Neto; Mendes, 2022).

Nesse contexto, as práticas de lazer refletem um tipo específico de interação das pessoas com os rios e com suas margens. Antes da UHBM, essa relação estava marcadamente caracterizada por uma horizontalidade social, já que a beira-rio se mostrava mais acessível à população, contexto em que as diferentes dimensões da vida cotidiana se interpenetravam, configurando uma sociabilidade particular que é comum em cidades banhadas por rios (figura 24).

Figura 24 – Igarapé Ambé, anos 90 – Altamira-PA



Fonte: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=2167364373482177&set=a.1800581066827178>

Longe de advogar em favor de uma essencialidade da vida cotidiana altamirense, o que se sustenta é que no tempo anterior à construção da UHBM prevalecia uma racionalidade na esfera cotidiana que era muito mais dependente do rio enquanto valor de uso, conforme Trindade Júnior (2011, 2013) e reiterada na fala dos entrevistados dessa pesquisa:

O que eu guardo de lembrança do rio, como eu já falei, na minha infância, ele sempre tá presente na minha memória. Tudo eu vejo, assim, relacionado. O rio, os pássaros que vinham pro rio, os pássaros, os animais. É muito bonito você ver os animais nadando no rio. A gente via, e saber que ele também é rico pra vivência, pra gente beber água, pra gente sobreviver, pra mim o rio é alegria, tanto faz ser aqui essa coisa que eu falei do rio Xingu esse braço aqui do rio que é o Ambé - Igarapé da ponte

(Tuna, entrevista concedida em 28/06/2024).

Esse sentido do uso do rio, reflete uma apropriação e uma representação da vida na sua dimensão material. Trata-se de uma forma de interação com meio que supera a dominação que é típica do modo de produção capitalista, conforme demonstrado nos trabalhos de Seabra (1987), Oseki (2000) e Sant'Anna (2007).

No caso de Altamira e considerando o conteúdo da figura 24, que reflete uma temporalidade anterior à construção da UHBM, pode-se aprofundar o debate a partir de certas particularidades da vida Amazônia, da qual as práticas do lazer são umnexo, sendo o ato de lavar roupa no igarapé uma mediação possível entre a realidade empírica de Altamira e os elementos teóricos apresentados ao longo desta tese, conforme narrativa a seguir:

A gente ia diariamente, a mãe lá levava a gente pra lavar roupa lá. Aí a gente ia lavar roupa e tomava banho lá. Mas era assim, uma vez, duas vezes a cada semana. A gente ia mesmo só pra lavar roupa, mas tinha outras pessoas que ia pra pescar, mas a gente ia só pra lavar a roupa mesmo (Bacajá, entrevista concedida em 08/06/2024).

Em associação, o que o conteúdo da figura 24 e a entrevista acima revela é uma profunda e sofisticada relação que os sujeitos de Altamira mantinham com o rio Xingu e com seus afluentes urbanos. Quase sempre, esta relação estava caracterizada por uma interrelação trabalho-lazer, onde os limites dessa ou daquela dimensão não estavam rigidamente definidas, muito pelo contrário se interpenetravam na trama do cotidiano. Daí a necessidade de se superar concepções categoriais generalizadoras para se discutir as experiências de lazer em cidades da Amazônia.

Eu fui uma menina criada desde muito cedo, tipo dez anos, onze anos, eu já ia pro rio porque quando a gente era criança, o poço secava, o poço lá de casa secava e a minha mãe ia pro rio pra poder lavar as roupas da família no rio e aí ela a gente já acompanhava ela. Nessa atividade ela ensinava a gente, eu e as minhas irmãs, a lavar as roupas e tudo. Mas a gente ia mais pra banhar mesmo, criança é a questão mais do lazer. Ali é próximo ao Ambé (Penetecal, entrevista concedida em 14/06/2024).

A referência espacial e da memória das entrevistadas apontam como centralidade o Igarapé Ambé, que muitas vezes é referido apenas como a ponte do Ambé (retratada na figura 24). Trata-se, como já mencionei ao longo desse trabalho, de uma espacialidade no perímetro urbano de Altamira que articulava as dimensões do trabalho e do lazer e que ainda subsiste enquanto memória coletiva.

Então, era muito bacana era uma ponte enorme, então a gente passava as pessoas estava lavando roupa lá embaixo. Passava pra cá, as pessoas estavam lavando roupa, tomando banho, a meninada tomando... pulando dentro d'água. Isso aí pra mim é alegria demais. E eu tenho certeza que como muitos historiadores dizem, mas eu falo assim: “ele ainda é a vida, a nossa vida, a vida daqui da nossa região do nosso mundo, o Xingu, o rio Xingu” (Tuna, entrevista concedida em 28/06/2024).

A ponte a que a entrevistada Tuna menciona é a ponte do Ambé, retratada na figura 24 que no período anterior à construção da UHBM consistiu numa espacialidade que articulava moradores de diversos bairros de Altamira que iam ao local tanto para realizar atividades laborais, a exemplo da lavagem de roupas, como para entreterem-se no ambiente fluvial.

A escolha das três narrativas cumpre a função de reiterar não apenas a importância dos rios urbanos e das formas espaciais da cidade, mas como eles ainda hoje estão permeados de sentidos e representações sociais e simbólicas, dentre as quais as experiências de lazer estão contidas.

Neste ponto, cabe uma mediação teórica em face do debate apresentado por Marroques (2021). Ainda que desenvolvido noutro contexto e realidade social, o trabalho referenciado permite conexões com a presente pesquisa e com as três narrativas aqui mencionadas, especialmente porque suscita questões ligadas ao cotidiano, à memória e ao trabalho.

Para Marroques (2021), certos elementos da vida cotidiana se materializam no e pelo rio, onde os limites entre o trabalho e o lazer não são demarcados pela lógica moderna e ocidental. Eis uma correlação possível com a reflexão aqui proposta:

É importante ressaltar que os cantos de trabalho são realizados principalmente de forma coletiva, em uma perspectiva do trabalho atrelada também à sociabilidade, solidariedade, festividade, na busca de alegria, prazer, divertimento e na sobrevivência coletiva, em uma percepção ampla do trabalho enquanto manutenção e reprodução da própria vida e do cotidiano (Marroques, 2021, p. 69).

Desse modo, não se pode estudar os acontecimentos sociais em separado, mas como um contingente complexo e articulado, conforme Mauss (1988):

esses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, políticas e morais - estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo-; econômicas - estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (Mauss, 1988, p. 187).

Os argumentos Mauss (1988) quando relacionados às entrevistas destacadas anteriormente, permitem-me reafirmar a teia de processos sociais que se desenvolvem nos rios urbanos e nas suas margens.

Outro trabalho que se soma à reflexão aqui proposta foi realizado por Jorge (2006), contexto em que a autora retrata a realidade social da cidade de São Paulo na passagem do século XIX para o XX. Trata-se de um trabalho que caracteriza o rio na cidade e a cidade no rio, ou seja, na medida em que o rio permitia o desenvolvimento da cidade pela sua orgânica relação, dela se separava numa disjunção forçada e predatória.

A pesquisa de Jorge (2006) apresenta uma importante ocorrência do cotidiano paulista, a qual tem paralelo com a presente pesquisa. Trata-se do ato de lavar roupas nos igarapés e córregos de São Paulo do século XIX, fato associado à relativa conservação dos corpos hídricos que além da manutenção de um ecossistema saudável, viabilizava toda uma trama social que se desenvolvia a partir da interação, sobretudo, das mulheres com os pontos de lavagem de roupa.

Um outro grupo mantinha um contato imediato e cotidiano com os rios e córregos paulistanos: as lavadeiras. Pareciam estar em toda parte, em grupos no córrego do Lavapés, a cantarolar em meio ao trabalho ou sozinhas no córrego do Ipiranga antes da construção do jardim e do monumento à independência, em 1922, mas era no Tamanduateí, curso d'água próximo às áreas mais populosas da cidade que se encontrava o maior número delas na passagem do século. As lavadeiras que se dirigiam aos rios e córregos da cidade iam em busca da água abundante, limpa e gratuita que ali encontravam (Jorge, 2006, p. 119-120).

Os trabalhos de Jorge (2006) e Marroques (2021) e as narrativas descritas nessa seção evidenciam a centralidade que o rio desempenha no cotidiano das cidades sendo, invariavelmente, a base para a constituição de uma série de conteúdos da vida que, no caso da Amazônia, não devem ser analisados em separado, a exemplo do trabalho de Nunes (2003), de Beltrão (2003) e dos argumentos enfatizados ao longo do capítulo I desta tese.

Com efeito, se a espacialidade de Altamira e dos seus rios urbanos foi amplamente modificada em função das intervenções requalificadoras – conforme destacado ao longo do capítulo II desta tese – pode-se partir de outros referenciais que me permita entender em perspectivas as permanências/mudanças, mas sobretudo as particularidades de cidades que se articulam à existência dos rios.

Neste ponto, buscando mediações teóricas com autores que discutem essa relação sujeito-rio na Amazônia, chego ao trabalho de Mello (1987) que constrói, segundo Pessoa (2022), uma *aquopoética amazônida*. Mello (1987) imerge na pluralidade das formas e dos

conteúdos dos rios da Amazônia, apresentando, ao fim, uma realidade singular onde os sujeitos e a natureza estão numa simbiose, ora orgânica e prazerosa, ora contraditória e penosa.

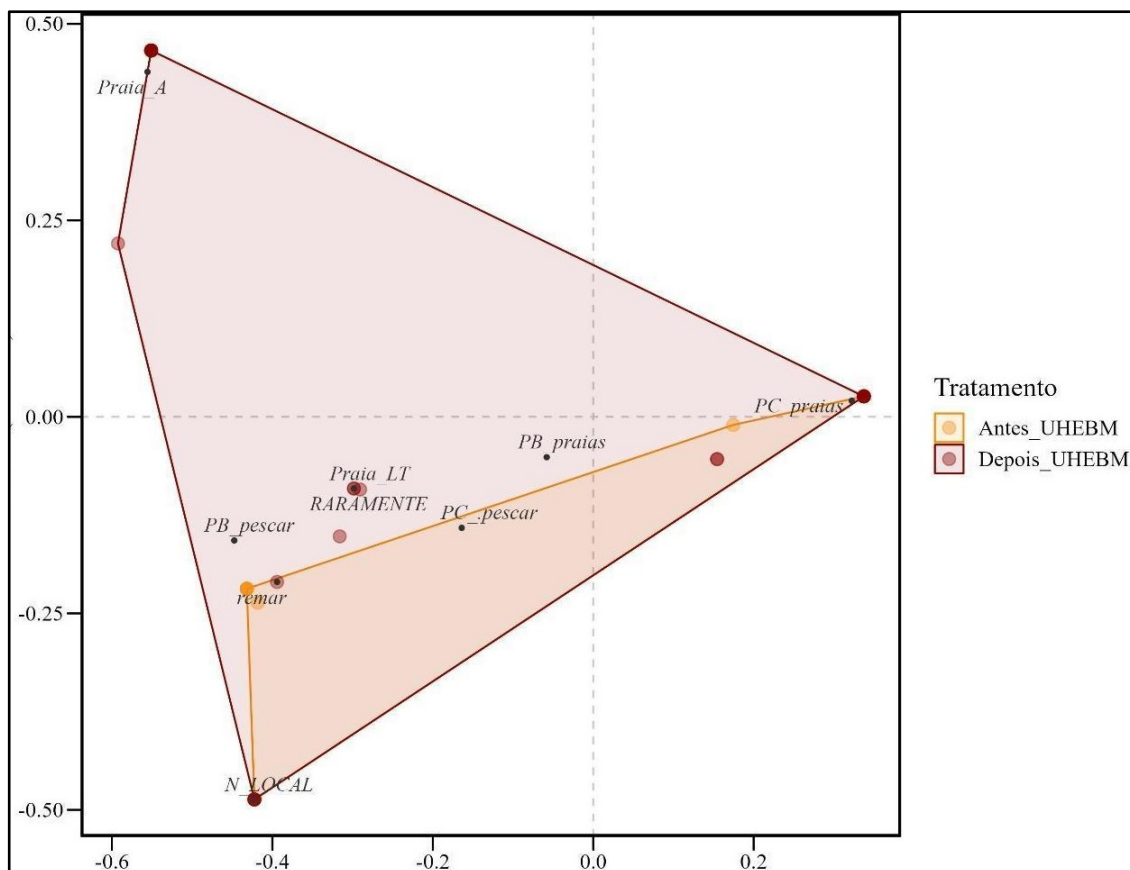
Eis o contexto teórico e empírico que me permite afirmar, de acordo com Gallo (1980), que os rios da Amazônia são partes de uma *pátria soberana*, os quais ditam o ritmo da vida material:

Quem manda aqui não é presidente da república, não é governador, não é prefeito. Aqui domina uma ditadura absoluta e incontestável, não baseada na Constituição ou nas Forças Armadas. É um dado de fato, quem manda é a água. É a água quem dá o sustento e cria as dificuldades, consola e leva ao desespero, condiciona a saúde, o trabalho, a vida da gente: sem levantar a voz, sem violência, mas implacável e total. [...] As estações do ano, aqui têm um nome exclusivo: água, lama e seca (Gallo, 1980, p. 61).

O trabalho de Mello (1987) é um importante relato socioantropológico sobre as mediações singulares que se materializam pelo/no/com rio, já que a fauna, a flora e o *ictiofauna* estão permanentemente implicadas no cotidiano do sujeito Amazônida.

Notadamente, a relação sujeito-rio que vigora atualmente em Altamira difere em muito daquela que existia no tempo anterior à construção da UHBM, ainda assim os dados provenientes das entrevistas abertas e dos questionários revelam a permanência das práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira (figura 25).

Figura 25 – Atividades de lazer no rio Xingu, antes e depois da construção da UHEBM



Fonte: Dados da pesquisa.

A figura 25 permite defender minha argumentação, segundo a qual a dinâmica do rio Xingu – e dos seus afluentes urbanos – exerce uma função central no cotidiano do lazer em Altamira. Uma dessas centralidades tem a ver com o fato de que as pessoas continuam indo ao rio Xingu, tanto para pescar quanto para acampar nas praias de água doce. Esse contexto que vigorava no período anterior à construção da UHEBM não foi, portanto, extinto por ocasião da construção da referida hidrelétrica. Eis uma permanência que o evento Belo Monte não foi capaz de aniquilar.

Cabe enfatizar, todavia, com base nos dados sistematizados na figura 25, que um elemento socioespacial irrompeu essa permanência. Trata-se das praias artificiais, representadas na imagem na porção superior esquerda, ou seja, essa espacialidade configura um importante incremento na espacialidade do lazer em Altamira, conforme discuti na seção 3.4 desta tese.

Com efeito, a ideia do rio como rua, conforme enunciado no título dessa seção, sugere pelo menos duas questões: a primeira delas, e mais evidente, é a admissão de um fato da

realidade material, isto é, os rios da Amazônia condicionam a esfera cotidiana dos sujeitos que residem neste território.

Ao redor e para além dos barcos, estão as canoas, a remo de faia ou a motor de popa, dos mercados fluviais. O comércio é intenso: vendem-se frutas, animais, os preços são feitos ali na hora, ao sabor das circunstâncias; os refrescos de frutas naturais são vendidos em garrafas dos refrigerantes industrializados. Não falta sequer o cafezinho fluvial (Mello, 1987, p. 26).

A segunda questão exige pensar a operacionalidade teórico-metodológica do lazer a partir de uma singularidade, ou seja, negam-se concepções teóricas universalizantes sobre a Amazônia e as cidades a beira-rio, pelo que se admitem as particularidades que se desenvolvem nessas espacialidades.

Assim, ao invés de uma Amazônia idealizada em formas-conteúdos é necessário, como sugeriu Porto-Gonçalves (2001), pensar uma “Amazônia, Amazônias”, ou seja, uma visão que admita este espaço como plural e historicamente complexo, por isso mesmo detentor de uma multiplicidade étnica, física, de Etnossaberes, de culturas.

O Rio Xingu pode ser estudado por uma perspectiva própria, a exemplo do que escreveu o grupo Cruzeirinho: “esse rio é minha casa, a varanda é o igarapé<sup>25</sup>”, ou ainda conforme trecho da composição de Paulo A. Barata e Ruy G. P. Barata, destacado no título dessa seção: “esse rio é minha rua, minha e tua, mururé<sup>26</sup>”.

As referências aos estudos de Jorge (2006) e Marroques (2021), cujo recorte difere do campo empírico desta pesquisa, ocorre na tentativa de destacar a importância do rio para a materialização dos acontecimentos da vida cotidiana, assim como o modo com que o desenvolvimento das cidades no hemisfério ocidental ocorre se distanciando dos rios enquanto valor de uso.

À medida que os processos sociais (e econômicos) se acirram como processo histórico, o rio é separado da cidade, assumindo uma natureza instrumental e funcional ao seu desenvolvimento e, não raro, como depósito de efluentes. Essa realidade é catalisada em contextos de cidades industrializadas ou no caso de Altamira-PA pela construção da UHBM.

Considerando o campo empírico desta pesquisa, os conteúdos sociais diretamente ligados aos rios urbanos permanecem enquanto representações sociais, exigindo de quem pesquisa a admissão de outros pressupostos teóricos e metodológicos. Essa inversão epistêmica

<sup>25</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=LqhLGpOFFv4&t=2s>

<sup>26</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=x39bAav2lno&t=3s>

permite que se veja não apenas as permanências, como as emergências/novos conteúdos do lazer no contexto da UHBM. Eis o conteúdo a ser explorado ao longo da próxima seção.

#### **4.2 Esse rio (ainda é) minha rua? Novos conteúdos do lazer nos rios urbanos de Altamira**

Esta seção aborda os novos conteúdos do lazer nos rios urbanos de Altamira, os quais decorrem do incremento socioespacial trazido pela UHBM, evento que redefiniu a relação que os sujeitos de Altamira mantinham/mantêm com os rios.

Uma das principais mudanças observadas ao longo desta pesquisa decorreu da extinção de boa parte das Praias de água doce, da criação das chamadas Praias artificiais, do surgimento dos balneários particulares, da incorporação de práticas como o caiaquismo e natação, bem como o surgimento de espaços de alto padrão a beira-rio, especialmente os espaços de marinas particulares. A esses conteúdos fluviais do lazer nomeiei de fluvialidades emergentes ou fluvialidades latentes, isto é, práticas nos rios que suscitam outra racionalidade do sujeito em relação à espacialidade do rio.

Esse é o contexto que rebate na dinâmica social de Altamira a partir do evento Belo Monte, induzindo o surgimento de novas formas espaciais a elas associados novos conteúdos. Antes, cabe destacar a funcionalidade dos rios na Amazônia brasileira, cujo acesso reflete um caráter democrático, suscitando, na maioria das vezes, uma relação singular entre os sujeitos e esses corpos hídricos.

Essa relação singular, tem sido ampla e adequadamente discutida por Trindade Júnior (2021; 2022), Oliveira (2001), Lobato; Bahia (2020), Mello (1987), autores da Amazônia que se dedicaram e ainda se dedicam a reconhecer a potência subjacente a essa relação sujeito-rio, a exemplo da poesia de Mello (1987):

eu venho desse reino generoso, onde os homens que nascem dos seus verdes continuam cativos, esquecidos, e contudo profundamente irmãos das coisas poderosas, permanentes como as águas, o vento e a esperança. Vem ver comigo o rio e as suas leis. Vem aprender a ciência dos rebojos, vem escutar os cânticos noturnos no mágico silêncio do igapó coberto por estrelas de esmeralda (Mello, 1987, p. 24).

A descrição de Mello (1987) revela não apenas a centralidade do rio como elemento (i)material da Amazônia, mas permite que se enxergue diferentes níveis de sociabilidades construídas entre a sociedade e a natureza e entre sujeitos. Trata-se de uma ambiência reveladora de uma sociologia, de uma solidariedade, de uma ciência, de uma (i)materialidade.

Esse é precisamente o valor de uso que se destaca nas variadas formas de apropriação e interação sujeito/cidade-rio.

Neste ponto, cabe enfatizar que o contexto atual em Altamira exige considerar outros elementos para se compreender adequadamente a relação das pessoas com os rios urbanos, a exemplo do estudo de Nogueira (2021), segundo o qual os rios da Amazônia em contextos como os descritos ao longo dessa tese, passam a ter pelo menos três usos: 1 – praias de rio de livre acesso, 2 – praias de rio em área privada, 3 – compra de um sítio cortado por rios. Esse último, diretamente ligada à criação de balneários:

Na Amazônia, a cultura dos banhos nos mais diversos ambientes aquáticos, herdada dos povos originários, emerge da associação sol, calor, umidade e rios. A produção de espaços balneários, públicos e privados, com características próprias, difundiram-se na região como resultado do hábito vernacular do banho do rio (...) estão dispersos por toda a Amazônia possuindo um caráter e uma rede eminentemente local, ou seja, estão localizados no entorno das cidades de todos os grandes portes garantindo o lazer da população (Nogueira, 2021, p. 15).

Ainda que sejam necessárias mais reflexões, considero pertinente afirmar que a criação dos balneários em Altamira está associada ao momento em que as praias de água doce submergiram por ocasião da criação do lago permanente da UHBM. Em geral, ficam a quinze minutos do centro da cidade, localizando-se em ramais e/ou chácaras de empresários locais.

Naquele contexto, a relação sujeito-rio ficou sensivelmente afetada cuja demanda (muito em função do afluxo populacional) não foi devidamente atendida, ainda que as praias artificiais estivessem concluídas ou em vias de finalização (Mendes, 2023).

Geralmente, a infraestrutura desses espaços está diretamente relacionada à presença de igarapés (especialmente o Igarapé Ambé) sobre os quais se constroem edificações, as quais permitem aos usuários uma ótima interação com o rio e com a natureza de forma geral (figura 26).

Figura 26 – Balneário “Cantinho do Cipó Ambé”



Fonte: Dados da pesquisa.

Todavia, para além da interação sociedade-natureza viabilizada pela ambiência dos balneários, cabe destacar algumas particularidades que derivam dessa realidade, sendo a mais evidente o realce nas desigualdades socioeconômicas, pois além de se localizarem na região periurbana da cidade (o que demanda uma mobilidade urbana a ser realizada sobretudo por carros), também tem seu acesso condicionado ao pagamento.

Em associação, esses dois fatores, a mobilidade e o custeio, constituem-se em barreiras para a fruição das experiências de lazer nessas espacialidades, contemplando majoritariamente a parcela da população que tem maiores e melhores condições econômicas.

Soma-se a isso a relação que as pessoas mantinham historicamente com os rios e suas margens, deflagrando uma relação cada vez mais mercantilizada e elitizada com os rios de Altamira. Resulta desse contexto, a criação de novas formas espaciais, cuja concepção reflete uma tecnocracia que se sustenta pelo esvaziamento do valor de uso dos rios e das suas margens (figura 27).

Figura 27 – Vista panorâmica das margens do Igarapé Altamira



Fonte: Dados da pesquisa.

Essa espacialidade criada no contexto da UHBM e evidenciada na figura 27 remete a um tipo ideal de cidade, construída enquanto pressuposto discursivo no hemisfério ocidental. Por essa concepção, as formas urbanas – e, portanto, a racionalidade da *urbe* – devem sobrepor-se à natureza, conforme estudo de Trindade Júnior (2011):

Nesses casos, o potencial dos espaços de vivências ribeirinhas são apenas parcialmente aproveitados na concepção desses projetos urbanísticos, ou, quando não são pensados, acabam sendo forçosamente (re)apropriados, ainda que algumas vezes furtivamente, pela população local, contribuindo para a definição de espaços fluidos<sup>27</sup> no interior da cidade. Mesmo assim, não deixam de se distanciar dos espaços de fortes enraizamentos anteriormente apresentados, que se tornam gradativamente pouco aproveitados para efeitos de políticas de desenvolvimento urbano. Ao contrário, o que se verifica, na verdade, é uma tendência de negação desses atributos como elementos de particularização regional, sendo muitas vezes substituídos por outros objetos e ações considerados mais interessantes do ponto de vista mercadológico e da atratividade territorial (Trindade Júnior, 2011, p. 12-13 – nota do autor).

<sup>27</sup> Essa terminologia é próxima da de Frémont (1976), que busca, na análise regional, caracterizar os espaços regionais a partir de diversos graus de identidade, definindo-os como enraizados, fluidos e explodidos. A perspectiva teórico-metodológica de análise, aqui adotada, entretanto, distancia-se daquela utilizada pelo autor mencionado.

No caso de Altamira, a considerar o conteúdo da figura 27, os rios urbanos passam a assumir um caráter funcional à obra, ao mesmo tempo em que se dissocia da cidade enquanto espaço de representação.

Neste contexto, é preciso considerar as (trans)formações socioespaciais em perspectiva, isto é, não apenas a emergência dos balneários como novas espacialidades de lazer, mas um conjunto de novas formas espaciais que em articulação revelam uma intencionalidade urbana, cujo sentido é não apenas a expulsão das pessoas dos espaços a beira-rio, mas a criação de uma nova realidade material, já anunciada no conteúdo da figura 27 e destacada na ponderação de Trindade Júnior (2011).

A considerar o conteúdo da figura 27 (vista panorâmica do Parque do Igarapé Altamira) é possível afirmar a existência de um tipo ideal de forma urbana revestida de artificialidade. Pode-se argumentar, como fizeram Lobato; Bahia (2020), que está em curso uma transição sangrenta entre psicoferas.

As imagens trazidas nesta seção reiteram o processo de disjunção cidade-rio, permitindo-me mobilizar o instrumental teórico sobre o processo de constituição das cidades modernas-ocidentais, bem como o modo com que novas experiências de lazer emergem. Assim, a emergência de novos conteúdos do lazer nos rios urbanos de Altamira (como a criação de parques lineares, balneários e praias artificiais) reflete um ideal típico das cidades modernas-ocidentais, cujo sentido é a requalificação urbana, a expulsão dos empobrecidos do centro da cidade e a criação de espacialidades elitizadas referendadas pela ambiência fluvial.

Esse é o contexto da beira rio criado pela UHBM, onde os novos conteúdos do lazer estão diretamente relacionados ao processo de requalificação urbana, destacado ao longo do capítulo II desta tese (figura 28).

Figura 28 – Marina particular em Altamira-PA



Fonte: Dados da pesquisa.

No período posterior à construção da UHBM cresceu significativamente a construção de empreendimentos de alto valor a beira-rio, marcadamente associados a bares/restaurantes, hotéis de alto padrão e a empreendimentos que se pode designar como marinas, a exemplo da figura 28.

Tais espaços de marinas recebem principalmente voadeiras, *jet ski* e caiaques, demarcando além do surgimento de novos conteúdos do lazer nos rios, uma distinção socioeconômica já que estes equipamentos demandam um considerável aporte financeiro para seu usufruto.

Todavia, cabe mencionar que a prática do caiaquismo tem crescido sistematicamente no período posterior à UHBM e cada vez mais ganhado adeptos, ainda que seja coerente afirmar que nem todos altamirenses possuem capacidade financeira para fruir essa prática de lazer (figura 29).

Figura 29 – Praticantes de caiaquismo no Igarapé Panelas



Fonte: [https://lh5.googleusercontent.com/p/AF1QipO7X\\_wopjF\\_Q1\\_eNwU5PM01QnRja2QDsr6WK3qa=w141-h118-n-k-no-nu](https://lh5.googleusercontent.com/p/AF1QipO7X_wopjF_Q1_eNwU5PM01QnRja2QDsr6WK3qa=w141-h118-n-k-no-nu)

Os dados obtidos e sistematizados ao longo desta pesquisa reforçam o caráter contraditório e desigual das cidades capitalistas. De um lado, observam-se manifestações marcadamente significativas e revestidas de uma sociabilidade sustentável. São as permanências que refletem uma identidade ribeirinha. De outro lado, nota-se a força do capital, refletido em grandes projetos e sobretudo num discurso tecnocrata que não admite como possível a conciliação sociedade-natureza e cidade-rio. São mudanças que refletem um ideário de modernidade.

Outra prática fluvial difundida após a construção da UHBM é a natação. Sobre isso convém um destaque, isso porque na Amazônia o ato de nadar é prática comum do cotidiano, no entanto, o conteúdo da natação incorporado na dinâmica dos rios de Altamira no pós Belo

Monte revela outros significados. Trata-se da natação em águas abertas, sobretudo a travessia do rio Xingu, cuja materialização revela contornos do esporte competição.

Por exemplo, você conseguiu não foi agora com Belo Monte, mas um pouco antes você conseguiu o resgate da natação, natação de águas abertas no rio... com a praia artificial, isso ainda ficou melhor porque você criou um ambiente um espaço que você tem isso, hoje em dia tem mais uma interação da população com o rio através de caiaque, você tem esportes que se fazem na beira, se fazem na praia (Arrependido, entrevista concedida em 06/06/2024).

Como mencionei, no cotidiano da Amazônia a natação está associada ao ato de banhar, contemplar, acampar, numa relação sociedade-natureza que prescinde de padronização, regras, contexto diferente do que emerge após a construção da UHBM (figura 30).

Figura 30 – Competição de natação no rio Xingu, em setembro de 2024



Fonte: Dados da pesquisa. Crédito da foto: Jaime Souza (2024).

Pelo exposto, novos conteúdos emergiram no momento posterior à construção da UHBM, ao que nomeei como sendo conteúdos/fluvialidades latentes ou emergentes. Tais conteúdos articulam-se a novos espaços construídos tanto por instâncias governamentais, quanto pela iniciativa privada. Destaca-se, todavia, que esses conteúdos e formas espaciais não apagam os antigos conteúdos e espaços de lazer a beira-rio, muitas vezes coexistem. Dessa

unidade contraditória resulta uma espacialidade complexa e múltipla ou, conforme Santos (2017):

A ideia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa ideia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações (Santos, 2017, p. 103).

Eventualmente, esse incremento nos conteúdos e nas espacialidades do lazer reflete um apelo ao consumo e aos signos da modernidade, mas, igualmente reitera a centralidade dos rios e das suas margens para as vivências do lazer.

Ao longo dessa seção abordei as emergências dos conteúdos do lazer nos rios urbanos de Altamira. Em tom problematizador, indaguei se os rios de Altamira ainda exercem o papel de rua, como exercera na temporalidade anterior à construção da UHBM. A análise sugere que no período posterior à construção da UHBM ocorreu um incremento nas formas e conteúdos do lazer em Altamira, especialmente pelo surgimento de balneários particulares, de praias artificiais, de marinas particulares e mais recentemente pelo crescimento da prática do caiaquismo e da natação em águas abertas.

Tal contexto permite afirmar que, mesmo diante das profundas transformações socioespaciais deflagradas pela UHBM, a relação dos altamirenses com os rios está mantida, ainda que submetida a outros valores. Aliás, essa processualidade histórica é condição necessária para se compreender as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira.

#### **4.3 O rio como condição e produto das práticas fluviais do lazer na cidade de Altamira-PA**

Como já discutido, o rio pode ser a condição para as práticas de lazer, mas também um produto das diferentes dinâmicas socioespaciais que se materializam no lugar. Nesta seção, objetivo é ampliar esse debate, enfatizando que o “o rio como condição” pode ser a base para o surgimento de pequenas localidades até a formação de grandes centros urbanos. Este cenário evidencia as formas espaciais. Todavia, o rio também produz uma sociabilidade cotidiana mediada pelos diferentes conteúdos subjacentes à realidade material das cidades ribeirinhas e beira rio. Tal contexto reflete uma unidade que se materializa pela articulação das formas espaciais aos conteúdos do plano vivido, refletindo em permanências e em emergências

mediadas, de um lado, pela lógica da reprodução capitalista; de outro lado, pelas (re)existências da cultura ribeirinha.

Assim, rio e floresta, cidade e rio, são elementos de um todo, daí porque a prática de lazer nos rios da Amazônia pressupõe uma dimensão relacional. Mesmo assim, essas espacialidades não estão imunes a interferências de fluxos e processos externos, conforme reflexões de Trindade Júnior (2011, 2013), em que o autor apresenta uma explicação para as dinâmicas sub-regionais e as interfaces da cidade-rio na Amazônia:

a análise assenta-se nas repercussões decorrentes da reestruturação mais recente do espaço amazônico e seus rebatimentos na forma de articulação da cidade com o rio, considerando espaços de vivências (laços) e de fluxos (nós) que marcam a organização intra-urbana atual (Trindade Júnior, 2011, p. 1).

Neste caso, o surgimento das dinâmicas sub-regionais diretamente vinculadas a intervenções governamentais rebate na dinâmica de uso do rio, fazendo emergir novos hábitos e espacialidades. Trata-se da transição de um modelo de cidade baseada na lógica “rio/várzea/floresta” para o modelo “rodovia/terra-firme/subsolo” (Porto-Gonçalves, 2001).

Mesmo assim, a despeito das novas dinâmicas que se deflagram pela incorporação do modelo de cidade “rodovia/terra-firme/subsolo”, os rios continuam a exercer importante papel no âmbito dessas sub-regiões, especialmente em relação à moradia, ao trabalho e ao lazer (Trindade Júnior, 2011). Nas palavras de Mello (1987), os rios da Amazônia impõem uma “ditadura das águas” aos sujeitos e à realidade social dessa região.

O trabalho de Trindade Júnior (2013) permite uma mediação interessante em face do objeto aqui discutido. O autor apresenta “tipos ideais” – e não idealizações – e os atributos da forma urbana na Amazônia. Ao avançar para além da caracterização proposta por Porto-Gonçalves (2001), Trindade Júnior (2013) propõe pensar os atributos da forma urbana a partir da noção de: cidade na floresta e cidade da floresta.

As “cidades da floresta” eram, até a década de 1960, as mais comuns na Amazônia. Suas características de pequenas cidades, associadas frequentemente à circulação fluvial, conferiam a elas fortes ligações com a dinâmica da natureza, com a vida rural não moderna e com o ritmo da floresta ainda pouco explorada (...). As “cidades na floresta”, por outro lado, são aquelas que tendem a se articular principalmente às demandas externas da região, fazendo da floresta um elemento de pouca integração aos novos valores da vida urbana, sendo mesmo sua negação, e tida principalmente como espaço de exploração econômica (Trindade Júnior, 2013, p. 3).

Para além do rio como uma condição para a configuração da cidade, uma correlação possível entre a síntese apresentada por Trindade Júnior (2013) e o presente estudo corresponde a determinados conteúdos que subsistem nestas cidades diretamente vinculadas às florestas e aos rios. Para o autor, o atributo da natureza predominante no modelo de cidade na floresta reflete um simulacro/recursos, ao passo que no modelo de cidade da floresta o atributo da natureza é: recurso, lazer, circulação, simbolismo (Trindade Júnior, 2013, p. 19).

Com efeito, considerando os estudos de Porto-Gonçalves (2001) e Trindade Júnior (2013), proponho uma mediação em face do objeto aqui apresentado. Sugiro pensar o lazer *do* rio e o lazer *no* rio. No primeiro caso, as práticas do lazer resultam de uma relação orgânica sociedade-natureza, ao passo que o lazer *no* rio emerge como um produto diretamente relacionado a externalidades, especialmente aos grandes projetos de infraestrutura.

A considerar a realidade estudada, a noção de lazer *do* rio consiste em práticas subjacentes à temporalidade anterior ao evento Belo Monte, refletindo de forma mais intensa os costumes e a cultura ribeirinha da Amazônia brasileira. Nesta temporalidade as práticas de lazer estavam diretamente associadas às praias de água doce:

são as praias de água doce, as praias de rio. Então a gente tinha praias enormes aí no Xingu aí, assim como outros rios da Amazônia, praias enormes. Aqui, aqui você tinha praia a Praia do Sossego, tinha o Gorgulho da Rita, Praia da Miranda, tinha outras praias pra baixo que já é Paratizinho. Tinha praia da Olivete, mas as praias próximas aqui a nossa família praticamente foi em todas, até porque meu pai e minha mãe tinham uma relação muito grande com o rio (Arrendido, entrevista concedida em 06/06/2024).

A espacialidade das praias de água doce foi relatada de forma recorrente nas entrevistas, o que me permite apontá-las como sendo uma das condições para o lazer *do* rio. Trata-se de uma espacialidade onde pelo menos dois fatores se destacam, sendo o primeiro a forma com que as pessoas se deslocam para essas localidades, em geral, em pequenas embarcações, regionalmente denominados de rabeta, voadeiras ou mesmo barcos. O segundo aspecto tem a ver com a dimensão da paisagem que associa o rio-faixa de areia-vegetação primária, combinação essencial para atenuar o clima quente e úmido da região (figura 31).

Figura 31– Praia do Pajé, antes da construção da UHBM



Fonte: <https://www.facebook.com/photo?fbid=561554687243219&set=a.531471080251580>

A figura 31 apresenta a Praia do Pajé no momento anterior à construção da UHBM. Distante aproximadamente 10 km do centro da cidade, essa espacialidade foi durante muito tempo um *point* para muitos banhistas de Altamira e até de outras cidades vizinhas. No perímetro urbano de Altamira existiam outras praias similares à do Pajé, bastante mencionadas pelos entrevistados:

Ah tinha um lazer que era muito frequente aqui que era o pessoal ir para as chamadas praias. Na época do verão que aparecia as praias de rio muita gente ia... eu fui quando criança, fui quando jovem, foi quando adulto já com a minha família. As pessoas tinham essa relação muito grande de ir pra essas praias, pernoitar nas praia, no rancho, nas ilhas (Arrendido, entrevista concedida em 06/06/2024).

O lazer do rio está diretamente associado a atividades cotidianas das cidades beira-rio, a exemplo do ato de pescar, que pode assumir uma conotação de subsistência ou entretenimento, ao ato de banhar em determinadas espacialidades como o Cais ou Porto:

é bom lembrar que uma das brincadeiras que nós tínhamos, além do que a gente como quando crianças jovens, nós pescávamos na beira do rio, mas nós tínhamos também muito que se fazia muito quando era criança era pescar com garrafa de vidro. Você

tirava o fundo, colocava farinha. Colocava um fio com um pedaço de isopor pra sinalizar, colocava ali e você pegava peixe com aquilo ali, e com tarrafa então o rio era a gente tinha uma relação intrínseca com o rio. Desde muito pequeno o rio era o lazer, era uma forma de alimentação, o que eu guardo da infância e da juventude é isso. Na infância as brincadeiras e na juventude quando o jovem aí de seus quinze, dezesseis, dezessete anos era pular do Cais, pular dessas pontes e descer nas pranchas de madeira na beira do rio lá no Porto Seis (Arrependido, entrevista concedida em 06/06/2024).

As diferentes brincadeiras na margem do rio, a pesca, o futebol jogado em certos locais na margem do rio, a interação nos Portos fluviais, dentre outras ações cotidianas foram relatadas pelos sujeitos entrevistados. Em associação, essas atividades do mundo cotidiano refletem as singularidades de uma cidade cuja gênese é ribeirinha, sinalizando a existência de um lazer *do* rio.

Todavia, o debate aqui apresentado aponta para inflexões no decurso da histórica articulação entre cidade e rio, contexto em que esses corpos hídricos, intimamente integrados à realidade da cidade, dela se dissociam, conforme estudos de Oseki (2000), Lefebvre (2006). Isso me permite apresentar a ideia do lazer *no* rio, o qual se traduz enquanto produto das práticas fluviais do lazer na cidade.

Sua ocorrência supõe a emergência de espacialidades e hábitos no ambiente fluvial, mediados pelos signos da modernidade pouco conciliados ao espaço vivido, muitas vezes decorrente de intervenções governamentais, a exemplo da construção da UHBM.

A construção da UHBM promoveu uma profunda transformação na paisagem fluvial de Altamira, especialmente pelas intervenções requalificadoras nos portos fluviais e na construção dos parques lineares. A resultante desse processo requalificador nas margens dos rios urbanos de Altamira acabou por descaracterizar os conteúdos e as formas espaciais dotadas de um forte enraizamento cultural ribeirinho, na medida em que viabilizou a emergência de uma outra realidade mais artificializada e/ou estandardizada, contexto em que tenho afirmado prevalecer o lazer *no* rio (quadro 7).

Quadro 7 – Caracterização do lazer no rio e lazer do rio

| Até o início da construção da UHBM-2010 | Após a construção da UHBM- 2015 |
|---|---------------------------------|
| Lazer <i>do</i> rio                     | Lazer <i>no</i> rio             |
| Praias de água doce                     | Praias artificiais              |
| Rio-praia-vegetação primária            | Rio-faixa de areia              |
| Portos fluviais                         | Portos requalificados           |
| Hábito de acampar na praia              | Hábito de passear na orla       |

| Até o início da construção da UHBM-2010 | Após a construção da UHBM- 2015 |
|---|---------------------------------|
| Pesca de subsistência                   | Pesca esportiva                 |
| Banho                                   | Natação competitiva             |

Fonte: Dados da pesquisa.

O quadro 7 é um esforço de síntese em caracterizar a dinâmica de lazer nos rios urbanos de Altamira. No primeiro momento, prevalecem práticas conciliadas ao rio e à natureza, contexto em que a dinâmica ribeirinha prevalece. No segundo momento, prevalece a emergência de práticas e hábitos mais relacionados à modernidade, ocasião em que as práticas de lazer fluvial se materializam de forma pouco conciliada às tradições ribeirinhas.

A ressalva a se fazer neste momento é não se admitir essa realidade como algo estático, linear. Assim, ainda que o quadro 7 caracterize recorrências socioespaciais, é coerente afirmar que a realidade material é sempre mais complexa, isso pressupõe afirmar que eventualmente as práticas de lazer *no* e *do* rio podem coexistir no tempo-espaço.

você tem um espaço aqui na cidade que é muito frequentado você tem um outro também que é a praia do Massanori que também é muito frequentado. Eu acho que isso aproximou. O que falta em alguns casos é aprimorar essa estrutura que foi criada para o turismo, para pro lazer, pois criou-se a praia artificial sem se fazer muito.... sem se fazer a estrutura adequada (Arrendido, entrevista concedida em 06/06/2024).

A fala do entrevistado aponta um incremento na dinâmica fluvial do lazer em Altamira resultante da construção da UHBM, a partir do qual reafirmo a existência de um lazer no rio. Tal incremento inaugura uma espacialidade do lazer em Altamira que como o nome sugere reflete uma artificialidade. Todavia, ainda que esse espaço esteja dissociado de uma relação horizontalizada no sentido da articulação rio-praia-vegetação primária, os sujeitos se apropriam dessa localidade.

Figura 32 – Inauguração da Praia artificial do Massanori em 2024



Fonte: <https://x.com/PeroladoXingu/status/1807494869872730147/photo/1>

A figura 32 corresponde à praia artificial do Massanori no dia da sua inauguração, no primeiro semestre de 2024. Tal praia corresponde a uma das três especialidades (re)criadas pela empresa concessionária da UHBM. Os resultados aqui postulados sugerem que essas

espacialidades constituem-se em incrementos fluviais relevantes para a dinâmica do lazer nos rios urbanos de Altamira.

Se a Praia do Pajé, representada na figura 31, enuncia conteúdo do lazer *do* rio, especialmente pela diversidade florística e por uma paisagem que favorece a manutenção da cultura ribeirinha, a Praia Artificial do Massanori, representada na figura 32, marca uma inflexão nessa relação sujeito-rio expressando muito mais características de um lazer *no* rio, expressos em pelo menos dois aspectos: o primeiro deles corresponde à ausência de árvores no perímetro da faixa de areia, e o segundo diz respeito à forma de locomoção que a considerar o estacionamento infere-se que o deslocamento das pessoas, nesse novo contexto, passou a ser majoritariamente rodoviário em detrimento do fluvial.

O que a Praia Artificial do Massanori, ilustrada na figura 32, reflete é uma mudança socioespacial resultante da inserção do evento, conforme Santos (2017), a partir do qual novos hábitos e conteúdos foram incorporados à realidade cotidiana.

Ainda que não tenha tratado diretamente sobre a temática do lazer, vale a menção ao trabalho de Trindade Júnior (2011) que problematiza intervenções paisagísticas e urbanísticas que por ser dotadas de externalidades distanciam os espaços das experiências ribeirinhas:

Nesses casos, o potencial dos espaços de vivências ribeirinhas são apenas parcialmente aproveitados na concepção desses projetos urbanísticos, ou, quando não são pensados, acabam sendo forçosamente (re)apropriados, ainda que algumas vezes furtivamente, pela população local, contribuindo para a definição de espaços fluidos no interior da cidade. Mesmo assim, não deixam de se distanciar dos espaços de fortes enraizamentos anteriormente apresentados, que se tornam gradativamente pouco aproveitados para efeitos de políticas de desenvolvimento urbano (Trindade Júnior, 2011, p. 12).

A problematização do autor, a qual me associo, tem validade para esta pesquisa, especialmente quando essas intervenções de natureza requalificadoras desconsideram as particularidades do lugar, ou mesmo quando não se considera os hábitos e costumes das populações locais. A resultante desse processo, a considerar os resultados desta pesquisa, são impactos que incidem diretamente nas dimensões do trabalho, da economia e do lazer (quadro 8).

Quadro 8 – Dinâmica fluvial em Altamira-PA, após o evento UHBM

| <b>Habitação</b>      | <b>Economia</b>               | <b>Lazer</b>                 |
|-----------------------|-------------------------------|------------------------------|
| Remoções compulsórias | Empreendimentos de alto valor | Espaços estandardizados      |
| Cercamento do rio     | Extração de areia             | Bares, hotéis e restaurantes |

Fonte: Dados da pesquisa.

O conteúdo do quadro 8 visa reiterar a dimensão relacional do espaço enquanto instância social. Trata-se de uma realidade onde as esferas existenciais do cotidiano, do qual o lazer é nexó, se interpenetram constantemente. Na presente pesquisa, essas dimensões cotidianas são mediadas pelo rio, o qual exerce uma função (i)material para os sujeitos que vivem nessa realidade. A UHBM não barrou apenas o curso natural do rio Xingu, mas transformou uma realidade social, especialmente em relação à economia, à habitação e ao lazer.

Figura 33 – Redes armadas sob as árvores na praia do Massanori/2024



Fonte: Dados da pesquisa.

A considerar que antes de Belo Monte as pessoas atavam suas redes nas árvores quando iam à praia, pela figura 33 fica demonstrada que essa característica cultural local não foi considerada no projeto. Todavia, as reflexões de Trindade Júnior (2011) chamam atenção para o fato de que a realidade material não se apresenta de forma mecânica: “assim sendo, orlas enraizadas podem conviver em um mesmo espaço urbano com orlas fluidas e estandardizadas. Isso acontece porque o espaço resulta de uma acumulação de tempos distintos que se refletem, se superpõem e se justapõem nas paisagens” (Trindade Júnior, 2011, p. 15).

A imagem 33 evidencia o irreduzível, isto é, no espaço que outrora existia cobertura vegetal, organicamente conciliado à dinâmica de vida das pessoas, a empresa concessionária da UHBM construiu uma praia artificial destituída de árvores. Em cada uma das extremidades a empresa inseriu uma espécie de muro de arrimo. Ainda assim, árvores nasceram no local e, como se pode observar, servem como base os sujeitos atarem suas redes, revelando assim a permanência de um elemento cultural do sujeito Amazônida.

A construção da UHBM transformou essa lógica sociedade-rio-natureza, pois provocou a submersão de uma centena de praias, além de produzir simulacros de espaços fluviais, a exemplo das praias artificiais que foram construídas desconsiderando a orgânica relação que as pessoas tinham com as margens dos rios, bem como a importância das árvores para mitigar o clima quente e úmido típico dessa região.

As praias artificiais, conforme figura 33, é apenas um dentre os vários incrementos articulados aos rios de Altamira no contexto da UHBM. Outros conteúdos e formas espaciais emergiram no contexto da UHBM, no entanto, os resultados deste trabalho sugerem uma irreduzibilidade que se caracteriza pela centralidade que o rio e suas margens desempenham no cotidiano da cidade e que marca formas singulares da fruição do lazer.

Figura 34 – Restaurante na margem do rio Xingu em Altamira-PA/2024



Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se que o evento UHBM viabilizou a criação de praias artificiais, parques lineares, bares e restaurantes de alto padrão, das marinas particulares, como também o surgimento de novos conteúdos, a exemplo da natação competitiva, do caiaquismo, da prática do *jet-ski*, ainda assim, esses incrementos subsistem numa interação direta com o rio que permanece dando sustentação a essas novas formas e conteúdos do lazer e que muitas vezes coexistem com antigas formas, nas diferentes espacialidades dos rios de Altamira.

Esse é um fato que retrata a contradição observada ao longo dessa pesquisa, isto é, apesar do incremento e das mudanças socioespaciais trazidas por Belo Monte operacionalizadas à luz do modelo de produção capitalista, o rio continua a exercer centralidade para as vivências de lazer na cidade de Altamira-PA.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Olhando Belém enquanto uma canoa desce o rio  
E o curumim assiste da canoa um Boeing riscando o vazio  
Eu posso acreditar que ainda dá pra gente viver numa boa  
Os rios da minha aldeia são maiores que os de Fernando Pessoa” (Viáfara, 1997).

Os versos em epígrafe traduzem a complexidade da região amazônica, cuja conformação resulta da coexistência de tempos-espaço. A escolha do objeto aqui postulado permitiu-me imergir em uma dessas singularidades, possibilitando-me expor as diferentes camadas que compõem a dinâmica fluvial do lazer em cidades da Amazônia.

Desta forma, na medida em que o rio produz a cidade este é, igualmente, por ela produzido, revelando a tensão e a mediação socioespacial subjacente à relação cidade-rio na Amazônia brasileira.

O esforço empreendido ao longo desta tese foi refletir sobre as práticas de lazer nos rios de uma cidade cuja gênese é ribeirinha, mas que gradativamente incorpora elementos de uma cidade beira-rio (Trindade Júnior, 2011). Tratou-se de uma análise relacional que admitiu a cidade e sua dinâmica como uma totalidade em movimento, conforme estudo de Martins (1996) e Santos (2017).

Os elementos teóricos postulados pelos autores permitiram-me refletir sobre o objeto para além da sua dimensão imediata. Assim, as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira são partes indissociáveis de uma totalidade, cujo entendimento das particularidades está condicionado à compreensão do todo, que não é a mera soma das partes. Esse foi o esforço empreendido ao longo desta tese, isto é, analisar um fenômeno material (as práticas de lazer nos rios urbanos) considerando as repercussões que o evento Belo Monte produziu na dinâmica fluvial do lazer em Altamira-PA.

Essa processualidade de temporalidades-espacialidades que incidem na dinâmica das cidades beira-rio da Amazônia permitiu-me diferenciar, sem reproduzir uma visão essencialista, a cidade ribeirinha da cidade beira-rio. A primeira tipologia guarda conteúdos do lazer mais vinculados à tradição e aos costumes da região, ao passo que a cidade beira-rio assimila crescentemente os elementos modernizadores.

A ressalva feita ao longo desse trabalho é que essas diferenças urbanas e sociais não são mutuamente excludentes, ao contrário disso articulam-se numa dialética mediada por permanências e insurgências, conforme discutido por Trindade Júnior (2011).

Com efeito, ainda que Altamira esboce atualmente características de uma cidade beira-rio, remanesce uma centralidade fluvial nesta cidade a condicionar diferentes elementos da vida cotidiana dos quais o lazer é um nexos, sendo algumas mais tradicionais e outras de natureza mais modernas.

No entanto, a considerar os resultados desta pesquisa, as experiências de lazer nos rios de Altamira somente se completam pela articulação indissociável com outras esferas e práticas da vida cotidiana, a exemplo da habitação, do trabalho e do lazer, conforme demonstrado no trabalho de Trindade Júnior (2011).

A habitação, por exemplo, supõe outra tipologia arquitetônica, especialmente as casas regionalmente denominadas “caneludas”, cuja construção obedece à sazonalidade climática dessa região, e as casas em palafitas, que no espaço urbano se adequam ao tempo de cheia e vazão dos corpos hídricos.

Sendo o rio “a rua” e as casas estando no rio ou sobre o rio, as experiências de lazer como o ato de banhar, mergulhar, pescar ou contemplar tornam-se fatos corriqueiros dessa realidade.

Do mesmo modo, o mundo do trabalho na Amazônia brasileira tem como premissa o tempo dos rios, especialmente o tempo de pescar, de extrair areia, gorgulho/seixo, de criar gado, de produzir o tijolo e a cerâmica, dentre outros elementos da vida material e do trabalho que eventualmente estão associados às práticas do lazer.

Igualmente, a dinâmica dos rios da Amazônia brasileira, como sugeriu Mello (1987), acaba por ditar o ritmo da vida e, neste caso, o ritmo do lazer que se materializa obedecendo à dinâmica climática dessa região. No verão Amazônico, por exemplo, as práticas de lazer estão diretamente associadas às praias de água doce, uma espacialidade que articula o rio, a faixa de areia e a vegetação primária.

Nesta pesquisa, constatou-se que as praias de água doce tinham mais centralidade no período anterior à construção da UHBM, onde o fluxo do rio seguia uma certa regularidade de cheia e vazão, modificados por ocasião da construção do lago permanente da referida usina.

Essa temporalidade anterior à construção da UHBM confere sentido àquilo que denominei de “tempo 01”, uma formulação baseada no estudo de Santos (2017) que me permitiu mobilizar e refletir sobre as práticas de lazer nos rios antes do “evento”.

O “tempo 01” revelou as práticas de lazer enraizadas na cultura local, contexto em que os rios articulavam as relações de vizinhança, parentesco e convivialidade. Esse enraizamento cultural reflete, na dimensão do lazer, os atos de acampar na praia, atar a rede nas árvores que circundam o perímetro da praia ou frequentar certos *points*, como era comum na Praia do Pedral. Considero que essas práticas que se materializaram no período anterior à construção da UHBM ocorriam numa dependência do rio.

A essas práticas de lazer com forte enraizamento cultural ribeirinho, existentes sobretudo no período anterior à construção da UHBM, denominei-as de lazer *do* rio, precisamente por suscitarem uma interação sociedade-natureza onde as dimensões da vida cotidiana como o trabalho, a habitação e o lazer se interpenetravam constantemente.

O marco teórico que fundamentou esta tese, especialmente o estudo de Santos (2017), permitiu compreender a construção da UHBM como um evento. Tratou-se de um acontecimento que expressa e medeia interesses públicos e privados e que ao se materializar no espaço promove transformações.

Assim, as práticas de lazer marcantes no “tempo 01” foram impactadas pela construção dessa megaobra que modificou não apenas o leito e a margem do rio, mas induziu a uma série de novos hábitos e comportamentos, incluindo alguns relativos às práticas de lazer.

Uma das principais transformações relativa ao lazer advindas do evento Belo Monte refere-se à submersão da quase totalidade das praias de água doce, fato que repercutiu centralmente nas práticas de lazer nessas espacialidades fluviais, além de promover a desterritorialização de pelo menos 22 mil pessoas das margens dos rios urbanos de Altamira, local que agora apresenta uma nova estética paisagística: os parques lineares.

Tais intervenções acirraram as transformações das formas-conteúdos da cidade, provocando transições sangrentas entre psicoferas (da floresta à urbana). Esta última, a psicofera urbana, é marcada pelas intervenções requalificadoras, pelo controle do rio e pela expulsão dos empobrecidos das margens desses corpos hídricos situados no núcleo central da cidade, conforme estudo de Lobato e Bahia (2020).

A materialização do evento viabilizou, conforme a reflexão aqui proposta, a emergência do “tempo 02”. Trata-se de uma realidade marcada por novas dinâmicas sociais, o que inclui alterações na paisagem fluvial e nos hábitos dos sujeitos. Essa transformação não apenas reconfigurou o aspecto das territorialidades, das identidades culturais, como foi a base para a emergência de novas formas espaciais e novos conteúdos do lazer. Na perspectiva dos entrevistados, o período posterior à construção da UHBM é referido como o momento da mudança, da restrição, da extinção das praias de água doce e da morte do rio.

Um dado relevante obtido ao longo da pesquisa, e que confere sentido à existência do tempo 02, refere-se à criação das praias artificiais. Trata-se de uma espacialidade que simula as praias do litoral brasileiro, as quais foram construídas como condicionantes aos impactos da UHBM, especialmente devido à extinção da quase totalidade das praias de água doce da cidade.

A construção das praias artificiais marca um importante incremento socioespacial resultante da construção da UHBM, embora haja contradições, sendo uma das principais a falta de vegetação, fato que restringe a frequência dos moradores a essas localidades.

Todavia, o momento posterior ao evento, aqui referido como “tempo 02”, viabilizou o surgimento de novas práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira, aqui nominados de conteúdos latentes ou emergentes. Dentre esses, destaca-se a prática do caiaquismo, os balneários particulares na região periurbana da cidade, os espaços de marinas (empreendimento de alto padrão a beira-rio) os quais servem como base para embarcações fluviais de luxo, a exemplo de iates e *jet-ski*.

As novas espacialidades criadas no momento posterior à construção da UHBM, como os parques lineares e as praias artificiais, assim como a emergência de novos conteúdos do lazer, a exemplo da prática do caiaquismo, da natação em águas abertas com viés competitivo, marcam aquilo que nomeei como sendo o lazer *no* rio, isto é, práticas que se materializam numa paisagem fluvial amplamente modificada pela inserção do evento Belo Monte e que guardam características modernas e externas ao local.

Cabe enfatizar, todavia, que as práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira não ocorrem de forma linear ou de forma fragmentada. A ideia de evento proposta por Santos (2017) permitiu-me operacionalizar um dado fenômeno da realidade, mas sua dinâmica pressupõe uma complexidade maior, uma escala de totalidade. Assim, não se trata de uma análise disjuntiva como se antes de Belo Monte, as práticas de lazer refletissem a cultura ribeirinha, ao passo que no momento posterior tais práticas incorporassem somente elementos da modernidade, do novo.

Esses conteúdos e formas que denotam uma dinâmica são referenciais e expressões que designam uma dada realidade, mas não de forma mutuamente excludente. Isso porque algumas formas espaciais e conteúdos do lazer tendem a permanecer e a se reproduzir noutras temporalidades e espacialidades, aliás esse é o pressuposto teórico que fundamenta essa tese a partir da ideia de espaço como uma totalidade em movimento, conforme estudos de Martins (1996) e Santos (2017).

Considerando essa justaposição de temporalidades, torna-se relevante considerar a noção de fluvialidades nos rios urbanos, um debate que se origina nas reflexões de Miranda Neto; Mendes (2022), ampliada no contexto da presente pesquisa. Desta feita, propus um

cotejamento entre o conceito nativo e o conceito científico, buscando pensar as atividades de lazer nos rios urbanos de forma relacional. A síntese aqui proposta sugere pensar a noção de fluvialidades latentes e fluvialidades emergentes que, apesar de incipiente, pode sinalizar caminhos para se avançar nas pesquisas que têm, como objeto de investigação, as práticas de lazer que se materializam nos rios da Amazônia brasileira.

A partir das características de Altamira, originalmente uma cidade ribeirinha, mas que por vários fatores passa a incorporar padrões de uma cidade beira-rio, foi possível compreender como as experiências de lazer se situam nos rios urbanos desta cidade. Esse exercício analítico revelou as permanências e as emergências das experiências de lazer nos rios urbanos de Altamira que se efetivam reproduzindo uma contradição materializada, de um lado, práticas que associam a (re)existências da cultura ribeirinha. Essa realidade reflete o lazer *do* rio; de outro lado, práticas que incorporam e revelam a lógica da reprodução capitalista e os elementos da modernidade. Trata-se do lazer *no* rio.

No caso da construção da UHBM, evento que norteia do ponto de vista temporal essa análise, houve (re) existências protagonizadas pelos coletivos de ribeirinhos, povos indígenas, movimentos sociais do campo e da cidade, além de órgãos do governo.

Essa constelação de atores sociais e históricos evidenciam a complexidade e a configuração das cidades da Amazônia brasileira que estão à margem dos rios. Tal contexto, exige posicionar o debate do lazer de forma relacional e por isso interdisciplinar.

Espera-se que o estudo aqui apresentado possa contribuir para novas frentes de investigação no campo dos estudos do lazer, encorajando aqueles que constroem este campo de conhecimento a opção em admitir o debate do lazer nos rios urbanos como um objeto com potencial de elucidar questões complexas inerentes à realidade Amazônica e ao universo categorial do lazer.

Do mesmo modo, espera-se que os resultados aqui apresentados possam contribuir para situar as experiências de lazer da Amazônia brasileira no campo dos estudos do lazer. Isso implica superar as categorias e as referências universalizantes, que somente se materializará pela postulação e defesa das singularidades que existem nessa região do Brasil.

Aliás, o esforço dessa tese foi o de apresentar uma dessas especificidades, qual seja: a relação que os sujeitos mantêm com os rios urbanos para as vivências do lazer, as quais subsistem para além das profundas (trans)formações advindas da lógica e das contradições do modo de produção capitalista existentes nesta região.

## REFERÊNCIAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia: Paraíso**. Tradução e adaptação de Willians Glauber, Luciene Ribeiros dos Santos de Freitas. Barueri, SP: Novo Século Editora, 2022. Canto XXXIII, versos 16-21.

ALTAMIRO, Sergio Mol Bessa; NICÁCIO, Luiz Gustavo; ROSA, Maria Cristina. Apresentação. **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/issue/view/2298>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

ALVAREZ, W, P. **Amazônia de domínio da união: expressões da ordem-desordem na exploração do potencial paisagístico na bacia do Jaurucu, baixo rio Xingu –Pará.** 2020. 198 f. Tese (Doutorado em Geografia) –Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

AMARAL, Márcio Douglas Brito. **A guerra das águas: concepções e práticas de planejamento e gestão urbana na orla fluvial de Belém (PA).** UFPA, 2005. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPA\\_badd8fed2192d5afdcf94ada3e3631d8](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPA_badd8fed2192d5afdcf94ada3e3631d8). Acesso em: 12 ago. 2024.

ARAMBURU, Mikel. Aviamento, moderno e pós-moderno no interior Amazônico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n.25, p.8144, 1994. Disponível em: [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_25/rbcs25\\_09.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_09.htm). Acesso em: 12 de agosto de 2024.

BAHIA, Mirleide Char; TAVARES, Maria Goretti da Costa; FIGUEIREDO, Silvio José de Lima (Org.). **Turismo, lazer e patrimônio na Pan-Amazônia.** Belém: NAEA, 2022.

BAHIA, Mirleide Char (Org.). **Novas leituras do lazer contemporâneo.** Belém, 2018.

BAHIA, Mirleide Char. O Lazer e as relações socioambientais em Belém - Pará. **Licere** (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online), v.15, p.1-2-2, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/733>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

BAHIA, Mirleide Char; FIGUEIREDO, Silvio Lima. Os espaços verdes e os equipamentos de lazer: um panorama de Belém. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/906/703>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

BAPTISTA, M. B.; CARDOSO, A. S. Rios e cidades: uma longa e sinuosa história... **Revista da Universidade Federal de Minas Gerais**, Belo Horizonte, v.20, n.2, p.124–153, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/2693>. Acesso em: 28 de junho de 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BELTRÃO, Jane Felipe. Brincadeira ou lazer- um olhar antropológico. **Licere**, Belo Horizonte, n. 6, v. 1, p. 46-60, abril de 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1452/1019>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

BLACKSHAW, Tony (Ed.) **Routledge Handbook of Leisure Studies.** London: Routledge, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRASIL. **Lei 12.651, de 25 de maio de 2012.** Dispõe sobre a proteção da vegetação nativa. Altera as leis nos 6.398, de 31 de agosto de 1981, 9.393, de 19 de dezembro de 1966, revoga as leis no 4.771, de 15 de setembro de 1965, e 7.754, de abril de 1989 e dá outras providências. Brasília: DOU de 28/05/2012.

BRASIL. **Lei n. 9.985, de 18 de julho de 2000.** Regulamenta o art. 225, § 1º, incisos I, II, III e VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 jul. 2000.

BRUM, Eliane. As crianças de Altamira: o massacre dos inocentes nos denuncia na mais violenta cidade Amazônica. **El País**, São Paulo, 14 de ago. de 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/opinion/1565799016\\_403909.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/14/opinion/1565799016_403909.html). Acesso em: 25 de junho de 2022.

CABEZA, Manuel Cuenca. O ócio autotético. **Revista do centro de pesquisa e formação**. maio 2016. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/f0424b9b7e214e59a24f9dd945f7c200.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

CASTRO, Edna. Expansão da fronteira, megaprojetos de infraestrutura e integração sulamericana. **Cadernos CRH, Bahia**, v. 25, n. 64, p. 45-61, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/NZSbnDJdKLMvfNgtDKcp3jb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

COLES, Roger. WLO - an organization on the move. World Leisure Organization, Bilbao, Spain. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.18-23, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/477>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

CORREIA, Jean; GERHARD, Pedro; FIGUEIREDO, Ricardo. Ictiofauna de igarapés de pequenas bacias de drenagem em área agrícola do Nordeste Paraense, Amazônia Oriental. **AmbiÁgua**, Taubaté, v. 7, n. 2, p. 214230, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ambiagua/a/c8VJBRDQyDXT3LTJNYPrffc/?lang=pt>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

COSTA, Antônio Maurício Dias. **Festa na cidade: o circuito bregueiro em Belém do Pará**. 2. ed. Belém: EDUEPA, 2009.

CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Lazer, envelhecimento e participação social. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/download/739/540/3338>. Acesso em: 3 de novembro de 2020.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMAZEDIER, Joffre. Lazer: valores residuais ou existenciais? *In*: QUILLET, Pierre; GAIGNEEBET, Claude; SERVIER, Jean; DUMAZEDIER, Joffre; DUVIGNAUD, Jean. **Histórias dos costumes: éticas e estéticas**. Tradução: Filipe Guerra. Editora: Estampa. Lisboa, 2002.

EDGINTON, Christopher Robert; UVINHA, Ricardo Ricci. Lazer: desenvolvimento e pesquisa a partir de uma perspectiva internacional. **Revista Corpoconsciência**, Santo André, v.12, n.2, p.40-49, jul/dez. 2008. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001783527>. Acesso em: 3 de novembro de 2020.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, R. de A. e; SILVA, C. L. da. Produção Acadêmica sobre Lazer no Brasil: pensando a questão da formação profissional. **Licere - Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, 2012.

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/741/542>. Acesso em: 3 de novembro de 2020.

FIORI, Ana Letícia de; MAURO, Ana Luísa Sertão Almada. De formigas, sementes e boleiros: fazeres *Sateré-Mawé* na Amazônia Brasileira. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor; SPAGGIARI, Enrico (orgs). **Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

FRANÇA, Jessika Paiva; BAHIA, Mirleide Chaar. Espaços públicos, lazer e cidade: conformação de praças públicas em Belém-Pará. **Nova revista amazônica**, v.VII, n.2, setembro 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/nra/article/view/7513>. Acesso em: 3 de novembro de 2020.

FRÉMONT, A. **La région, espace vécu**. Paris: PUF, 1976.

GALLO, Giovanni. **Marajó, a ditadura da água**. Belém: Secult, 1980.

GOMES, Christianne Luce (org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430/279>. Acesso em: 3 de novembro de 2020.

GOMES, Christianne Luce. Stebbins e a “Perspectiva do lazer sério”. **BELA – Blog Estudos do Lazer**, 2023. Disponível em: <https://estudosdolazer.wordpress.com/2023/06/14/stebbinseaperspectivadolazerserio/>. Acesso em: 12 de junho de 2024.

GOMES, Christianne Luce. Stebbins e a “Perspectiva do lazer sério”. **BELA – Blog Estudos do Lazer**, 2023. Disponível em: <https://estudosdolazer.wordpress.com/2023/06/14/stebbins-e-a-perspectiva-do-lazer-serio/>. Acesso em: 12 de junho de 2024.

GOMES, Christianne Luce; FALCÃO, Denise (orgs.). **Lazer e territorialidades: tessituras sociais, culturais e políticas**. Belo Horizonte: Utopika Editorial, 2019. 224 p.

GOMES, Christianne Luce; ISAYAMA, Hélder Ferreira. A criação do seminário “o lazer em debate” e sua transformação em “congresso brasileiro de estudos do lazer”. In: BAHIA, Mirleide Chaar. (org.). **Novas leituras do lazer contemporâneo**. Belém: NAEA/UFPA, 2018. p. 11-33.

GORSKI, Maria Cecília Barbieri. **Rios e cidades: ruptura e reconciliação**. Dissertação (mestrado). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

HARVEY, D. **A justiça social e a cidade**. São Paulo, HUCITEC, 1980.

HARVEY, D. Espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, v.14, n.28, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13641/8841>. Acesso em: 12 de maio de 2022.

HARVEY, D. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro, 2014.

JORGE, Janes. **Tietê: o rio que a cidade perdeu**, São Paulo 1890-1940. São Paulo: Alameda, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, p.134-146, 1992. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/101.pdf>. Acesso em: 12 de junho de 2023.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 35.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEFEBVRE, H. La notion de totalité dan les sciences Sociales. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Paris, v. XVIII, p.55-77, jan./jui. 1995. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i40030204>. Acesso em: 10 de março de 2023.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução não-oficial de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins [do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, [1974]. Primeira versão, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEGENDRE P.; LEGENDRE L. 2 ed. E. A. p. 853, 1998., 2000. Numerical Ecology. **Ecological Modelling**, v.132, n.3, p.303-304. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S030438000000291X>. Acesso em: 10 de novembro de 2024.

LENCIONI, Sandra. Totalidad y e tríades: comprendiendo el pensamiento de Lefebvre. *In*: MATTOS, Carlos de; LINK, Felipe. (Org.). **Lefebvre revisitado: capitalismo, vida cotidiana y el derecho a la ciudad**. Santiago (Chile): RIL Editores, 2015. p.57-77.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Anhembi, 1996.

LIMA, Dula Maria Bento de; GOMBERG, Estélio. Cultura, patrimônio imaterial e sedução no Arraial do Pavulagem, Belém (PA), Brasil. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.53-67, nov. 2012. Disponível em: [http://www.tecap.uerj.br/pdf/v92/dula\\_maria\\_bento\\_de\\_lima\\_e\\_estelio\\_gomberg.pdf](http://www.tecap.uerj.br/pdf/v92/dula_maria_bento_de_lima_e_estelio_gomberg.pdf). Acesso em 10 de dezembro de 2024.

LIMA, Tania Stolze. **A parte do cauim: etnografia Juruna**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. 92 f.

LOBATO, Flavio Henrique Souza; BAHIA, Mirleide Chaar. O Lazer na Periferia da Amazônia: práticas e espaços de Lazer em um "Setor" de Belém (PA). *In*: ENAREL ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 30 e SEMINÁRIO DE ESTUDOS DO LAZER,

9. **Anais...** Paraná, novembro de 2019. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/30enarel/30enarel/schedConf/overview>. Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

LOBATO, Flávio. H. S.; BAHIA, Mirleide Chaar. Entre a psicofera da floresta e a psicofera urbana: um mergulho etnográfico em uma comunidade Amazônica. **Revista Iluminuras**, v. 21, p. 500-526, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/103741/pdf>. Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

LOESCH, C. **Probabilidade e Estatística**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Água da Fonte**. São Paulo: Escrituras, 2008.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônica uma poética do imaginário. In: **Obras reunidas**. São Paulo: Escrituras, 2001. V.4.

LUZ, Rodolfo Alves da. **Mudanças geomorfológicas na planície fluvial do Rio Pinheiros, São Paulo (SP), ao longo do processo de urbanização**. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

MAGNANI, Guilherme. **Abrindo as fronteiras da Etnografia urbana: entrevista com o Professor Dr. José Guilherme Cantor Magnani**. [Entrevista concedida ao laboratório de Estudos Populacionais e Urbanos da UFPA]. In: MENDES; F. J. da C; MIRANDA NETO, J. Q. de. LEPURB, Altamira-PA, n.1, p. 1-25, novembro, 2020. disponível em: [www.lepurb.com.br/post/entrevistamagnani](http://www.lepurb.com.br/post/entrevistamagnani). Acesso em: 10 de dezembro de 2024.

MAGNANI, J. Guilherme. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49. p.1-34, jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. 3. ed. São Paulo: Hucitec-Unesp, 2003.

MALHEIRO, B. C. P.; TRINDADE JÚNIOR, S.-C. C. da. Entre rios, rodovias e grandes projetos: mudanças e permanências em realidades urbanas do baixo Tocantins (Pará). **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 2, 2010. DOI: 10.5216/hr.v14i2.9517. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/9517>. Acesso em: 12 de dezembro de 2024.

MARINHO, A. *et al.* Levantamento dos Grupos de Pesquisa sobre Lazer Cadastrados na Plataforma Lattes: Uma Perspectiva Atual sobre o Estado da Arte no Contexto da Educação Física. **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v.20, n.4, p.129-151, 2017. <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2017.1729>. Acesso em: 12 de dezembro de 2024.

MARROQUES, Jéssica Parreiras. **Corre um rio de lembranças nas encantadas lavadeiras de Almenara: cotidiano, memória e oralidade nos cantos de trabalho**. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MARROQUES, Jéssica Parreiras. **Corre um rio de lembranças nas encantadas lavadeiras de Almenara: cotidiano, memória e oralidade nos cantos de trabalho**. 2021. Dissertação

(Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MARTINS, José de Sousa. As temporalidades da história na dialética de Henri Lefebvre. *In*: MARTINS, José de Sousa (Org). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo, Hucitec, 1996. p. 13-23.

MARTINS, José de Sousa. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2019.

MARTINS, José de Sousa. **Uma sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henry Lefebvre**. São Paulo: Contexto, 2014.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. *In*: MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Albuquerque de (orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 304p. Disponível em: <https://books.scielo.org>. ISBN 978-85-7879-190-2. Acesso em: 11 dez. 2024.

MAURÍCIO, J. S. de S., EUGÊNIO, J. de O., PAULA, J. A. de, SOARES, K. C. P. C., & Nunes, R. R. Lazer e a opção decolonial: diálogos teóricos e possibilidades de construções contra-hegemônicas. *Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, v.24, n.1, p.695–725, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.29756>. Acesso em: 12 de dezembro de 2024.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MELLO, Thiago de. **Amazonas Pátria da Água**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MELLO, Thiago de. **Amazonas, pátria da água**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

MELLO, Thiago de. **Amazonas, pátria da água**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1987.

MENDES, F. J. C., SOUSA, C. A. M., MIRANDA NETO, & J. Q. M. Lazer em Altamira – PA, e as transformações após a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte. **Ateliê Geográfico**, v.14, n.2, p.224-243, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/62111/35268>. Acesso em: 12 de dezembro de 2024.

MENDES, Francivaldo José da Conceição. **Entre o vivido e o concebido: a espacialidade do lazer na vida cotidiana da cidade de AltamiraPA**. 2023. 215 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Pará. Belém/PA.

MENDES, Francivaldo José da Conceição. **Lazer em Altamira-PA: um estudo a partir do RUC Laranjeiras**. 2018. 123 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Linguagens e saberes na Amazônia. Universidade Federal do Pará. Bragança-PA. 2018.

MENDES, Francivaldo Jose da Conceição. O fenômeno do lazer no contexto da Amazônia brasileira: reflexões a partir de Altamira/PA. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 257–281, 2023. DOI: 10.35699/2316-770X.2021.34288. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/34288>. Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

MENDES, Francivaldo José da Conceição; MIRANDA NETO, José Queiroz de; GOMES, Christianne Luce; AMARAL, Márcio Douglas Brito. Do lazer encarcerado aos espaços de desencontro: um estudo em duas praças de Altamira-PA. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE

ESTUDOS DO LAZER, 4 e SEMINÁRIO O LAZER EM DEBATE, 18. **Anais...** Porto Alegre – RS, 2021. Disponível em: [https://www.lepurb.com.br/\\_files/ugd/7ea712\\_9250931d02ee4fd3a492d2b07616b230.pdf](https://www.lepurb.com.br/_files/ugd/7ea712_9250931d02ee4fd3a492d2b07616b230.pdf). Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

MENDES, Francivaldo José da Conceição; MOREIRA, Larici Keli. **Espaços e equipamentos de lazer na cidade de Altamira/PA.** 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física), Universidade do Estado do Pará, Altamira-PA, 2011.

MIRANDA NETO, José Queiroz de. Arquivo do autor. 2022.

MIRANDA NETO, José Queiroz de. **Os nexos de reestruturação da cidade e da rede urbana:** o papel da Usina Belo Monte nas transformações espaciais de AltamiraPA e em sua região de influência. Tese (Doutorado em Geografia) –Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Presidente Prudente – São Paulo, 2016.

MIRANDA NETO, José Queiroz de. Reassentamento da população urbana diretamente afetada pelo empreendimento Hidrelétrico de Belo Monte em Altamira-Pa. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, v.2, n.13. p. 43-57, novembro de 2014. Disponível em: [https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/gerenciamento\\_de\\_cidades/article/view/766/790](https://publicacoes.amigosdanatureza.org.br/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/766/790). Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

MIRANDA NETO, José Queiroz de. Os nexos de re-estruturação da cidade e da rede urbana: as implicações espaciais da instalação da usina de Belo Monte em Altamira-Pa e em sua região de influência. **Revista Formação (ONLINE)**. Vol. 24; n.43, set-dez/2017. p. 65-95. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/4844/4005>. Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

MIRANDA NETO, José Queiroz de.; MENDES, Francivaldo José da Conceição. As fluvialidades em rios urbanos: as relações cidade-rio em Altamira-PA após a construção da UHE Belo Monte. **Revista Caminhos de geografia**. UFU, v.23, n.90, p.161-178, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/61086/35197>. Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

NARITA, S. A., & GOMES, C. L. Lazer nos rios urbanos da Tríplice Fronteira: transformações, contradições e significados. **Revista Brasileira De Pesquisa Em Turismo**, v.10, n.3, p.533–549, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.7784/rbtur.v10i3.926>. Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

NOGUEIRA, Ricardo José Batista. O banho de rio: um mergulho na tradição amazônica. **Confins** [online], n.53, 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/44074>. Acesso em: 07 de novembro de 2024.

NORTE ENERGIA S.A. NESSA. **Plano Básico Ambiental da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.** 2011.

NORTE ENERGIA S.A. **Plano Básico Ambiental da Usina Hidrelétrica de Belo Monte.** 2011.

NUNES *et al.* Lazer e a Opção Decolonial: Diálogos Teóricos e Possibilidades de Construções Contra-Hegemônicas. **Licere - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer**, v.24, n.1, p.695-725, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.29756>. Acesso em: 07 de novembro de 2024.

NUNES, André Costa. **A Batalha do Riozinho do Anfrísio.** Belém-PA: Ed. Fumbel, 2003.

NUNES, Patrícia Barbosa. **Belo Monte e a extinção dos baixões de Altamira-Pa: a difícil territorialização dos reassentados no RUC São Joaquim**. 148 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS. 2021.

NUNES, R. R. Lazer e a opção decolonial: diálogos teóricos e possibilidades de construções contrahegemônicas. **Licere** Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v.24, n.1, p.695–725, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/24476218.2021.29756>. Acesso em: 07 de novembro de 2024.

OLIVEIRA, Jose Aldemir de. **Cidades na selva: urbanização das Amazonas**. 1994. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994. doi:10.11606/T.8.1995.tde-02072024-165411. Acesso em: 2024-12-11.

OLIVEIRA, José Aldemir. **Cidades na selva: urbanização das Amazonas**. Tese (Doutorado em Geografia) –Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, S. N., & DOLL, J. O Lazer Sério de Robert A. Stebbins. **Licere** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, v.17, n.1, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2014.631>. Acesso em: 07 de novembro de 2024.

OSEKI, J. H. A Fluvialidade no Rio Pinheiros: um projeto de estudo. **Revista do Programa de Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP**, São Paulo, 2000.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>. Acesso em: 07 de novembro de 2024.

PEIXOTO, E. Levantamento do estado da arte nos estudos do lazer: (Brasil) séculos XX e XXI – alguns apontamentos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.28, n.99, p.561-586, maio/ago.2007. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 07 de novembro de 2024.

PEREIRA, Alanda Maria Ferro; FERNANDES, Sheyla C. S.; BITTENCOURT, Ig Ibert; FÉLIX, Amarillys. Teoria do fluxo e aprendizagem no contexto brasileiro: uma revisão sistemática de literatura. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v.48, e237870, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/TZHF8h6nCtyC8GycVwpC99J/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

PEREIRA, Pablo Vitor Viana; BAHIA, Mirleide Char. O olhar dos “usuários de lazer” sobre o Parque Mangal das Garças em Belém/PA. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 95-108, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/596/407>. Acesso em: 12 de agosto de 2024.

PESSOA, Elysmeire da Silva de Oliveira. **Amazonas, pátria da água: um mergulho poético-imagético na escrita e na memória amazônica de Thiago de Mello**. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2022.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Amazônia, amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

REIS, Leoncio José de Almeida; CAVICHIOILLI, Fernando Renato; STAREPRAVO, Fernando Augusto. A ocorrência histórica do lazer: reflexões a partir da perspectiva configuracional. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v.30, n.3, p.63-78, maio 2009. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/248/365>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Cuánto más grande mejor? Proyectos de gran escala: una forma de producción vivulada a la expansión de sistemas económicos. **Desarrollo Económico**, v. 27, n.105, junio 1987. Disponível em: <https://www.econbiz.de/Record/desarrollo-econ%C3%B3mico-revista-de-ciencias-sociales/10000462529>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

ROCHA, Douglas Carvalho; MATOS, Lucília da Silva. Lazer DA/NA floresta: as práticas de lazer dos moradores e visitantes da ilha do Combú Belém-PA. *In*: BAHIA, Mirleide Char; FIGUEIREDO, Sílvio Lima (orgs.). **Planejamento e gestão pública do turismo e do lazer**. Belém: NAEA, 2016.

ROJEK, Chris; SHAW, Susan; VEAL, Antony. **A handbook of Leisure Studies**. London: Palgrave Macmillan, 2006.

SANT'ANNA, D. B. **Cidade das águas**: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo. São Paulo: SENAC, 2007.

SANTANA, Daniella Tschöke; RECHIA, Simone; RODRIGUES, Emília Amélia Pinto Costa. As brechas da cidade: a praça de bolso do ciclista da cidade de Curitiba/PR. **Movimento**, Porto Alegre, v.23, n.1, p.311-324, jan./mar. de 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/66384/41034>. Acesso em: 12 de março de 2023.

SANTOS, Flávia da Cruz. Contribuições teóricas e metodológicas da história conceitual para os estudos do lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.1, mar/2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/12325/9881>. Acesso em: 12 de março de 2023.

SANTOS, Flávia da Cruz. O conceito de lazer em nossas investigações. **BELA – Blog Estudos do Lazer**, 11 maio 2022. Disponível em: <https://www.blogestudosdolazer.com>. Acesso em: de março de 2023.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de emprego. *In*: SESC/WLRA. **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico, científico, informacional. 4ed. São Paulo, Editora Hucitec, 1998.

SEABRA, Odette C. de Lima. **Os meandros dos rios nos meandros do Poder. Tietê e Pinheiros**: valorização dos rios e das várzeas na cidade de Paulo. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH/USP, 1987.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Os meandros dos rios nos meandros do Poder. Tietê e Pinheiros**: valorização dos rios e das várzeas na cidade de Paulo. 300f. Tese (Doutorado e, Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

SOUZA, César Augusto Martins. **A estrada invisível**: memórias da Transamazônica. Tese de doutorado pela Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SPRACKLEN, K. *et al.* (Eds.). **The Palgrave Handbook of Leisure Theory**. London: Palgrave Macmillan, 2017.

TEIXEIRA, T. G. Produção e Organização do Conhecimento sobre Esporte e Lazer na Amazônia: desafios da Rede Cedes. **Licere - Revista Do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v.21, n.4, p.549–57, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/1953/1305>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

TRINDADE JUNIOR., S-C. C. Cidades na floresta: os “grandes objetos” como expressões do meio técnico-científico informacional no espaço amazônico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, n.51, p.113-137, mar./set. 2010. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rieb/article/view/34662/37400>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

TRINDADE JUNIOR, S-C. C.; AMARAL, M. D. B.; SILVA, M. A. P. Das “janelas” às “portas” para os rios: compreendendo as cidades ribeirinhas na Amazônia. *In*: TRINDADE JR., S-C. C.; TAVARES, M. G. (Orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008. p. 27-47.

TRINDADE JUNIOR, S. C. De volta ao rio: estratégias de gestão e de (re)apropriação do espaço urbano na área central de Belém. *In*: TRINDADE JR., S. C.; TAVARES, M. G. C. (Orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008. p. 145-156.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Laços & nós: dinâmicas sub-regionais e interfaces cidade-rio na Amazônia. **Revista Geográfica de América Central**, Número Especial EGAL, 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744820433.pdf>. Acesso em: 12 de novembro de 2024.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Urbanodiversidade e pensamento crítico contemporâneo: reflexões a partir das cidades amazônicas. *In*: PACIFICO FILHO, Miguel *et al.* (org.). **Urbanodiversidade** [livro eletrônico]: possibilidades e contradições. 1. ed. Palmas, TO: Editora Universitária - EdUFT, 2022.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. **Vilas e cidades da Amazônia**: paisagens, memórias e pertencimentos. Belém, PA: Paka-Tatu, 2021.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair Cordeiro da; TAVARES, Maria Geralda de Carvalho (orgs.). **Cidades ribeirinhas na Amazônia**: mudanças e permanências. Belém: EDUFPA, 2008.

TRINDADE JÚNIOR, S-C. C. “**Sonhos de rio**”: memorial acadêmico e percursos geográficos de uma trajetória intelectual na Amazônia. Belém: NAEA, 2016.

TRINDADE JÚNIOR, S-C. C. Das "cidades na floresta" às "cidades da floresta": espaço, ambiente e urbanodiversidade na Amazônia brasileira. **Papers do NAEA**, Belém, v. 321, p. 1-22, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/11281/7767>. Acesso em: 12 de abril de 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UMBUZEIRO, A. U. B.; UMBUZEIRO, U. M. **Altamira e sua história**. 4. ed. Belém: Ponto Press, 2012.

UMBUZEIRO, Antônio Ubirajara Bogea. **História e iconografia do vale do Xingu**. Juiz de Fora: Editora Garcia, 2023.

UMBUZEIRO, Ubirajara Bogea. **Moleque do Xingu**. 2017.

UVINHA, R. R. Lazer numa perspectiva internacional: relações temáticas com o turismo, os esportes e a educação na China atual. **Licere - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v.11, n.3, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/899/696>. Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

VALLADARES, M. B.C. Entre a natureza e o artifício: percepções e perspectivas nos projetos para parques urbanos e orlas fluviais na Amazônia. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** v.11, n.1, maio 2009. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/211/195>. Acesso em: 13 de dezembro de 2024.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A Aventura Sociológica**. RJ, Zahar, 1978.

VIÁFORA, Celso. **Olhando Belém**. In: CELSO VIÁFORA. *Palavra*. São Paulo: Velas, 1997. Faixa 3, 1 CD.

VILHENA, Ana Paula. **Eles são os considerados do setor**: uma etnografia sobre a sociabilidade e consumo entre jovens de equipes nas festas de aparelhagem em Belém do Pará. Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Belém: Universidade Federal do Pará, 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/ZcqxhghZk9936mxW5GRrhq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

XAVIER, Diego Moraes; PEREIRA JÚNIOR, Antônio. Avaliação qualitativa e quantitativa dos impactos ambientais na zona urbana do igarapé Altamira, Altamira, Pará, Brasil. **Research**,

**Society and Development**, v.10, n.3, e41810313577, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13577/12139>. Acesso em: 11 de dezembro de 2024.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec/Educ. 1997.

## APÊNDICE

## APÊNDICE A – Roteiro dos Questionários

# Lazer nos rios urbanos de Altamira-PA- antes de Belo Monte

*Entre os rios e a hidrelétrica: práticas de lazer rios urbanos de Altamira-PA- Pesquisa aprovada junto ao CONEP (CAAE: 43998321.5.0000.0018) e em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer- PPGIEL/UFMG/Brasil.*

\* Indica uma pergunta obrigatória

---

1. Em qual bairro você residia antes da construção de Belo Monte? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Bela Vista
  - Jardim Independente III
  - Jardim Independente II
  - Jardim Independente I
  - Jardim Oriente
  - Sudam II
  - Sudam I
  - Uirapuru
  - Centro
  - Esplanada do Xingu
  - Açaizal
  - Brasília
  - Ilvalândia
  - Aparecida
  - Mutirão
  - Liberdade
  - Colinas
  - Alberto Soares
  - 
  -
-

Opção 19

Outro:

## 2. Qual sua idade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Entre 30 e 35 anos
- Entre 36 e 40 anos
- Entre 41 e 45 anos
- Entre 46 e 50 anos
- Entre 51 e 55 anos
- Acima de 56 anos

## 3. Qual sua identidade de gênero? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Masculino
- Feminino
- Masculino trans
- Feminino trans
- Não binário
- Outro: \_\_\_\_\_

## 4. Antes de Belo Monte qual era sua ocupação? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Servidor público- Educação
- Pescador
- Areeiro
- Barqueiro
- Estivador
- Servidor público- segurança pública
- Empregado- comércio local
- Agricultor
- Empresário
- Profissional liberal (advogado, dentista)
- Empregado- construção civil
- Dono de bar-restaurante a beira rio
- Trabalhador informal
- Outro: \_\_\_\_\_

## 5. Qual era a sua renda salarial antes da construção da Usina Belo Monte? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Até um salário mínimo
- Entre 1 salário mínimo e 2 salários
- Entre 3 salários mínimo e 5 salários
- Mais de 5 salários

6. Antes de Belo Monte Você morava em casa de arquitetura em palafita? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

7. Antes da construção da Usina Belo Monte quantas pessoas moravam com você? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- mais de 6

8. Antes de Belo Monte, de que maneira você se deslocava para a orla do Xingu? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- A pés
- De bicicleta
- De motocicleta
- De carro
- Outro: \_\_\_\_\_

9. Antes de Belo Monte, com que frequência você ia ao rio Xingu? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Diariamente
- Semanalmente
- Aos fins de semana
- 1 vez por mês
- Somente no verão
- Somente no inverno
- Outro: \_\_\_\_\_

frequência?

*Marcar apenas uma oval.*

- Para "cima"- praias
- Para "baixo"- pescar
- Para "cima"- pescar
- Para "baixo"- praias
- Outro: \_\_\_\_\_

11. Antes de Belo Monte, quais eram as principais praias que você frequentava no rio Xingu? \*

Pode-se marcar mais de uma opção.

*Marque todas que se aplicam.*

- Olivete
- Massanorio
- Prainha
- Pedral
- Pajé
- Arapaujá
- Arapujazinho
- Sossego
- Amor
- Besouro
- Louro
- Adalberto
- Outro: \_\_\_\_\_

12. Antes da construção de Belo Monte, qual meio de transporte você utilizava para ir aos seus lugares favoritos no rio Xingu? \*

Pode-se marcar mais de uma opção.

*Marque todas que se aplicam.*

- Canoa  
 Voadeira  
 Barco  
 Balsa  
 Rabeta  
 Jet Ski  
 Outro: \_\_\_\_\_

13. A respeito da embarcação que você utilizava para ir ao rio, qual era o seu tipo de uso ? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Embarcação própria  
 Embarcação alugada  
 Embarcação emprestrada  
 Outro: \_\_\_\_\_

14. Antes de Belo Monte, em qual período do ano você ia com mais frequência ao rio Xingu? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Inverno  
 Verão

16. Se você costumava ir a ilhas, a quem pertencia essa ilha? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Propriedade particular
- Propriedade de amigos
- Não ia a ilha
- Outro: \_\_\_\_\_

17. Antes de Belo Monte com quem você costumava ir ao rio Xingu no seu tempo de lazer? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Amigos
- Família
- Sozinho
- Outro: \_\_\_\_\_

18. Antes de Belo Monte qual atividade você mais gostava de vivenciar no rio Xingu? \*

Pode-se marcar mais de uma opção.

*Marque todas que se aplicam.*

- Pesca
- Banho
- Praia
- Acampar
- Outro: \_\_\_\_\_

19. Antes de Belo Monte, você frequentava algum bar/restaurante a beira rio? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Não

Sim

20. Antes de Belo Monte, caso você frequentasse algum bar/restaurante em que parte do rio o estabelecimento se localizava? \*

*Marque todas que se aplicam.*

Prainha

Pedral

Massanori

Ponte do Ambé

Pajé

Orla da cidade (quiosques)

Pepino

Porto Seis

Outro: \_\_\_\_\_

21. Antes de Belo Monte, qual desses rios urbanos você morava mais próximo? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Igarapé Altamira

Igarapé Ambé

Igarapé Pannels

22. Antes da construção da Usina Belo Monte, qual dos rios abaixo você utilizava com mais frequência para alguma atividade de lazer? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Igarapé Panelas  
 Igarapé Ambé  
 Igarapé Altamira

23. Antes de Belo Monte, quais eram as principais atividades de lazer que você realizava no rio urbano anteriormente citado? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Banho  
 Pesca  
 Futebol na margem do rio  
 Voleibol na margem do rio  
 Outro: \_\_\_\_\_

24. De que maneira você se deslocava até esse rio urbano que você ia com frequência? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- A pés  
 De carro  
 De motocicleta  
 Outro: \_\_\_\_\_



25. Antes de Belo Monte, quais eram as principais atividades de lazer que você realizava no rio urbano anteriormente citado? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Banho
- Pesca
- Futebol na margem do rio
- Voleibol na margem do rio
- Outro: \_\_\_\_\_

26. De que maneira você se deslocava até esse rio urbano que você ia com frequência? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- A pés
- De carro
- De motocicleta
- Outro: \_\_\_\_\_

## 27. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE. \*

Prezado(a) voluntário(a):

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa *Entre os rios e a hidrelétrica: práticas de lazer rios urbanos de Altamira-PA*.

Informamos que sua participação é voluntária, sem qualquer tipo de remuneração financeira ou despesas e você tem o direito de retirar/cancelar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de retaliação pela sua decisão.

Ressaltamos que esta pesquisa integra uma agenda de estudo mais ampla, aprovada junto ao CONEP (CAAE: 43998321.5.0000.0018). Para obter maiores esclarecimentos sobre as questões éticas você pode contactar diretamente o pesquisador responsável, supramencionado.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: você responderá a diferentes perguntas feitas pelo pesquisador sobre as experiências de lazer mantidas nos rios urbanos de Altamira-PA, no período anterior e posterior à construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte. Entre os riscos oferecidos por esta pesquisa a você destaca-se: **1- Desconforto pessoal ao responder as várias perguntas desta pesquisa, 2- Interferência nos seus afazeres diários**. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Seus dados serão apenas utilizados para a realização dessa pesquisa científica.

Todas as informações coletadas receberão um tratamento ético e serão utilizadas somente na pesquisa, sendo mantidas no Laboratório de Pesquisa LUCE/UFMG (campus UFMG Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6627 – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Sala 3, telefone (31)3409-2333), por um período de cinco anos e após este tempo serão destruídas.

Caso deseje, uma cópia deste formulário com o termo de consentimento poderá ser fornecida a você, por e-mail.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada – essa pesquisa se tem previsão de término para dezembro de 2024. Você terá total liberdade para esclarecer qualquer dúvida com o pesquisador responsável, pelo telefone (93) 99155-3555, por e-mail [francivaldo.edfisica@gmail.com](mailto:francivaldo.edfisica@gmail.com).

Clicando em "sim, eu quero participar da pesquisa", você está concordando com o que foi explicado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido acima.

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim, eu entendo e quero participar da pesquisa. Li e entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados conforme o explicado.

## Lazer nos rios urbanos de Altamira-PA- depois de Belo Monte

*Entre os rios e a hidrelétrica: práticas de lazer rios urbanos de Altamira-PA- Pesquisa*

aprovada junto ao CONEP (CAAE: 43998321.5.0000.0018) e em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer- PPGIEL/UFMG/Brasil.

*\* Indica uma pergunta obrigatória*

1. Em qual bairro você reside atualmente? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Bela Vista
- Jardim Independente III
- Jardim Independente II
- Jardim Independente I
- Jardim Oriente
- Sudam II
- Sudam I
- Uirapuru
- Centro
- Esplanada do Xingu
- Açaizal
- Brasília
- Ilvalândia
- Aparecida
- Mutirão
- Liberdade
-

Colinas

Alberto Soares

Terras de Bonanza

- Cidade Jardim-buriti
- Cidade Nova
- Loteamento Viena
- Loteamento Ayrton Sena I
- Loteamento Ayrton Sena II
- Santa Benedita
- Paixão de Cristo
- Loteamento Mexicano
- São Sebastião
- Outro:

2. Qual sua identidade de gênero? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Masculino
- Feminino
- Masculino trans
- Feminino trans
- Não binário
- Outro: \_\_\_\_\_

3. Atualmente qual é a sua ocupação? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Servidor público- Educação
- Pescador
-

Areeiro

- Barqueiro
- Estivador
- Servidor público- segurança pública
- Empregado- comércio local
- Agricultor
- Empresário
- Profissional liberal (advogado, dentista)
- Empregado- construção civil
- Dono de bar-restaurante a beira rio
- Trabalhador informal
- Outro:

4- Atualmente, qual é a sua renda?

- Até um salário mínimo
- Entre 1 salário mínimo e 2 salários
- Entre 3 salários mínimo e 5 salários
- Mais de 5 salários

5. Atualmente Você mora em casa de arquitetura em palafita? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

6. Quantas pessoas moram com você atualmente? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 1
- 2
- 3

- 4
- 5
- mais de 6

7. Atualmente, de que maneira você se desloca para a orla do Xingu? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- A pés
- De bicicleta
- De motocicleta
- De carro
- Outro:

8. Atualmente, com que frequência você vai ao rio Xingu? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Diariamente
- Semanalmente
- Aos fins de semana
- 1 vez por mês
- Somente no verão
- Somente no inverno
- Outro: \_\_\_\_\_

9. Atualmente, para qual parte do rio Xingu você vai com mais frequência? \*

Pode-se marcar mais de uma opção.

*Marque todas que se aplicam.*

- Para "cima"- praias
- Para "baixo"- pescar
- 
-

Para "cima"- pescar

Para "baixo"- praias

Outro: \_\_\_\_\_

10. No tempo atual, quais são as principais praias que você frequenta no rio Xingu? \*

Pode-se marcar mais de uma opção

*Marque todas que se aplicam.*

- Olivete
- Praia artificial do Massanori
- Prainha
- Pedral
- Pajé
- Arapaujá
- Arapujazinho
- Sossego
- Amor
- Besouro
- Louro
- Praia artificial do Adalberto
- Praia artificial da Orla
- Outro: \_\_\_\_\_

11. Atualmente, qual meio de transporte você utiliza para ir aos seus lugares favoritos no rio Xingu? \*

Pode-se marcar mais de uma opção.

*Marque todas que se aplicam.*

- Canoa
- Voadeira
- Barco
- Balsa
- Rabeta
- Jet Ski
- Outro: \_\_\_\_\_

12. A respeito da embarcação que você utilizava para ir ao rio, qual é o seu tipo de uso? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Embarcação própria
- Embarcação alugada
- Embarcação emprestrada
- Outro: \_\_\_\_\_

13. Atualmente, qual é o período do ano em que você vai com mais frequência ao rio Xingu? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Inverno
- Verão

14. Você costuma ir a ilhas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Sim

15. Se costuma ir a ilha, a quem pertence essa ilha? \*

Pode-se marcar mais de uma opção.

*Marque todas que se aplicam.*

- Minha propriedade
- Propriedade de amigos
- Terras da União
- Ilha na terra indígena
- Não vou a ilha
- Outro: \_\_\_\_\_

16. Com quem você costuma ir ao rio Xingu no seu tempo de lazer? \*

Pode-se marcar mais de uma opção.

*Marque todas que se aplicam.*

Amigos

Família

Sozinho

Outro: \_\_\_\_\_

17. Você foi removido pela Norte Energia da sua antiga casa para um dos RUCs? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

18. Para qual RUC você foi removido? \*

*Marcar apenas uma oval.*

RUC Jatobá

RUC Água Azul

RUC Laranjeiras

RUC São Joaquim

Não fui removido

19. Atualmente, você ainda reside no RUC para onde foi removido pela Norte Energia? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Sim

Não

Não fui removido

20. O que levou você a se mudar do RUC para onde foi removido? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Muito longe do centro da cidade
- Falta de infraestrutura (saneamento, água, energia, saúde)
- Falta de transporte público
- Violência
- Muito distante do rio Xingu
- Não me mudei do RUC
- Não fui removido para um RUC
- Outro: \_\_\_\_\_

21. Qual atividade você mais gosta de vivenciar no rio Xingu? \*

Pode-se marcar mais de uma opção.

*Marque todas que se aplicam.*

- Pesca
- Banho
- Praia
- Acampar
- Outro: \_\_\_\_\_

22. Atualmente você frequenta algum bar/restaurante a beira rio? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

23. Caso você frequente algum bar/restaurante em que parte do esse estabelecimento se localiza? \*

Pode-se marcar mais de uma opção.

*Marque todas que se aplicam.*

- Pedral
- Massanori
- Orla da cidade (quiosques)
- Orla da cidade (peixarias)
- Orla da cidade (restaurantes dos hotéis)
- Outro: \_\_\_\_\_

24. Qual desses rios urbanos você mora mais próximo? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Igarapé Altamira
- Igarapé Ambé
- Igarapé Panelas

25. Qual dos rios abaixo você utiliza com mais frequência para alguma atividade de lazer? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Igarapé Panelas
- Igarapé Ambé
- Igarapé Altamira
- Outro: \_\_\_\_\_

26. Quais são as principais atividades de lazer que você realiza no rio urbano anteriormente citado? \*

*Pode-se marcar mais de uma opção.*

*Marque todas que se aplicam.*

- Banho
- Pesca
- Futebol na margem do rio
- Voleibol na margem do rio
- Outro: \_\_\_\_\_

27. De que maneira você se desloca até esse rio urbano? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- A pés
- De carro
- De motocicleta
- De transporte público
- Outro: \_\_\_\_\_

28. Você costuma ir à orla da cidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

29. Quando vais a orla qual tipo de estabelecimento de lazer costuma frequentar? \*  
*Pode-se marcar mais de uma opção.*

*Marque todas que se aplicam.*

Bares/restaurantes

Pizarias

Hoteis

Praças

Quadra de basquete

Quadra de vôlei de areia

Trapiche

"Cais novo"

Outro: \_\_\_\_\_

30. Na orla do Xingu qual atividade você costuma realizar de forma independente? \*  
*Pode-se marcar mais de uma opção.*

*Marque todas que se aplicam.*

Slackline

Pequenique

"new dance"

Contemplar o pôr-do-sol

Contemplar o nascer do sol

Contemplar o rio

Outro: \_\_\_\_\_

31. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE.  
\*

Prezado(a) voluntário(a):

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa *Entre os rios e a hidrelétrica: práticas de lazer rios urbanos de Altamira-PA*.

Informamos que sua participação é voluntária, sem qualquer tipo de remuneração financeira ou despesas e você tem o direito de retirar/cancelar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de retaliação pela sua decisão.

Ressaltamos que esta pesquisa integra uma agenda de estudo mais ampla, aprovada junto ao CONEP (CAAE: 43998321.5.0000.0018). Para obter maiores esclarecimentos sobre as questões éticas você pode contactar diretamente o pesquisador responsável, supramencionado.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: você responderá a diferentes perguntas feitas pelo pesquisador sobre as experiências de lazer mantidas nos rios urbanos de Altamira-PA, no período anterior e posterior à construção da Usina Hidrelétrica Belo Monte. Entre os riscos oferecidos por esta pesquisa a você destaca-se: **1- Desconforto pessoal ao responder as várias perguntas desta pesquisa, 2- Interferência nos seus afazeres diários.** Seu nome ou o material que indique sua participação não será

liberado sem a sua permissão. Seus dados serão apenas utilizados para a realização dessa pesquisa científica.

Todas as informações coletadas receberão um tratamento ético e serão utilizadas somente na pesquisa, sendo mantidas no Laboratório de Pesquisa LUCE/UFMG (campus UFMG Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6627 – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Sala 3, telefone (31)3409-2333), por um período de cinco anos e após este tempo serão destruídas.

Caso deseje, uma cópia deste formulário com o termo de consentimento poderá ser fornecida a você, por e-mail.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada – essa pesquisa se tem previsão de término para dezembro de 2024. Você terá total liberdade para esclarecer qualquer dúvida com o pesquisador responsável, pelo telefone (93) 99155-3555, por e-mail [francivaldo.edfisica@gmail.com](mailto:francivaldo.edfisica@gmail.com).

Clicando em "sim, eu quero participar da pesquisa", você está concordando com o que foi explicado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido acima.

*Marcar apenas uma oval.*

Sim, eu entendo e quero participar da pesquisa. Li e entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados conforme o explicado.

## APÊNDICE B – Roteiro das entrevistas abertas

Apesar de as entrevistas serem “abertas”, alguns elementos guiaram a interlocução entrevistado-entrevistador.

- 1- **Perfil básico do entrevistado:** idade, escolaridade, renda, local onde nasceu, local onde mora atualmente, composição familiar, gênero;
- 2- **Histórias de Vida:** Os entrevistados responderão acerca da sua trajetória de vida na cidade de Altamira-PA, desde suas lembranças mais tenras até o presente momento. Em toda essa trajetória os entrevistados serão estimulados a falar da sua relação com os rios urbanos de Altamira-PA em relação às práticas de lazer;
- 3- **Compreensão de lazer a partir das vivências fluviais:** Nesse ponto os entrevistados serão estimulados a falar a respeito do significado das práticas de lazer nos rios urbanos de Altamira-PA;
- 4- **Principais conteúdos do lazer, antes da construção da UHBM:** os entrevistados serão perguntados acerca principais práticas de lazer que ocorriam nos rios urbanos de Altamira, no momento anterior à construção da UHBM;
- 5- **As praias de águas:** os entrevistados serão estimulados a narrar suas interações, no momento anterior à construção da UHBM, com as praias de água doce presentes na cidade de Altamira;
- 6- **O impacto da construção da UHBM nas práticas de lazer:** os entrevistados serão demandados a dialogar a respeito das repercussões socioespaciais advindas da construção da UHBM, bem como das suas repercussões na dinâmica do lazer nos rios urbanos de Altamira;
- 7- **Submersão das praias de águas e criação das praias artificiais:** os entrevistados serão estimulados a falar, no momento posterior à construção da UHBM, a respeito das suas interações com as praias artificiais de Altamira, bem como a respeito da submersão das dezenas de praias de água doce;
- 8- **Novos conteúdos do lazer:** os entrevistados serão perguntados acerca das novas práticas de lazer que eventualmente surgiram no momento posterior à construção da UHBM, tanto nos rios urbanos, quanto em suas margens;